



CICATRIZES

Pintadas

PERFEITAMENTE IMPERFEITA VOL. I

NEVA ALTAJ



CICATRIZES
pinTadas

CICATRIZES PINTADAS

Perfeitamente Imperfeita – Livro 1

Neva Altaj

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Assistente Editorial: Tiago Toy

Tradução: Tiago Toy

Preparação: Raquel Escobar

Revisão: Patrini Viero

Adaptação de Capa: Elaine Cardoso

Diagramação Digital: I A N D R A D E

Sumário

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Aviso de conteúdo sensível](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[Sobre a autora](#)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Sinopse

Nina

Charmoso, cativante e sedutor,

E um assassino a sangue-frio.

Mesmo assim, casei com o Pakhan da Bratva Russa.

Não tive escolha. Fazia parte do acordo.

Agora, estou fingindo felicidade conjugal enquanto tremo de medo,
e não vejo a hora de me livrar das garras desse homem cruel.

Roman

Consigo tudo o que desejo.

E quero essa pequena manipuladora perfeitamente imperfeita.

A maneira como ela consegue enganar todos para acreditarem que
está loucamente apaixonada por mim só me faz desejá-la ainda mais.

Ela ainda não sabe, mas não vou deixá-la ir.

O acordo está anulado.

Cicatrizes Pintadas é um romance de máfia completo, sem traições e com um “felizes para sempre” garantido.

Este é o primeiro livro da série de máfia “Perfeitamente Imperfeita” e, comparado às suas sequências, não é excessivamente sombrio. Cicatrizes Pintadas é sobretudo uma história de amor com foco no relacionamento entre Nina e Roman. Embora contenha algumas cenas de violência, é consideravelmente mais leve do que as continuações.

Nota da Autora

Querido leitor, algumas palavras em russo são mencionadas no livro, então aqui estão as traduções e seus significados:

Pakhan – пахан é o chefe da máfia russa.

Bratva – брaтвá é o crime organizado russo, ou a máfia russa.

Malysh – малыш (pequenino) é usado como um termo carinhoso no lugar de “bebê”. A palavra é masculina, mas pode ser usada como gênero neutro. Há uma versão feminina – малышка (*malyshka*) – que também pode ser usada para se dirigir a uma parceira (mulher), mas a maioria prefere *malysh*.

Kukolka – куколка (bonequinha) é um diminutivo de *kukla*, que significa “boneca”.

Milaya – милая (querido, amado) é usado como um termo carinhoso em vez de “querido ou meu bem”.

Piroshki – пирожки́ (tortas artesanais) são pequenos bolos recheados com carne, frutas ou legumes, delicadamente picados. Podem ser assados ou fritos.

Morozhenoe – мороженое (sorvete).

Uma observação quanto aos sobrenomes russos:

A maioria dos sobrenomes de mulheres russas casadas é formada pela adição de um “a” no final do sobrenome do marido (por exemplo, Petrov = Petrova). Os russos que vivem no exterior podem se ajustar às regras locais, e tanto o marido quanto a esposa terão o mesmo sobrenome na carteira de motorista e em outros documentos, para evitar confusão (Roman Petrov e Nina Petrov). No entanto, a esposa ainda deve ser tratada como Nina Petrova pelos russos, a despeito do país no qual residem.

Aviso de conteúdo sensível

Esteja ciente de que este livro inclui conteúdo capaz de gerar gatilho em certos públicos: violência doméstica, menções de abuso e descrições gráficas de violência e tortura (nenhuma ocorre entre o herói e a heroína).

Prólogo

Roman

Bip. Bip.

Cheiro forte de hospital. Parece que sobrevivi.

Tento abrir os olhos. Não dá certo. É provável que a anestesia ainda esteja passando. Pelo menos não há mais dor. Ouço vozes abafadas à minha esquerda, mas estão baixas e, embora soem familiares, não as reconheço.

Bip. Bip.

— Ele consegue nos ouvir?

— Não. Está fortemente sedado.

Bip.

— Vai sobreviver?

— Sim. Infelizmente. Os ferimentos no peito não eram tão graves. Ele foi remendado.

— Sempre podemos tentar de novo. Culpar os italianos outra vez.

— É arriscado demais. As pessoas são leais ao Pakhan. Se alguém suspeitar de mim, acabarei em uma cova.

Bip.

— Pode haver um lado positivo. Os estilhaços destruíram o joelho dele.

— E daí?

— O médico disse que ele não voltará a andar. Se alguém mais capaz entrar em cena... As pessoas, por mais leais que sejam, dificilmente

apoiarão um Pakhan que está em uma cadeira de rodas se receberem uma opção melhor.

— Bem, acho que tivemos sucesso no final das contas.

Dois pares de passos se afastam e, em seguida, uma porta se fecha.

Roman

Três meses depois

Nunca há drogas o bastante.

Coloco a folha cheia de anotações na pilha de papéis na minha mesa e me concentro nos números na tela do *laptop*.

— Ligue para Sergei. — Inclino-me para trás na cadeira de rodas e olho para Maxim, sentado do outro lado da mesa. — Preciso que ele providencie duas remessas adicionais este mês.

— Ele já negociou as quantidades do trimestre com Mendoza. Não sei se os mexicanos conseguem dobrar em um prazo tão curto.

— Vão conseguir. Agora me diga que merda aconteceu, porque conheço bem esse olhar e sei que não vou gostar da resposta.

— Samuel Grey desviou três milhões de dólares. Nosso dinheiro.

Suspiro e balanço a cabeça.

— Quem é Samuel Grey, por que teve acesso ao nosso dinheiro e como conseguiu fazer isso?

— Nosso mediador imobiliário. O valor era destinado à compra de mais dois lotes perto do armazém norte. Grey achou que poderia pegar nosso dinheiro emprestado por uma semana para um investimento, e o negócio acabou se tornando um esquema Ponzi.

Até que ponto uma pessoa precisa ser idiota para roubar da Bratva? Às vezes fico impressionado com a estupidez dessa gente.

— Ele consegue devolver o dinheiro? — pergunto.

— Não.

— Mate-o. E faça dele um exemplo.

— Eu tinha outra coisa em mente. As pessoas... elas estão começando a falar, Roman. Precisamos de uma distração, rápido. Acho que Grey pode nos dar isso.

— Ah, é? E sobre o que elas estão falando?

Conheço Maxim desde quando ele começou a trabalhar para meu pai, duas décadas atrás, como soldado raso. O velho Pakhan nunca conseguiu determinar o potencial de uma pessoa. Desperdiçar um homem tão competente como Maxim, designando-o para o trabalho de campo básico, foi um dos muitos erros corrigidos por mim assim que me tornei chefe, há doze anos. Logo depois que matei o canalha.

— Você. Ainda solteiro.

Essa história já é velha.

— Mas isso não é tudo, é? O que mais? — Estreito os olhos para o sujeito.

Ele não está me encarando, permanece concentrado em algo na parede atrás de mim.

— Há rumores de que não será capaz de comandar a Bratva por muito mais tempo e outra pessoa tomará seu lugar. Alguém mais... fisicamente capaz.

— E você compartilha dessa opinião?

— Não me insulte, Roman. Sabe que sempre estive ao seu lado e continuarei fazendo isso. Mesmo que não ache você seja o Pakhan mais competente que a Bratva já teve. Mas está escondido aqui há três meses. Não foi a nenhum de nossos clubes para verificar as operações, como fazia pelo menos uma vez por mês antes da explosão. E não foi visto com nenhuma mulher.

— Quer dizer que o *status* da minha vida sexual é um indicador melhor da minha capacidade de administrar a Bratva do que o fato de termos dobrado nosso lucro nos últimos dois meses?

— As pessoas precisam da sensação de estabilidade, Roman. Elas ainda se lembram de como seu pai assumiu o lugar do Pakhan anterior e o caos que veio em seguida. Os Bratva perderam mais de cinquenta integrantes em conflitos internos, e os negócios foram devastados. Elas precisam saber que isso não vai se repetir. Uma esposa significa que haverá um herdeiro pronto para assumir seu lugar quando chegar a hora, sem guerra interna ou mortes.

— Não vou me prender a uma mulher qualquer pelo resto da vida só para pacificar nossos homens.

— Deixe-me lhe mostrar uma coisa. — Maxim pega o celular e começa a rolar a tela. — Minha filha frequentou a escola com a filha de Samuel. Elas não eram amigas íntimas nem nada, mas saíam juntas com frequência, e me lembro dela me mostrando os vídeos que fazia. Pedi para me enviar um deles ontem à noite, quando soube o que Samuel Grey fez.

— O que vídeos de adolescentes têm a ver com minha capacidade de liderar a Bratva?

— Bem, ela não é mais uma adolescente. Nina Grey terminou os estudos no Instituto de Arte aqui em Chicago em dois anos em vez de quatro, e atualmente é a jovem artista mais procurada do país. Suas pinturas são vendidas por quatro dígitos cada.

— Então vamos contratá-la para pintar um retrato de família nosso? — Aperto a ponte do nariz. — Você não tem nem cinquenta anos. Está ficando senil cedo?

— Não vamos contratá-la para pintar um retrato nosso. Vamos chantageá-la. A vida do pai em troca de seus serviços.

— Para fazer o quê?

— Para casar com você, Roman. Bem, pelo menos temporariamente.

Encaro meu subchefe por alguns segundos e depois caio na gargalhada.

— Você perdeu a cabeça.

— Perdi? — Ele cruza as mãos e se inclina para trás. — E o que o terapeuta disse? Sobre sua perna.

— Ele espera que eu recupere até 80% dos movimentos.

— O que isso significa?

— Significa muletas, na pior das hipóteses. Na melhor, uma bengala.

— Isso é bom. De quanto tempo estamos falando? Um mês?

Eu o encaro e cerro os dentes.

— Pelo menos mais seis meses de fisioterapia.

— Que merda, Roman. — O homem levanta a mão e aperta as têmporas. — Não podemos esperar tanto tempo. Precisamos de algo agora, ou teremos motins.

Olho pela janela e suspiro. Maxim geralmente está certo.

— Está dizendo que ou eu tenho duas pernas funcionando ou uma esposa? Não vou andar tão cedo, Maxim.

— Bem, nesse caso, vamos providenciar uma esposa para você até que ande.

— Isso é ridículo. Não posso chantagear uma mulher desconhecida para que finja ser minha esposa por seis meses, especialmente uma que não tem nenhuma conexão com nosso mundo. Ela provavelmente ficará aterrorizada. Ninguém vai acreditar nisso.

— Veja isso — diz Maxim, e coloca o celular na minha mão.

O vídeo está granulado, talvez por ter sido gravado anos atrás, mas a iluminação é boa, e posso ver o interior de uma sala com vários adolescentes sentados em semicírculo, de costas para a câmera. O único rosto visível é o de uma garota de cabelos escuros sentada de pernas cruzadas diante do grupo. A câmera aproxima o *zoom*, colocando em foco suas feições de fada e os olhos escuros. Fico imaginando qual seria a aparência dela agora.

— Consegue imitar a Sra. Nolan? — pergunta alguém do semicírculo. — Quando ela fala sobre seus gatos?

— De novo? — gemeu a jovem Nina Grey. — Que tal alguém diferente? Talvez um político?

Há um som coletivo de descontentamento, e vários adolescentes gritam “Sra. Nolan”. A pequena Nina balança a cabeça, sorri e fecha os olhos. Quando ela os abre de novo e começa a falar, pego-me trazendo o telefone para mais perto, impressionado. Ela está falando, mas não presto atenção nas palavras. Estou completamente absorto em observar a mímica em seu rosto, a maneira como o olho direito treme de leve quando ela se pronuncia, como acentua as palavras. De repente, é como se a menina fosse outra pessoa.

— Quantos anos ela tinha aqui? — pergunto sem tirar os olhos da tela.

— Quatorze. Incrível, não é?

No vídeo, alguém grita outro nome e aponta para uma garota sentada no final do semicírculo. Nina Grey ri, fecha os olhos para se concentrar e começa um novo número. Mais uma vez, assume uma personalidade diferente com sua postura e a maneira como as mãos se movem enquanto fala. A adolescente ao lado a observa, depois ri e cobre o rosto com a mão. Nina reproduz o movimento nos mínimos detalhes, até mesmo a maneira como os ombros da garota se levantam um pouco quando ela ri. Acho que nunca presenciei algo parecido.

Ergo o rosto e vejo Maxim sorrindo de satisfação.

— Como pode ver, ela não deve ter nenhum problema em fingir ser qualquer coisa que precise que ela seja.

— Está falando sério sobre isso? — Ainda acho essa ideia uma idiotice completa.

— Tempos desesperados exigem medidas desesperadas, Roman. Precisamos acabar com os rumores, e precisamos fazer isso agora.

— Nesse caso, que seja a esposa. — Fecho o *laptop* com força. — Merda!

Nina

Coloco a bolsa na poltrona reclinável e me viro na sala de estar. Já se passaram meses desde que estive aqui, mas nada parece ter mudado. As mesmas cortinas e carpete brancos, móveis brancos e bege, paredes brancas vazias. Tanto branco – parece estéril. Sempre desprezei isso. Não é de admirar que o primeiro dinheiro significativo ganhado por mim tenha sido usado para alugar um apartamento e fugir desta desolação.

— Cheguei! — grito.

Poucos segundos depois, o som de saltos se aproxima. Minha mãe sai da cozinha e vem correndo em minha direção, com as mãos nos quadris. Zara Grey é meu oposto absoluto – alta e loira, com maquiagem completa e um vestido perfeitamente ajustado. Um vestido branco de seda. Tenho vontade de soltar um gemido.

— Está três horas atrasada, eu avisei... — Ela para no meio da frase. — Meu Deus, o que fez consigo mesma?

— Pode ser mais específica?

— Essa coisa metálica no seu nariz.

— É chamado de *piercing*, mãe.

— As pessoas pegam doenças através deles, Nina. Seu pai vai ter um infarto quando te ver.

— Tenho vinte e quatro anos. Posso fazer o que quiser com meu corpo. E tenho isso há anos, só tiro quando venho aqui para evitar que você me atormente. Hoje esqueci.

— E por que está toda de preto? Alguém morreu?

Alguns dos meus neurônios, com certeza.

— Estou em uma fase sombria este mês. — Dou de ombros.

Minha mãe adora os clichês. Acho que se sente mais confortável com eles, especialmente perto de mim. Ela ainda tem dificuldade em

processar minha escolha de carreira. Talvez fosse mais fácil se eu desenhasse arranjos de flores ou filhotes de cervos. Imagino o que ela teria a dizer sobre minha última obra. Ainda é um trabalho em andamento, mas não há flores ou cervos nos planos.

— Por que tem que ser tão estranha o tempo todo?

— Funciona muito bem com os rapazes. — Sorrio. — Os homens adoram mulheres estranhas.

— Não tenho tanta certeza disso, querida.

Meu Deus, ela não consegue nem entender meu sarcasmo.

— O papai disse que era urgente quando me ligou. Onde ele está?

— No escritório. Ele tem andado estranho nos últimos dias. Acho que tem a ver com o trabalho, mas não me diz nada. Parece... que está com medo de alguma coisa.

Meu pai trabalha no ramo imobiliário. Não há muitas coisas para se ter medo. Entro no corredor à esquerda e bato na porta do escritório dele, sem fazer a menor ideia de como minha vida ia mudar drasticamente quando eu entrasse.



Meia hora depois, estou numa poltrona reclinável no canto do escritório, olhando boquiaberta para meu pai.

— Isso é uma piada?

— Não é uma piada. — Ele deixa os ombros caírem e passa a mão pelos cabelos grisalhos.

— Tá, deixa eu ver se entendi. Você roubou dinheiro dos russos, perdeu tudo, e agora está pedindo que eu case com um chefe da máfia russa.

— Não roubei nada, Nina. — Ele joga os braços para o alto, levanta da cadeira e começa a andar de um lado para o outro atrás da mesa. — Só peguei emprestado por alguns dias porque precisava dos fundos para esse acordo. Nunca pensei que o cara fosse um fraudador ou que ele pegaria o dinheiro e sumiria do mapa.

— Você pegou o dinheiro e não pode devolver. Como foi se envolver com a máfia russa? Que droga estava pensando, pai?

— Não fale assim comigo! — Ele aponta um dedo acusador para mim. — Sou seu pai!

— Você está me pedindo para casar com um criminoso para salvar sua pele, pelo amor de Deus. Acho que posso falar com você do jeito que eu quiser, considerando a situação.

— Nina...

— Eles esperam que eu case com o chefe deles? Tipo, de verdade?

— É temporário. — O homem balança a mão como se não fosse grande coisa.

— Mas por quê? Não existe uma fila de filhas de mafiosos em algum lugar que querem casar com o cara? Seria a realização de um sonho para qualquer uma delas, certo? Por que eu?

— Eles não disseram. Essa gente não se explica. Mandam você fazer e, se não fizer, está morto.

— Acha mesmo que vão te matar?

— Sim. Fico surpreso por ainda não terem feito isso. — Papai para de andar de um lado para o outro e se vira para mim. — Se não fizer o que eles pedem, estou morto.

Respiro fundo e enterro as mãos no cabelo, apertando a cabeça como se isso fosse ajudar a encontrar uma solução para essa encrenca. Porque não vou casar com ninguém, seja um matrimônio falso ou não.

— Certo, vamos pensar. Deve haver um jeito de consertar isso. Tenho algumas economias, talvez cinquenta mil dólares. Minha próxima exposição é daqui a um mês, e devo conseguir mais vinte se conseguir

terminar todas as quinze peças e vendê-las. Quanto dinheiro pode conseguir pela casa?

— Talvez oitenta mil. Ou noventa, se vendermos os móveis também. Posso conseguir mais dez pelo carro.

— Ótimo. Isso nos coloca em algum lugar em torno de cento e setenta mil. Será que é suficiente? Quanto deve a eles?

— Três milhões.

Devo ter tido um pequeno derrame, porque não tem como ele ter dito as palavras que acabei de ouvir.

— Pode repetir, por favor?

— Devo três milhões de dólares.

Fico olhando para o homem com a boca aberta.

— Meu Deus, pai!

Agacho-me e coloco a testa sobre os joelhos, tentando controlar a respiração. Não fui feita para casar – ninguém em sã consciência ofereceria três milhões de dólares em troca de seis meses de casamento. Deve haver uma pegadinha.

— Ele tem noventa anos, não é? — murmuro.

— Não sei a idade do Pakhan deles, mas acho que não tem noventa anos.

— Oitenta, então. Estou tão aliviada. — Acho que vou vomitar.

— Eles disseram que será um casamento de aparências. Não vai precisar... você sabe.

— Dormir com ele? Bem, se ele tem oitenta anos, provavelmente não pode transar. Isso é bom. Oitenta é bom.

— Nina, e-eu sinto muito. Se não quiser ir adiante com isso, não tem problema. Darei um jeito.

Endireito-me e olho para meu pai, que agora está sentado em sua cadeira, com o cabelo desarrumado e os olhos injetados de sangue. De

repente, ele parece tão velho e frágil.

— A menos que planeje procurar a polícia, não há mais nada a ser feito, certo? — pergunto.

— Sabe que não posso ir à polícia e contar sobre a máfia russa. Eles matariam todos nós.

É claro que nos matariam. Fecho os olhos e suspiro.

— Está bem. Farei isso.

Meu pai me observa por alguns segundos, depois cobre o rosto com as mãos e começa a chorar. Também quero chorar, mas não adianta.

— Suponho que vão marcar uma reunião ou algo do tipo para discutirmos os detalhes.

— Já marcaram. Vamos nos encontrar com o Pakhan em uma hora.

Olho para meu pai e enterro as mãos no cabelo outra vez.

— Perfeito. Só vou ao banheiro vomitar o almoço e encontro você na porta da frente em cinco minutos.

Roman

Uma garota traz minha bebida, coloca na mesa à minha frente e, sem levantar os olhos, dá meia-volta e corre para a cozinha. Olho em volta, observando as toalhas de mesa sem graça e as cadeiras que não combinam. O lugar é um lixo. Fechou no mês passado, e foi exatamente por isso que o escolhi para esta reunião. O som de um telefone tocando rompe o silêncio.

— Eles chegaram — diz Maxim de seu lugar atrás de mim. — Ela veio com o pai.

— Deixe a garota entrar. O pai deve ficar do lado de fora.

Tomo um gole de uísque e mantenho os olhos fixos na porta de vidro do outro lado da sala. Alguém bate, e um dos meus homens, que está de prontidão junto a ela, abre e deixa a moça entrar.

Não sei por que, mas eu esperava uma jovem mais alta. É uma coisinha minúscula, com pouco mais de um metro e cinquenta. Seus longos cabelos pretos como a meia-noite estão em duas tranças grossas de cada lado do rosto e, se não levarmos em conta os seios, poderia passar por uma adolescente. Está até vestida como uma, toda de preto – jeans rasgado, um moletom com capuz e botas que já vi a molecada emo usando.

Fecho os olhos por um segundo e balanço a cabeça. Isso nunca vai dar certo. Começo a pensar em dizer a Maxim para mandá-la embora quando ela se vira para mim, e as palavras morrem em meus lábios. A garota tem as mesmas características do vídeo, mas seu rosto perdeu a aparência pueril com bochechas redondas. Em vez de uma adolescente bonitinha, há uma mulher incrivelmente linda me encarando com algo que se parece bastante com raiva. Seus olhos cruzam com os meus, e uma sobrancelha preta perfeita e questionadora se arqueia.

— Srta. Grey — digo, e aponto para a cadeira vazia do outro lado da mesa. — Por favor, junte-se a nós.

Espero que ela se encolha, talvez recue, mas a moça não parece nem um pouco perturbada com a situação. A garota se aproxima, mantendo o olhar conectado ao meu o tempo todo. Não senta na cadeira como foi instruída. Pelo contrário, fica bem na minha frente e me examina. Concentro-me em seu rosto, esperando para ver sua reação ao notar a cadeira de rodas. Não há nenhuma.

— O senhor não é o que eu esperava, Sr. Petrov — diz ela, e preciso reconhecer que a garota tem culhões.

— Em que sentido, Srta. Grey?

— Imaginei que tivesse oitenta anos. — A jovem franze os lábios.

Será que ela é mesmo tão calma e imperturbável assim, ou é só mais uma de suas atuações? Se estiver fingindo, é muito boa.

— Tenho trinta e cinco. — Pego o copo e dou um gole. — Agora que isso foi esclarecido, vamos falar de negócios. Seu pai explicou o que é esperado de você?

— Explicou. E tenho algumas perguntas. — Ela pega a ponta de uma de suas tranças e começa a enrolá-la no dedo. Ora, pelo visto não está tão relaxada como pretende fazer parecer. — E como vamos chamar isso de transação comercial, tenho uma condição.

— Uma condição? Não está em posição de negociar os termos, Srta. Grey, mas vamos ouvi-la.

— Você vai deixar meu pai ir embora. Essa... transação será entre nós dois. Ele fica de fora.

— Vou pensar no assunto. Agora, vamos ouvir as perguntas.

— Por que precisa de uma esposa falsa?

— Não é da sua conta. E o casamento não será falso. Próxima pergunta.

Ela estreita os olhos para mim.

— O que acontece depois de seis meses?

— Você receberá os papéis do divórcio e seguirá seu caminho.

— Como faremos em relação ao casamento? É só assinar os papéis?

Recosto-me na cadeira e olho para ela.

— Temos de esclarecer algumas coisas, Srta. Grey. Não preciso de uma esposa só no papel. Se alguém suspeitar que não estamos loucamente apaixonados e que esse casamento é uma farsa, seu pai está morto. E você se juntará a ele.

A garota pisca e olha para mim com uma expressão de confusão evidente no rosto.

— Você espera que a gente viva junto por seis meses?

— É claro. De que outra forma as pessoas acreditariam no casamento?

Parece que alguma coisa enfim conseguiu abalá-la, porque ela fica parada, olhando para mim com os olhos arregalados, sem dizer nada. Tenho a sensação de que não há muitas coisas capazes de deixar Nina Grey sem palavras.

— Vai ter uma festa no sábado — continuo. — Você vai com seu pai. É lá que vamos nos conhecer e nos apaixonar um pelo outro. Nessa noite, eu a levarei para casa comigo e não sairemos do meu quarto por dois dias.

— É esperado que eu transe com você?

Ela diz isso com uma voz calma, como se estivesse perguntando sobre o tempo, mas dá para ver em seus olhos – há um terror contido neles. Ninguém mais notaria porque, por fora, a moça parece perfeitamente tranquila. No entanto, provocar medo nas pessoas é algo que faço com frequência, e o vejo tão claro quanto o dia. Ela está apavorada.

— Não — respondo, e então decido tentar brincar um pouco com a jovem. — A menos que você queira, é claro.

— Agradeço sua oferta, Sr. Petrov, mas terei de recusar. — Ela solta a trança e enfia as mãos nos bolsos de trás da calça jeans.

Apesar de eu esperar um “não”, por algum motivo, a resposta mexe comigo.

— E o que faremos durante dois dias em seu quarto, Sr. Petrov?

— No que diz respeito a qualquer outra pessoa, estaremos nos acabando de tanto transar. Na verdade, pode fazer o que quiser. — Faço um movimento com a mão no ar. — Streaming. Palavras cruzadas. Não me importa. De qualquer forma, estarei trabalhando o tempo todo.

— Fantástico. E o que acontece depois desses dois dias de maratona sexual?

— Perco a cabeça por você. Casamos em poucas semanas. Depois disso, você vai fazer seu papel de esposa louca de amor. — Dou de ombros. — O que faz com o tempo livre é decisão sua, desde que cumpra o papel até o fim.

— E? É só isso?

— É só isso.

— Acha mesmo que alguém vai acreditar nessa... farsa?

— Bem, isso depende de você, Srta. Grey. A vida de seu pai está em jogo.

— E você? É capaz de cumprir seu papel?

— Que papel?

— O de um homem perdidamente apaixonado pela esposa. Não me parece esse tipo.

— Acho que vai ter de esperar e ver com seus próprios olhos — digo, e sorrio. — Temos um acordo, Srta. Grey?

Quase posso ver as engrenagens girando em sua cabeça, pesando os prós e os contras, em busca de uma saída. Mas não há nenhuma, e ambos sabemos disso. Capto o momento exato em que ela aceita a situação – um ligeiro enrijecimento na mandíbula ao ranger os dentes.

— Temos um acordo, Sr. Petrov.

Nina

A noite está mais quente do que o normal, mas ainda sinto frio quando saio do restaurante. Papai agarra meu braço e me apressa em direção ao carro, faz perguntas por todo o caminho, mas não consigo me concentrar em suas palavras. Abro a porta do passageiro e sento. Minhas pernas estão tremendo. Parece que a adrenalina foi embora e agora estou sentindo os efeitos colaterais.

Nunca fiquei tão assustada como no momento em que entrei naquele restaurante, imaginando se teriam mudado de ideia e decidido nos matar. Manter a compostura e a calma na frente daquele tubarão exigiu um autocontrole tremendo. Quase me descuidei algumas vezes. Mas se ele pensasse, mesmo se fosse por um segundo, que eu não conseguiria fazer seu jogo, meu pai e eu estaríamos mortos. A cadeira de rodas não me enganou. Soube quem estava enfrentando assim que nossos olhares se cruzaram: um assassino frio como pedra.

Roman Petrov. Imaginei-o como um idoso com barriga de chope e cabelo ralo. Por qual outra razão chantagearia uma mulher para casar com ele? Eu não poderia estar mais enganada. Durante nossa conversa, fiz o possível para manter os olhos fixos nos dele, mas ainda assim consegui dar algumas espiadas em outros lugares. O homem é incrivelmente bonito. Mesmo com a pouca luz, isso era evidente. Não consegui determinar sua altura, com ele sentado e eu em pé, mas estávamos com a cabeça no mesmo nível. Sem dúvida, tinha mais de trinta centímetros de vantagem sobre mim. Não é algo legal de se dizer, mas fiquei aliviada por ele estar em uma cadeira de rodas. Ficar perto de homens altos é um problema sério para mim, e a ideia de passar seis meses presa com um me deixou em pânico.

— Nina! — grita meu pai. — Por acaso está me ouvindo? Que diabos aconteceu lá dentro? Tentei entrar, mas os capangas não deixaram.

Respiro fundo e, observando os carros passarem por nós na entrada da garagem, começo a relatar a versão resumida do pacto com o chefe do submundo russo. Compartilho apenas o básico do acordo de casamento. Quanto menos ele souber, melhor.

— Não conte nada disso para a mamãe — digo quando chegamos em frente à casa —, e no sábado se certifique de agir como se nunca tivesse encontrado Petrov. Ele disse que, se algo der errado, o acordo está cancelado.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que se alguém, inclusive a mamãe, suspeitar sobre eu não estar loucamente apaixonada por aquele filho da puta, estamos mortos.

Nina

Olho para a pilha de vestidos que acabei de experimentar e sinto uma necessidade louca de sentar no banquinho do provador e chorar. Todos foram desenhados para mulheres mais altas do que eu e abençoadas com seios enormes. Até agora, cada um dos vestidos me deixou ridícula, como uma menina brincando no *closet* da mãe.

Fiquei pensando na festa a semana inteira, absorta em diferentes cenários verossímeis depois da minha chegada. Isso ocupou todos os meus pensamentos, e eu me esqueci completamente de comprar um vestido. Só me dei conta disso esta manhã, enquanto comia meu cereal, e quase desmaiei. Sempre tenho problemas para encontrar vestidos que sirvam, portanto, achar um em poucas horas seria uma façanha impossível.

Hoje, aqui estou eu, entrando na quinta hora de minha infrutífera jornada de compras, e ainda não encontrei nada remotamente adequado para um evento chique. Adoro usar roupas elegantes, mas costumava ficar tão frustrada a cada tentativa de comprar algo que parei de procurar e decidi me limitar ao guarda-roupas casual. Nunca contaria a ninguém, mas na maioria das vezes, faço compras na seção *teen*. Baseado nas etiquetas, tenho quatorze anos. E esta noite, prefiro sair com meus jeans a ir com um vestido de formatura tirado da gôndola para adolescentes.

Meu celular toca. Pego-o do bolso da calça jeans na cadeira e olho o número desconhecido na tela. Deve ser engano. Deixo o aparelho tocando em cima da calça jeans dobrada e apanho a última peça para experimentar. É um lindo vestido verde de seda e ficaria incrível... em outra pessoa. Basta olhar para ele para ver que a cintura ficaria abaixo da minha, quase na altura dos quadris. O celular toca de novo, e é o mesmo número. Recuso a ligação e, um minuto depois, tentam mais uma vez. Alguém é persistente, não é? Provavelmente vai continuar ligando, então é melhor acabar logo com isso.

— Sim? — ladro, segurando o aparelho entre a orelha e o ombro, e desabotoo o vestido verde. Talvez não fique tão ruim.

— Srta. Grey — responde uma voz grave, e a roupa escorrega de meus dedos. — Queria verificar se está tudo correndo conforme o planejado do seu lado.

— É claro, Sr. Petrov. Por que está perguntando?

— Porque Maxim acabou de me ligar para dizer que está sentada há quase uma hora no provador de uma loja.

O quê? Agarro a grossa cortina com a intenção de sair do vestiário quando me lembro que estou só de calcinha e sutiã. Droga!

— Está me seguindo? — sussurro no telefone.

— Tecnicamente, Maxim está. Não quero correr o risco de você desaparecer sem cumprir o acordo.

Pego o vestido do chão e começo a colocá-lo.

— Não vou a lugar nenhum. Estou tentando encontrar um vestido para a porcaria da sua festa. Pare de ficar me *stalkeando*, Sr. Petrov.

Virando-me para o espelho, olho para meu reflexo e solto um gemido. É um *não* bem redondo para o vestido verde.

— Ainda não tem um? A festa é daqui a quatro horas.

— Eu sei! Mas nada aqui serve.

Há uma pausa do lado dele, e depois de um “não saia daí”, a linha fica muda.

O que foi que acabou de acontecer?

— Tanto faz — resmungo, com o olhar fixo no telefone.

Em seguida, pego os vestidos e os deixo com a vendedora. Há mais uma loja que posso visitar nesta parte do *shopping*, mas se não encontrar nada lá, não tenho ideia do que fazer. Talvez possa ir para o andar superior. Há algumas boutiques de luxo lá. Quem sabe consiga encontrar algo e, geralmente, elas têm costureiras à disposição que podem encurtar a peça na

hora. Mas são lojas caras. De jeito nenhum vou gastar dois mil dólares em um vestido.

Estou indo em direção à saída quando vejo o cara do restaurante. Lembro-me dele parado a alguns passos atrás de Petrov o tempo todo. Está na casa dos quarenta e tantos anos e um pouco acima do peso, mas tem boa aparência. O terno escuro e a gravata são impecáveis e, com certeza, caros. Parece alguém da alta gerência de um banco, e não um criminoso. Quando saio da loja, ele me olha por cima dos óculos e balança a cabeça. Deve me achar insignificante. Como se eu desse a mínima.

— Vamos. — O sujeito faz um sinal com a cabeça em direção ao elevador. — Eles estão à sua espera para a prova.

— Quem são “eles”?

— A equipe da butique.

— Qual butique? — pergunto ao entrar no elevador.

— Roman disse que era a mais cara. Não prestei atenção no nome.

— Meu orçamento é limitado.

— Roman está pagando.

Abro a boca para recusar, mas depois penso melhor. O cara está me chantageando para eu casar com ele, ameaçando a vida do meu pai bem na frente do meu nariz. Ele devia *mesmo* pagar pelo vestido.

Uma hora e meia depois, saio da butique com uma sacola enorme contendo meu vestido novo, encurtado por uma profissional, e mais duas caixas com saltos e uma bolsa de mão. Fico imaginando o que o futuro marido vai achar da roupa. Uma coisa é certa: ele não vai gostar quando vir o recibo.

Roman

Ela está atrasada.

Volto a me concentrar na conversa rolando na mesa, faço o possível para demonstrar interesse. Nunca fui fã dessas reuniões lotadas. Pessoas falsas com sorrisos falsos, fingindo que estão superfelizes em vê-lo enquanto desejam sua morte em segredo. Olho em volta da mesa e me pergunto qual deles armou a bomba para ferrar com minha vida. Não foram os italianos, disso tenho certeza. O dispositivo foi plantado embaixo do meu carro – se fossem os italianos, teriam explodido o depósito inteiro. Minha sorte foi o bastardo ter ficado empolgado com o gatilho e acionado o comando alguns segundos antes de eu entrar. Pouquíssimas pessoas sabiam da minha programação para aquele dia, e algumas delas estão sentadas nesta mesa.

Pego a garrafa de uísque para encher o copo quando meu tio solta um assobio, tal qual o porco incivilizado que ele é, e aponta com o charuto para a entrada.

— Bela bunda — ele comenta.

Sigo seu olhar, e meus olhos pousam em uma mulher com um longo vestido verde-esmeralda. Os bordados pretos acentuam o decote e a cintura minúscula e depois deslizam pelas bordas de uma fenda alta, revelando uma perna esguia. Meus olhos correm pela abertura e sobem até parar em seu rosto, e quase não a reconheço. Ela tirou o *piercing* do nariz. O cabelo também está diferente, puxado para cima em um penteado elaborado. Nem consigo acreditar ser a mesma mulher que conheci há alguns dias. Os homens à mesa estão murmurando entre si, e desejo que calem a boca para eu poder apreciar a vista em paz.

— É a esposa do Samuel? — alguém pergunta.

— Vai sonhando.

— Quem é esse Samuel?

— É o responsável pelas aquisições de imóveis para Mikhail. Deve ser a filha dele.

— Não me importaria de cuidar dela por uma noite.

Eles continuam rindo de suas piadas estúpidas, e me deixam tão irritado que tenho vontade de quebrar seus pescoços.

— Calem a boca — rosno e os acerto, um por um, com o olhar.

Todos me fitam fixamente por um segundo e, no instante seguinte, a conversa ruma para outro assunto. Volto a observar Nina. Ela está acompanhada do pai e de alguns outros homens, sorrindo de algo dito por um deles, e sinto uma estranha vontade de enfiar uma bala naquele que está recebendo o sorriso dela.

— Viu algo do seu agrado, Roman? — Meu tio me empurra com o ombro.

— Talvez.

— Ela é uma coisinha fofa. Não é exatamente seu tipo.

— Saia. — Pego a bebida. — E leve os rapazes junto.

— O quê?

— Procure outra mesa, Leonid. Agora.

Ele resmunga alguma coisa, mas se levanta e, pouco depois, os pés das outras três cadeiras guincham. Recosto-me na cadeira de rodas e deixo os olhos voltarem para a diabinha do outro lado da sala.

Nina

Sinto um formigamento na nuca. Começou assim que entramos, e não consigo me livrar dele. Provavelmente é a ansiedade de estar aqui, em um covil de lobos, cercada por homens e mulheres com roupas caras. Enquanto conversam em meio a sorrisos, fico imaginando quantos deles têm sangue nas mãos.

Quando me viro para pegar uma taça de vinho de um garçom, meus olhos pousam no homem sentado sozinho na mesa do canto, e meu coração acelera. Recostado despreocupadamente em sua cadeira de rodas, Petrov me observa com os olhos estreitados, e meu lado vaidoso se deleita com a atenção. Sim, Sr. Petrov, dei uma bela caprichada. Na noite em que nos conhecemos, não consegui vê-lo com clareza no interior sombrio do

restaurante. Mas aqui, com todos os grandiosos lustres iluminando a sala, posso enfim contemplá-lo em toda a sua glória.

Ele está usando calça social preta e uma camisa carvão com os dois botões de cima abertos, e isso revela as extremidades de uma tatuagem preta em seu peito. As mangas da camisa estão arregaçadas até os cotovelos, e vejo um desenho semelhante no antebraço direito. Não sei por que, mas ele não me pareceu o tipo de homem que se tatuaria.

Conheci muitos rapazes bonitos. Até mesmo alguns modelos que chegaram a posar em minha turma de prática de pintura. A perfeição de seus traços faciais era sempre um desafio para reproduzir no papel. Roman Petrov não é nada parecido com eles. Seria como comparar gazelas graciosas com um tigre imponente. Aqueles garotos são de uma espécie completamente diferente. Se eu precisasse escolher uma palavra para descrever o Pakhan russo, seria devastador. Cabelos pretos um pouco mais longos em cima, malares esculpidos e um nariz um pouco maior do que o perfeito. Nada que se destaque por si só, mas em conjunto, é um rosto inesquecível. Talvez sejam os olhos escuros e penetrantes, ainda focados em mim, emitindo aquela vibração diabólica, ou o olhar que me faz querer dar meia-volta e sair correndo. Deve ser uma reação instintiva: a noção inconsciente da presa quando descobre ser o alvo de um predador.

Sem desfazer o contato visual, o sujeito alcança a cadeira vazia ao seu lado, puxa-a para perto e sinaliza o assento com a cabeça. Eu provavelmente deveria ir até lá, mas minhas pernas parecem enraizadas no chão.

— Srta. Grey, Roman Petrov a convida para se juntar a ele — diz o homem à minha esquerda. — Não é sensato deixar o Pakhan esperando.

Bem, parece que o *show* vai começar. Com uma respiração profunda, armo um sorriso sedutor e começo a caminhar em direção ao homem que deve ser o mais perigoso do recinto. Será que estou caminhando para a morte?

Paro bem na frente dele e estendo a mão.

— Chamou, Sr. Petrov?

Em vez de apertá-la, o russo pega meus dedos com delicadeza, leva minha mão aos seus lábios e dá um beijo suave nos nós deles. Parece que minha pele acabou de ser atingida por fogo. Ele não me solta de imediato e, sem conseguir desviar os olhos, noto como chega a ser hilária a pequenez da minha mão em comparação à do homem.

— Por favor, chame-me de Roman — diz em seu barítono profundo, e um turbilhão de borboletas enlouquecidas me invade por dentro.

Sento ao lado dele e ajeito rapidamente o vestido para cobrir as pernas trêmulas. Quando lanço um olhar para meu pai, ele continua parado com o mesmo grupo, e cada um de seus companheiros está olhando em nossa direção.

— É sempre assim que funciona para você? — pergunto, com um sorriso falso estampado no rosto. — Basta escolher uma mulher, acenar com a cabeça, e ela vem correndo?

— Na maioria das vezes.

— Parece divertido.

— Na verdade, não. — Ele toma um gole de sua bebida e observa a multidão aglomerada ao redor. A maioria espia de relance para nós, mas desviam rapidinho assim que percebem o olhar de Roman.

— Diga, Nina. Se não houvesse esse acordo entre nós, teria vindo quando acenei? — ele pergunta.

— Nem sonhando.

Não espero o Pakhan pedir uma explicação, mas é o que ele faz, e sua pergunta me surpreende:

— Por que não? É por causa da cadeira de rodas?

Diz isso num tom amigável, mas há algo mais, oculto, que não consigo definir. Paro de observar a multidão e o encaro nos olhos.

— É porque não sou um *poodle*, Sr. Petrov.

Ele ri e toma outro gole, balançando a cabeça.

— O que aconteceu? — Aceno para suas pernas.

— Você não é de rodeios, não é, Nina?

— Quer que eu seja?

— Foi um carro-bomba. Meu joelho direito foi destruído pelos estilhaços.

— Dói?

— Você não faz ideia — diz ele com brusquidão, e vira o resto da bebida.

— Você tem dinheiro. Com certeza existe alguma cirurgia que poderia dar um jeito.

— Bem, parece que há coisas que nenhum dinheiro pode comprar.

— É verdade. Que droga. Pelo menos pode comprar uma esposa. — Dou de ombros. — Por três milhões, poderia ter comprado um harém inteiro ao invés de uma só.

Roman inclina a cabeça para o lado e me observa com interesse, depois chega perto para sussurrar em meu ouvido:

— Você é uma mulher estranha, Nina Grey.

Caramba, até a voz dele é sexy.

— Minha mãe é da mesma opinião. Ela diz que nunca vou encontrar um homem capaz de lidar com meu tipo de loucura... pelo menos a longo prazo.

— Que mãe otimista e solidária. — O russo aproxima a mão e traça uma linha na parte interna do meu antebraço, do cotovelo até a base da palma. — Algum namorado?

É quase impossível me concentrar enquanto o dedo dele continua percorrendo o antebraço de cima para baixo. O toque é leve como uma pluma, mas ainda assim parece que está me marcando.

— Por que pergunta? Se houvesse um, você reconsideraria me liberar do acordo?

— Não.

— Então acho que isso não importa.

Com os olhos cravados nos meus, o homem pega minha mão e a leva aos lábios, com um canto da boca curvado em um sorriso quase imperceptível.

— Fiz uma pesquisa sobre você ontem — revela ele, ainda prendendo meus dedos a poucos centímetros de seus lábios. — Quem diria que uma mãozinha tão delicada pudesse criar uma arte tão... perturbadora.

Dou um sorriso para tentar esconder o impacto causado por seu toque e sua proximidade. Roman Petrov, como já percebi, é impossível de ser ignorado, especialmente quando usa o charme.

— Não gostou?

— Ah, pelo contrário, Srta. Grey. Adorei.

Ele roça os lábios nas pontas dos meus dedos e os mantém assim por alguns segundos antes de abaixar minha mão, mas continua a segurando. Este homem traiçoeiro e perigoso desempenha tão bem seu papel.

— Pintaria algo para mim?

Olho para ele, surpresa com a pergunta.

— Não aceito encomendas.

— Algum motivo em particular?

— Não gosto de ser pressionada a fazer o que não quero.

Os lábios de Roman se alargam em um sorriso. É, ele sacou o duplo sentido.

— E que tal uma troca? Você pinta algo para mim, e eu lhe dou algo que queira.

— Qualquer coisa?

— Dinheiro, joias, o que quiser.

Tentador. Mas não é nada do que quero dele.

— Uma resposta para uma pergunta — proponho. — Isso também é uma opção?

Agora é minha escolha que o surpreende. Posso ver pela ligeira dilatação de seus olhos. E o homem não está feliz.

— Depende da pergunta.

— Nesse caso, terei de recusar, Sr. Petrov.

Ele olha para mim, e a gargalhada que explode em seguida faz várias cabeças se virarem em nossa direção.

— Você joga duro, Srta. Grey. — O russo se aproxima e sussurra em meu ouvido: — Pergunte.

Acho difícil acreditar que ele tenha aceitado. Petrov não parece o tipo de homem que concordaria com condições. Aparentemente, quer mesmo a pintura. Levanto a cabeça e fito seus olhos escuros e calculistas, enquanto inúmeras possibilidades me ocorrem.

— Por que precisa de uma esposa temporária, Roman? Você é bonito, rico, poderoso. Tenho certeza de que há dezenas de mulheres que ficariam felizes em casar com você. Por que esbanjar três milhões de dólares se pode conseguir uma esposa de graça?

— Porque não quero uma esposa permanente, e a situação atual dos negócios exige que eu tenha uma pelos próximos seis meses.

— Por que seis meses?

— Bem, essa é uma segunda pergunta. — Ele sorri. — E você pediu só uma.

Touché.

O sujeito respondeu sem revelar absolutamente nada. Eu devia ter imaginado isso e formulado a pergunta de outra forma, mas agora não dá para voltar atrás.

— Então, o que quer que eu pinte? Uma paisagem? Seu cachorro? Maçãs, queijo e flores mortas em uma mesa?

Esses são os pedidos mais comuns quando se trata de encomendas personalizadas, e o principal motivo de eu odiar fazê-las.

— Nada disso. Eu tinha outra coisa em mente. — E lá está ele de novo, com aquele meio-sorriso astuto e calculado. — Quero seu autorretrato.

— Um autorretrato?

Levanto as sobrancelhas. O que ele vai fazer com meu autorretrato? Por que não uma paisagem?

— Sim. Algum problema?

— Nenhum. Alguma exigência especial? Pose? Fundo?

O homem se inclina até ficar com o rosto bem na frente do meu, então coloca dois dedos em meu queixo e levanta um pouco minha cabeça.

— Só uma — diz ele, e foca o olhar em meus lábios. — Quero que esteja nua.

Meus olhos se arregalam quando me dou conta do que ele acabou de dizer, e estou tão atordoada que não consigo encontrar uma resposta coerente.

— Parece que nos tornamos a atração principal da sala — o homem murmura, ainda concentrado em meus lábios. — Está pronta, Nina?

Sua proximidade está provocando coisas esquisitas em minha mente já perturbada e, meu Deus, o cheiro dele é maravilhoso. Na tentativa de voltar à realidade, começo a entoar um novo mantra em minha cabeça.

Ele é um criminoso. Ele é um criminoso.

— Pronta? Para... quê? — murmuro.

— Para mostrar como é boa atriz.

Ele sorri e cola seus lábios nos meus.

Apagados. Todos os pensamentos coerentes se evaporaram. Num segundo, sou um ser pensante e racional. No seguinte, cada pensamento lógico desaparece e é substituído por uma necessidade enlouquecedora... por mais. Mais de seus lábios, mais de seu cheiro, mais de tudo.

Ouçõ quando um copo se estilhaça. Algo molha meus pés. Abro os olhos e começo a registrar a realidade, parte por parte. O rosto de Roman

está a poucos centímetros do meu, sua mão na minha nuca. Meus dedos estão em seus cabelos, agarrados aos fios pretos e sedosos.

— Um desempenho excepcional — diz ele em voz baixa. — O copo foi um detalhe magistral.

Tiro as mãos do cabelo do russo e olho para baixo, para os cacos da taça de vinho. O líquido vermelho mancha o piso de mármore branco imaculado, e parte dele respingou em meu sapato direito. Roman agarra as rodas de sua cadeira e, com dois movimentos ágeis, fica de frente para mim.

— Troque suas pernas, Srta. Grey. A direita para cima.

Observando-o com os olhos estreitados, descruzo as pernas, depois as cruço de novo, com a direita sobre a esquerda. Ele se curva, passa a mão em meu tornozelo direito, abre o fecho e desliza a tira do calcanhar. O homem remove o sapato, e eu fico olhando suas mãos enquanto ele limpa o vinho do pé com um guardanapo branco que pegou da mesa. Quando termina, coloca o sapato de volta e fecha a fivela. Segurando meu tornozelo, ele abaixa lentamente minha perna. Estou apenas parcialmente ciente das pessoas em um silêncio excepcional – cada uma delas olhando nós dois. Tento processar as últimas cenas, mas não consigo. É a coisa não sexual mais erótica que já vivenciei.

— Acho que chegou a hora de irmos — diz Roman, e faz um gesto com a mão em direção a Maxim, apoiado na parede não muito longe de nós. — Vá até seu pai, diga que virá comigo e garanta que algumas pessoas ouçam. Estaremos lá na frente, esperando no carro.

Ele segura as rodas da cadeira e a guia até a saída, seguido por Maxim alguns passos atrás. O público os observa sair, e então todos os olhos se voltam para mim. Sinto que estou em evidência quando vou até meu pai e dou um beijo em sua bochecha.

— Roman me convidou para um drinque particular.

Os cochichos se espalham ao nosso redor. Papai sorri, mas é forçado. Dou um tapinha em seu braço antes de atravessar o salão em direção à saída, e sinto os olhos da multidão em minhas costas. Provavelmente estão pensando que sou uma vagabunda, mas não estou nem aí. Com a cabeça erguida e um sorriso falso nos lábios, saio de lá. Como

prometido, há um carro branco enorme me esperando. Parado na parte de trás, Maxim abre a porta quando me aproximo. Dentro do veículo, não posso deixar de me perguntar o que diabos estou fazendo.



Eu sabia que Roman era rico. Como o chefe da Bratva ele devia ser, então deduzi que moraria em uma casa grande. No entanto, não estou olhando para uma casa agora. É uma baita fortaleza, com seu próprio pequeno exército a tiracolo.

Altos muros de concreto cercam uma propriedade imensa de ponta a ponta, e há câmeras instaladas no topo a cada três metros. O carro atravessa um grande portão automático com uma guarita na lateral e segue por uma larga estrada de cascalho até uma monstruosidade de mansão. Um gramado impecável se estende em torno dela, com poucas árvores espalhadas, dispostas em pontos específicos para não obstruir a vista. Provavelmente uma medida de segurança. Dois homens de uniforme preto e armas no cinto se posicionam na frente da residência, e mais alguns patrulham o terreno. Tenho certeza de que há mais que não consigo ver.

— Tem câmeras lá dentro também? — pergunto.

— Se quer que as pessoas confiem em você e sejam leais, precisa ser recíproco — diz Roman ao meu lado. — Colocar câmeras lá dentro significaria que não confio nos meus homens.

O carro para na frente da casa, e Maxim abre a porta para mim enquanto o motorista vai até o porta-malas para retirar a cadeira de rodas de Roman. Saio do carro e dou uma olhada na construção. Tem só dois andares, mas se estende por pelo menos cinquenta metros de cada lado. A coisa é gigantesca.

Roman se aproxima de mim.

— Gostou?

— Não.

— Por quê?

— Não sou fã de coisas grandes — murmuro.

Pergunto-me como o russo conseguirá subir os três degraus de pedra que levam à porta principal, mas então noto uma rampa estreita no outro lado, por onde ele sobe com facilidade. Enquanto o observo, sinto uma pontinha de tristeza. Deve ser difícil para um homem como Roman ter sua vida virada de cabeça para baixo de forma tão drástica. Subo os degraus para encontrá-lo na entrada, e um segurança que aguardava a chegada do Pakhan abre a grande porta de carvalho para nós.

O anfitrião me conduz pelo amplo saguão até o elevador sob uma enorme escada dupla. Um homem com o mesmo traje dos que estão do lado de fora aparece no corredor à esquerda. Quando nos vê, ele para e acena com a cabeça para Roman.

— Pakhan — cumprimenta ele.

— Varya ainda está acordada?

— Sim. Acho que está na cozinha.

— Diga que já cheguei. Peça para ela instruir uma das moças a preparar um jantar rápido, e depois ela pode ir para a cama — diz Roman, e olha para mim. — E diga à equipe para não entrarem na ala leste. Não quero ninguém lá, a menos que eu chame.

— Para esta noite?

Vejo um sorriso misterioso se formar nos lábios do russo.

— Não, Vova. Diga que é até segunda ordem. Avisarei a cozinha quando estivermos prontos para o jantar.

— É claro.

O homem assente e se vira para sair, mas não antes de olhar com interesse em minha direção. A julgar por sua expressão e pela forma como os olhos se ampliaram com o comentário de Roman, a fofoca está prestes a começar.

Quando saímos do elevador, o Pakhan me conduz pelo corredor à esquerda e pela porta de madeira ornamentada que se abre para um espaço enorme com uma sala de estar no centro. Há uma biblioteca na extremidade esquerda e uma imensa cozinha moderna com sala de jantar à direita. A mobília é esparsa, acho que para facilitar a locomoção dele. O lugar é decorado em tons terrosos, principalmente marrom e bege, com muitos materiais naturais, sobretudo madeira. É moderno, mas não frio. Gosto disso.

— Precisamos repassar alguns pontos básicos — ele fala, e faz um sinal com a cabeça para a sala de estar. Ali, um sofá comprido capaz de acomodar cinco pessoas ocupa o lugar central em frente à grande TV na parede. — Você vai dormir naquele quarto. — O sujeito aponta para a direita. — O meu fica do outro lado.

O lugar é muito grande, por isso demoro alguns segundos para localizar as portas indicadas. Não me importo tanto com a aparência do quarto, desde que tenha uma cama confortável e chave na porta. Com os pés me matando, vou até o sofá, tiro os saltos no caminho e me jogo nas almofadas macias. É estranho estar aqui, no espaço de Roman. É onde vou morar pelos próximos seis meses. Com ele. De alguma forma, tudo parecia irreal até este momento, como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Mas agora, sentada em seu sofá, em sua casa, enfim me dou conta. Está realmente acontecendo.

Eu deveria ficar assustada. Algo deve estar muito errado comigo porque, sim, sinto a ansiedade e o nervosismo, mas não há medo. Olho para cima e encontro os olhos do chefe do submundo do crime russo – o homem que prometeu me matar se eu não fizesse minha parte em seu estranho esquema. Então, aquele bando de borboletas explode outra vez no estômago. Meu Deus, preciso de um médico para examinar minha cabeça, porque em vez de sentir medo como uma pessoa normal, o que sinto por ele é atração.

Roman

— Já é tarde, mas amanhã mostrarei a casa para você. — Conduzo a cadeira até o sofá. — Seria melhor se não ficasse andando por aí sozinha até eu te apresentar a todos.

— Tudo bem. — Nina assente. — Então, e agora?

— Vou ligar para trazerem comida, já que não comemos nada. Deseja algo em particular?

— Não estou com fome, mas não seria nada mal se a equipe visse a gente. Assim, a fofoca se espalha mais rápido.

Uma exibição para os funcionários não estava em meus planos esta noite. Imaginei que ela iria se deitar para ficar longe de mim quando chegássemos, mas agora estou curioso para saber o que tem em mente. É um tanto perturbador – a naturalidade de suas ações, como se a situação fosse completamente normal. Não há nada de normal em ser forçada a morar com um estranho e fingir ser esposa dele. A garota deve amar muito o pai para concordar com essa farsa e se empenhar tanto.

Enquanto ligo para a cozinha, Nina começa a tirar os grampos do cabelo, e assisto às longas mechas pretas caírem por suas costas, uma a uma, como uma cascata de seda tingida. Fico imaginando se o cabelo é tão macio quanto parece.

— Quando a empregada deve chegar? — a moça pergunta assim que tira o último grampo.

— A qualquer momento.

— Muito bem. Então vamos começar.

Ela se levanta do sofá e vem até mim. Inclinando-se, começa a desabotoar minha camisa. Seu rosto é a personificação da calma, mas percebo o leve tremor das mãos. Até que enfim uma reação normal. Quando termina de abrir a camisa, Nina move a cabeça para o lado, como se estivesse pensando em algo, e depois me fita.

— Posso subir?

Estreito os olhos.

— Onde?

— No seu colo. Vai machucar sua perna?

Ela quer subir no meu colo? Não consigo parar de encará-la.

— Não, não vai machucar minha perna.

Nina assente, ergue a barra do vestido com uma mão e coloca a outra em meu ombro. Vejo como fica confusa sobre o que fazer a seguir quando morde o lábio inferior. Inclino-me, agarro sua cintura e a levanto, coloco-a sobre as coxas. A jovem dá um gritinho surpreso, com os braços em volta de meu pescoço, e arregala os olhos.

— E agora? — pergunto ao mesmo tempo em que tento reprimir uma risada.

— Agora esperamos a empregada flagrar a gente se pegando.

— Mas não é o que estamos fazendo, é? Você só está sentada no meu colo.

Afasto uma longa mecha preta que caiu sobre o rosto dela e, com a mão em sua nuca, chego mais perto e a beijo no pescoço. Com a outra, encontro a fenda do vestido, e quando começo a escalar sua coxa nua com os dedos, ouço sua respiração ficar aguda.

Alguém bate na porta.

— Entre! — grito sobre o ombro de Nina, e volto a beijá-la no pescoço.

— Pakhan, Varya me pediu para trazer... — A voz de Valentina para no meio da frase.

— Deixe a bandeja na cozinha e saia daqui.

Minhas palavras são incisivas, como se a empregada tivesse interrompido algo real. É o que meu corpo parece pensar.

A garota se apressa em deixar a comida e depois bate a porta ao sair correndo. Assim que Valentina se vai, Nina solta meu pescoço e sai às pressas do colo. Que bom. Se ficasse ali por mais tempo, com certeza perceberia meu pênis duro se esticando contra o material da calça.

— Bem, acho que deu certo — diz ela, e passa as mãos pelos cabelos. O gesto os deixa ainda mais emaranhados.

— De fato, foi uma performance e tanto.

— Acho melhor ir para a cama agora. — Ela começa a se dirigir à porta de seu quarto, mas para no meio do caminho e pergunta por cima do ombro: — Pode me emprestar uma camisa ou algo assim? Não quero dormir com Oscar de la Renta.

A ideia dela em minhas roupas provoca algo em minhas entranhas, e penso em agarrá-la e a levar para a cama. Não gosto nem um pouco disso. É um acordo comercial, nada mais.

— Vou pegar algo para você. Deixe suas chaves na cozinha, mandaremos alguém buscar suas coisas amanhã.

Nina

Depois de um banho rápido, visto a camiseta cinza que Roman deixou pendurada na maçaneta da porta para mim, subo na grande cama de dossel e me aconchego sob o edredom. Verifiquei a hora no celular antes de me deitar. Já passa da meia-noite, mas não consigo dormir. Estar em uma casa estranha é apenas parte do motivo. Uma parte muito maior dorme a poucos metros de distância. Só de pensar nele meu cérebro já pifou.

O peito de Roman é todo coberto de tinta. Vi quando sabotoei sua camisa, mas não tive tempo suficiente para prestar atenção nos desenhos. Gostaria de ter prestado, porque essa necessidade de revelar pelo menos alguns de seus segredos está me consumindo. O Pakhan é um enigma, o completo oposto dos caras engraçados e diretos – aqueles que conseguem me fazer rir – por quem geralmente me sinto atraída. Gosto de espíritos livres, alguém com quem seja fácil conversar e ainda mais fácil largar. Um homem que não exija minha vulnerabilidade. Para esse plano funcionar, não é sensato me envolver com o russo mais do que for estritamente necessário.

Fecho os olhos, e a mente é invadida pela imagem de Roman agarrando minha coxa enquanto seus lábios pecaminosos deixam um rastro de beijos pelo meu pescoço. Como que por vontade própria, minha mão desliza pela barriga e para entre as pernas. Coloco um dedo no clitóris, pressiono de leve e solto um gemido. Não. Eu não deveria estar me dando prazer enquanto penso em um homem que ameaçou me matar. Está errado. Trago a mão de volta rapidamente, coloco as duas debaixo do travesseiro e tento ignorar a angústia entre as pernas. Não vou ceder.

Fico acordada por horas, com os dedos agarrados ao travesseiro, esperando o corpo traidor se acalmar. Mas ele não se acalma. Na verdade, só piora. Por fim, sem aguentar mais, acabo me rendendo à necessidade e deslizo a mão de volta para o meio das pernas. Com o rosto enterrado no travesseiro e o nome de um assassino nos lábios, gozo em questão de segundos.

Roman

Meu celular toca enquanto estou abotoando a camisa, e o nome do meu tio aparece na tela. O velho javali costuma dormir até o meio-dia aos domingos. Só conheço uma razão para ele estar ligando tão cedo.

— O que foi, Leonid? — rosno ao atender.

— Ouvi dizer que trouxe uma mulher para cá. Ela ainda está aqui?

— Esta casa é minha, então não é da sua conta.

— Isso significa que está. Você nunca leva suas vadias para casa — o homem diz, e meu corpo enrijece.

— Se ouvir você chamá-la assim de novo, na minha frente ou na de qualquer outra pessoa, vou cortar sua garganta. Está claro?

— O que diabos deu em você, Roman?

— Fui claro, Leonid?

Há silêncio do outro lado da linha antes de eles responder:

— Sim.

— Ótimo.

Desligo.

Odeio esse homem, mas não posso correr o risco de expulsá-lo, por mais que eu queira. Leonid sabe demais, e preciso dele aqui, onde posso ficar de olho o tempo todo. Pego as muletas apoiadas na mesa de cabeceira, apoio-me nelas e me levanto. Colocando-as sob as axilas, respiro fundo e dou os primeiros passos dolorosamente lentos. Em geral, o joelho fica rígido pela manhã, mas está bem melhor do que há um mês. Todas aquelas horas de fisioterapia enfim estão valendo a pena, mas ainda falta muito para

eu me livrar da cadeira de rodas. Odeio essa coisa maldita, mas há dias em que a dor é forte demais e não consigo nem mover a perna direita.

Quando encontrar os desgraçados responsáveis por plantarem aquela bomba, vou ter o maior prazer em matá-los. Embora estivesse sedado no hospital, lembro-me de duas pessoas conversando no quarto. Não consegui reconhecer as vozes nem captar todo o significado do que foi dito, mas entendi o suficiente para saber que estavam envolvidas. Uma delas provavelmente é de minha carne e sangue, vivendo sob meu teto. Não tenho provas, mas é quase certa a participação de Leonid. Quem é o outro homem? Ainda preciso descobrir.

Quando saio do quarto, ouço um canto meio desafinado vindo da cozinha e me viro. Nina está vasculhando a geladeira. Sabia que ela era baixa, mas por estar sentado ontem à noite, não consegui identificar sua altura exata. A garota é ainda mais baixinha do que eu pensava, mal chega a um metro e meio. A imagem dela com a bainha da minha camiseta na altura dos joelhos é hilária. Descalça, o topo de sua cabeça não chegaria nem perto do meu peitoral. De costas para mim, a moça não me vê quando chego perto e paro junto à mesa de jantar, alguns passos atrás dela.

— Algo interessante na geladeira? — pergunto.

Nina dá um pulo de susto e fecha o refrigerador com um estrondo.

— Merda, quase me matou do coração...

Ela para no meio da frase e fica ali me encarando com os olhos arregalados. Esperava que ficasse surpresa ao me ver fora da cadeira de rodas, mas a emoção em seu rosto não é surpresa. É medo.

— Nina? — Dou um passo em sua direção.

A jovem se encolhe e recua, esbarrando na geladeira. Sua respiração acelera, torna-se superficial, como se ela não conseguisse respirar direito, e as mãos tremem de leve. A garota está tendo um ataque de pânico. Não tenho ideia de qual foi o gatilho, mas ela está apavorada com alguma coisa, e tenho certeza de que essa *coisa* sou eu. Não faz sentido. Apenas algumas horas antes, eu a estava segurando no colo, e Nina não parecia nem um pouco assustada.

— Roman — ela diz enfim, a voz mal passando de um sussurro. — Preciso que sente. Por favor, sente.

Não vejo sentido em seu pedido, mas dou dois passos em direção à mesa de jantar, puxo a cadeira e me acomodo. Nina continua enraizada na frente da geladeira, mas pelo menos parece estar com a respiração sob controle. Um pensamento fugidio passa pela minha cabeça, algo dito pela moça quando chegamos. Lembro-me claramente agora, e não gosto do que ele implica.

— Falou uma coisa ontem à noite. Preciso que me explique o significado.

Ela pisca e balança a cabeça.

— O que exatamente?

Sua voz está mais forte agora, quase normal, mas a garota não se move. Suas costas estão coladas ao refrigerador, como se quisesse se fundir a ele. Foco o olhar em seu rosto, certificando-me de captar sua reação.

— O que quis dizer com “não sou fã de coisas grandes”?

Ela pisca de novo e, em vez de responder, dá meia-volta e corre para o quarto. A porta se fecha com um estrondo, ao mesmo tempo em que minha percepção se instala e a raiva começa a ferver no estômago. Alguém a machucou e, para Nina reagir dessa forma, deve ter sido bem ruim.

Nina

O relógio na mesa de cabeceira marca duas da tarde. Não posso ficar trancada no quarto o dia inteiro, sei disso. Mas ainda assim, não consigo me obrigar a sair e enfrentar Roman depois do episódio dessa manhã. Ele deve estar pensando que sou louca. Meu Deus, mesmo depois de dois anos, continuo com a cabeça ferrada.

As coisas estavam melhorando. Cheguei a um ponto em que era capaz de estar na companhia de homens enormes sem surtar. Conseguia até

manter uma conversa normal, se eles não me tocassem. Sim, grande parte das pessoas – especialmente os homens – é mais alta do que eu. Mas a maioria delas não provoca um ataque de pânico. Só reajo a figuras masculinas com a mesma altura de Brian e uma massa muscular significativa.

Roman não se parece em nada com Brian, loiro e com um ar de surfista. No entanto, os dois são semelhantes em altura e porte. Talvez, se tivesse sido avisada de alguma forma ou se soubesse o que esperar, não teria reagido de forma tão extrema. Mas ainda estava sonolenta e, de repente, com Roman se erguendo à minha frente, acabei surtando.

Preciso sair deste quarto. Ainda há trabalho a ser feito, pessoas a serem enganadas. Consigo fazer isso. Animada com minha palestrinha motivacional, levanto-me da cama e saio do cômodo de cabeça erguida. Roman está sentado à mesa. Uma mão segurava um garfo, e a outra mantinha o celular próximo do ouvido. A julgar pela expressão sombria em seu rosto, não são boas notícias. Faço o melhor possível para controlar a fisionomia e me juntar a ele, escolhendo a cadeira ao seu lado de propósito. A atitude diz: “Não tenho medo de você. O episódio da cozinha foi apenas um mal-entendido. Vamos fingir que nunca aconteceu.”

Ele ainda está ao telefone quando sento, mas presta atenção em mim. Certificando-me de que meus movimentos são perfeitamente calmos, encho um copo com água e me concentro na comida na mesa. Há uma tigela com purê de batata, uma variedade de peixes e mais de um tipo de salada. Apanho um prato e empilho tudo. Pego também uma fatia de pão e me esbaldo.

— Estarei lá embaixo em vinte minutos — Roman diz ao telefone, coloca-o sobre a mesa e volta à refeição.

Comemos em silêncio. O único som vem dos talheres e é estranhamente... doméstico. Esperava que ele comesse a perguntar sobre a manhã de hoje, mas não toca no assunto, e a decisão me deixa aliviada.

— Mandeí Valentina pegar algumas de suas roupas — o homem diz por fim. — Estão em uma sacola na sala de estar.

— Mandou bem. — Pego um tomate-cereja do prato e o jogo na boca.

Roman se inclina para trás e, cruzando os braços, observa-me por alguns segundos. Tento focar na comida em vez de me atentar a seus braços musculosos que esticam o tecido da camisa. Falho miseravelmente. Ele inclina a cabeça para o lado e estreita os olhos para mim.

— Sabe, acho interessantíssimo que esteja lidando com a situação muito melhor do que eu esperava.

— Que situação? — Pego a saladeira e encho o prato com alface e mais tomates-cereja.

— Esta. Ser chantageada para casar com alguém como eu. Ser obrigada a interromper sua vida por seis meses. Imaginei que ficaria preocupada. Relutante. Assustada. Você parece... indiferente até demais.

— Acha que sou mentalmente instável? — Pego uma folha de alface, enrolo-a em um tomate-cereja e mergulho na maionese enquanto Roman me olha com interesse.

— Você é? — ele pergunta. — Mentalmente instável?

— Claro que não. Sou a personificação da estabilidade mental. Pode perguntar a qualquer um. — Aponto para a bola de alface, tomate e maionese. — Quer uma?

Pela expressão em seu rosto, ele não está achando graça. Suspiro e o encaro.

— Sim, acho essa situação perturbadora, mas é o que é. Tenho voz ativa nela? Não. Posso mudar alguma coisa? De novo, não. Não importa se eu resistir, vai dar na mesma. Do meu ponto de vista, é melhor só aceitar essa merda e seguir a vida.

— Você é meio maluquinha. Sabe disso, não sabe?

— A vida é uma loucura. Você tem que aceitar. — Dou de ombros e faço um sinal com a cabeça para as muletas apoiadas na mesa ao lado dele. — Por que a cadeira de rodas se pode andar?

— Prefiro chamar de me arrastar. E ainda não consigo passar o dia todo de muletas. Pretendo me livrar da cadeira de rodas em algum momento, mas até conseguir passar um dia inteiro em pé, não quero que ninguém saiba.

— Por que não?

— Tenho meus motivos. Somente Maxim, Varya e meu fisioterapeuta sabem. E agora você. Quero que continue assim, Nina.

— Ninguém te pegou andando? Uma empregada? Alguém que entrou em sua suíte sem avisar?

— Só Varya pode entrar aqui. Ela cuida da limpeza. Todos os outros sabem que não devem entrar em minha suíte, a menos que exista um convite específico.

— E o que aconteceria se alguém o pegasse? Isso seria um problema?

— Na verdade, não. Porque eu mataria esse alguém na hora.

A princípio, acho que é só brincadeira, mas então ele olha para mim e vejo em seus olhos. Está falando muito sério.

— O senhor é um homem assustador, Sr. Petrov.

— Faz parte da descrição do trabalho, Nina. Há apenas três coisas que as pessoas entendem em meu mundo: lealdade, dinheiro e morte. Lembre-se disso. — O russo pega as muletas. — Preciso discutir um assunto com Maxim. Volto em uma hora.

Fico de pé rápido, respiro fundo e faço força para as pernas não saírem do lugar. De jeito nenhum vou permitir que o episódio desta manhã se repita. Ele não é o Brian. Não vou deixar o medo irracional me dominar. Roman se apoia nas muletas e se levanta na minha frente. Meu Deus, ele é enorme. O coração dispara, mas consigo não tremer. Posso lidar com isso. Vou morar com o homem pelos próximos seis meses, portanto devo me controlar. Bem devagar, levanto a cabeça e o encaro sem pestanejar. Mesmo assim, garanto que as mãos trêmulas fiquem escondidas nas costas.

— Pergunto-me com o que alimentaram você na infância — digo, e até consigo dar um pequeno sorriso.

Ele apenas me observa por alguns segundos e, em seguida, estende a mão e passa o polegar pela minha bochecha.

— Você é uma atriz excepcional, *malysh*.

Depois de afastar a mão do meu rosto, ele se dirige lentamente para o quarto. Gostaria de saber o que o Pakhan quis dizer com isso.

Roman

Lanço um olhar vazio para Maxim, de braços cruzados em frente à minha mesa. Não sei de onde ele tirou essas ideias estúpidas de repente.

— Não — digo.

— Por que não? É uma oportunidade perfeita. Ela pode dizer que se perdeu ou que está explorando a casa.

— Porque, primeiro, ela provavelmente nunca viu um dispositivo de escuta na vida e não saberia como ou onde colocá-lo. E segundo, ninguém vai acreditar que ela simplesmente entrou no quarto de Leonid ou em seu escritório por acidente. Não sabemos quem mais está envolvido. Pode ser alguém da equipe ou um dos seguranças. Não quero que ela avise meu tio ou o comparsa dele antes do previsto.

— Tem certeza de que foi o Leonid?

— Absoluta.

— Vamos prendê-lo logo, então. Peça ao Mikhail para dar um jeito nele. Até de manhã, o homem vai abrir o bico rapidinho.

— E se não foi ele? — pergunto. — Tem ideia de como isso afetaria o espírito e a confiança dos meus homens se eu torturasse um dos meus sem provas, apenas para ele se revelar inocente?

— Bem, então chegamos a um beco sem saída, Roman. — Ele tira os óculos e suspira. — Estou ouvindo as gravações há meses e não encontrei nada além de fofocas corriqueiras. Sabia que Kostya está dormindo com Valentina e Olga?

— Não estou nem aí para quem está dormindo com quem. Quais cômodos grampeou até agora?

— A biblioteca, a sala de estar, a de jantar, os dois banheiros do andar de baixo, o porão e o arsenal. Varya grampeou a cozinha e a despensa para mim. Só.

— Os carros?

— Todos, exceto o de Leonid, o de Mikhail e o de Sergei.

— Não precisa colocar escutas no carro de Sergei. Se tivesse sido ele quem armou a bomba, eu estaria morto. Provavelmente, junto com todo o quartirão. Também não foi Mikhail. — Batuco o dedo na mesa, pensando. — Peça para Valentina colocar uma escuta no quarto e no escritório de Leonid.

— Valentina?

— Por que não? Ela é de confiança.

Maxim balança a cabeça.

— Bem, deixa ver se eu consigo explicar. Ontem à noite, Nina estava sentada no seu colo, com os cabelos desgrehados, descalça, agarrada ao seu pescoço enquanto você apalpava a perna dela por baixo do vestido. Sua camisa estava aberta, e a beijava como se estivesse possuído — o homem diz, e levanta as sobrancelhas para mim. — Toda a equipe sabia de cada detalhe no momento em que Valentina voltou correndo para a cozinha, bem como a conclusão dela de que vocês dois são almas gêmeas e terão lindos bebês em breve. Ela é leal, mas tem uma língua quilométrica. Não conseguiria ficar de boca fechada mesmo se sua vida dependesse disso.

— Que maravilha. — Respiro fundo e olho para o teto. Existe alguém nesta casa minimamente são?

— Deveríamos pedir a Nina para fazer isso. A equipe e os homens ainda não a conhecem, e se você a instruir a posar como uma idiota risonha e cabeça de vento, ninguém vai prestar atenção no que ela está fazendo.

— Jamais casaria com uma “idiota risonha e cabeça de vento”, Maxim. Todo mundo sabe disso.

— Claro que casaria. Você é um homem possuído, lembra?

Fecho os olhos e balanço a cabeça com irritação. Um dia desses, vou esganar Valentina.

— Então está decidido. — O homem ajeita o paletó, coloca os óculos e se vira para sair. — Avise-me quando quiser que eu vá explicar o procedimento para Nina.



Quando volto para a suíte na ala leste, não vejo Nina em lugar algum – nem na cozinha nem na sala de estar –, então vou para o quarto dela, também vazio. Por um momento, acho que a moça mudou de ideia e conseguiu fugir de alguma forma. Viro a cadeira de rodas, planejando disparar o alarme, quando a encontro. Então, a pressão que eu não sabia estar sobre meu peito desaparece.

A garota está sentada de pernas cruzadas no canto mais distante da biblioteca, de costas para a estante, com um monte de toalhas de papel espalhadas no chão ao seu redor. Atravesso a sala de estar, paro a alguns passos de distância e a observo. Está rabiscando em uma das toalhas de papel. É um desenho bem simples, mas dá para identificar a forma de uma mulher segurando algo na frente dela. A maior parte das outras folhas tem composições semelhantes; algumas não passam de linhas irreconhecíveis, outras são mais detalhadas. Não posso ter ficado fora por mais de uma hora. Como ela conseguiu fazer tudo isso em tão pouco tempo?

— Pode mandar alguém à minha casa para trazer mais coisas? — Nina pergunta sem tirar os olhos do desenho. — Há três caixas grandes na sala de estar. Diga para terem cuidado, as telas e as tintas estão lá dentro.

— Para quando precisa delas?

— Para ontem. Já que estou presa aqui, é melhor fazer algo útil com meu tempo. A exposição será em três semanas, e só tenho seis peças prontas. Preciso de mais nove, além do grandalhão.

— O “grandalhão”?

— Minha obra principal. A tela que encomendei para ela chegará na próxima semana.

Eu a observo trabalhar por mais alguns minutos, reparando em como estreita os olhos para algum detalhe de vez em quando ou como curva a cabeça para o lado e morde a bochecha quando está pensando. Seu cabelo é um emaranhado de mechas unidas no topo da cabeça e presas com um lápis. Que criatura mais estranha, tão diferente das mulheres com quem estou acostumado a passar o tempo. É revigorante e perigosamente sedutor.

— Preciso falar com você quando terminar — digo quando consigo tirar os olhos dela. — Estarei na sala de estar.

— Tá legal.

A jovem coloca o desenho pronto de lado, pega o último papel toalha não utilizado e começa a esboçar nele.

Parece que estou sendo dispensado.

Depois de ir até o quarto para pegar o *notebook*, transfiro-me para o sofá e ligo o noticiário. Apoio a perna direita na mesa à frente, abro o *notebook* e começo a ler os *e-mails*. Estou quase terminando quando Nina se acomoda ao meu lado e boceja.

— Foi mal, acabei me empolgando. Sobre o que queria falar?

Fecho o *notebook* e me viro para encará-la.

— Preciso que faça algo para mim enquanto estiver aqui.

— Tipo passar aspirador e tirar o pó? — A moça torce o nariz. — Não me lembro de ter concordado com isso. Passar roupa tudo bem, tirar o pó idem, mas odeio aspirar.

— Colocar alguns grampos sem ninguém perceber.

Ela leva a mão à cabeça e olha para mim com um misto de confusão e incredulidade. Parece que preciso explicar melhor.

— Dispositivos de escuta. Não grampos de cabelo.

— Esse é um pedido deveras estranho, Sr. Petrov. Pode elaborar um pouco mais?

— De agora em diante, é Roman. Por favor, certifique-se de não dar bandeira quando alguém estiver por perto.

— Não vou dar bandeira, Roman.

Ela sorri e dá uma piscadinha para mim.

A merda de uma piscadinha.

Suspiro.

— Tenho motivos para acreditar que pelo menos uma das pessoas responsáveis pela bomba que pretendia me matar está nesta casa. Maxim grampeou a maioria dos cômodos há dois meses, mas não pode colocá-los nos últimos sem correr o risco de ser visto.

— Bem, estou comovida com sua crença em minhas capacidades, mas não consigo ver como posso fazer isso se ele não pôde.

— Porque se alguém vir Maxim entrando em qualquer uma dessas salas, saberá que algo não está certo. Mas se pegarem você, basta dizer que se perdeu.

— Sua casa é enorme, mas não acho que eu me perderia a ponto de entrar no cômodo errado. — Ela parece ofendida. — Não sou idiota.

— Isso nos leva ao segundo ponto que precisamos discutir, sobre o modo como as pessoas que vivem e trabalham aqui a veem. Preciso que pareça... digamos, superficial.

— Quer dizer estúpida?

— Não exatamente. Só preciso que, quando a virem entrando na sala, não fiquem cautelosos ou desconfiados. Quero que secretamente revirem os olhos e não percebam o que está fazendo, porque presumem que é... inofensiva.

Ela me examina com surpresa e depois ri. É uma risada desarmada e genuína que chega até os olhos.

— Ok, você definitivamente quis dizer estúpida. Certo. Vou precisar de alguns minutos.

Nina se recosta nas almofadas, joga a cabeça para trás e, com o rosto voltado para o teto, fecha os olhos. Depois de ficar assim por alguns instantes, começa a falar:

— Superficial. Inofensiva. Um pouco estúpida. Loucamente apaixonada por você. Precisa de acesso a todas as partes da casa. Vamos ver... Quem sou eu? Bem, a esposa troféu de Roman, é claro. Sou bonita, elegante e mega esnobe. Adoro usar roupas caras, apenas das melhores marcas. Não gosto muito de vestidos, a menos que a ocasião exija. Prefiro muito mais jeans de grife, combinados com blusas de seda. Os saltos são obrigatórios.

Ela faz uma pausa, abre os olhos e se vira para mim.

— Acha que os saltos são obrigatórios? — Franze o nariz minúsculo. — É claro que são. Que droga. Odeio usar salto.

A garota fecha os olhos de novo e continua:

— Os saltos são obrigatórios, e tenho dezenas deles. Roman adora quando eu os uso, diz que me deixam com a bunda maravilhosa. Também sou muito insegura em relação à minha altura, e usar salto o tempo todo me faz esquecer do quanto sou baixa. Meu passatempo favorito é fazer compras, e compro muitas roupas. Meu marido tem de reservar um motorista especificamente para mim e as compras.

Outra pausa, e ela se volta para mim de novo.

— Roman, precisarei de fundos para sustentar o vício dela em roupas. Ela é uma compradora compulsiva.

— Terá tudo o que precisar. — Rio. Ela é mesmo maluquinha.

— Meu marido é louco por mim e me deixa fazer o que eu quiser com a casa, como reorganizar os móveis para a vibração do lugar se harmonizar melhor com as vibrações da terra. A casa parece terrivelmente fria, então compro um monte de plantas para ambientes internos e as espalho por toda parte. Também faço um *tour* por cada cômodo porque quero ter certeza de que não há obstáculos para a energia fluir, então

reorganizo quadros e espelhos. E detesto a mesa da sala de jantar, ela é muito exagerada. Decido trocá-la por uma elegante, de vidro, que encontrei em uma revista de *design* de interiores.

Outra pausa.

— Essa mulher é cara, Roman. Espero que saiba no que está se metendo.

— Consigo dar conta.

— O funeral é seu. — Nina dá de ombros e continua: — Meu marido não gosta de ser interrompido, mas é claro que a regra não se aplica a mim. Muitas vezes vou ao escritório dele só para ver como está e dar uns beijinhos. Isso irrita seus homens. Eles se perguntam o que o Pakhan vê em mim e por que me dá tanta liberdade, e então decidem que o chefe está pensando com a cabeça de baixo. Estou sempre por perto, e eles odeiam isso.

Estou fascinado com a maneira como a moça está criando essa nova pessoa. É uma loucura e, ao mesmo tempo, brilhante.

— Ela deve ser incrível na cama, para conseguir envolver o marido desse jeito — comento.

— É claro que é. De que outra forma ela o faria perder a cabeça assim? Não é lá muito inteligente, mas faz o melhor boquete do mundo.

Imagino Nina fazendo exatamente isso, e o pau fica duro na mesma hora.

Ela abre os olhos e me fixa com o olhar.

— Acho que é suficiente para o começo, vou desenvolvê-la mais ao longo do caminho. O que acha? Ela serviria?

— Faz isso sempre? Criar personalidades diferentes e mergulhar nelas? — pergunto, em uma tentativa de suprimir a necessidade de agarrá-la e a beijar com vontade.

— Fazia quando era criança. Era um jogo. Minha mãe odiava. Imagine que sua filha desça uma manhã e rejeite o café da manhã, declarando ser vegetariana há anos, quando no dia anterior jantou presunto

e ovos. — A jovem boceja. — Você se importa se eu tirar um cochilo? Não dormi bem ontem à noite.

— Por quê?

Nina pisca, olha para o outro lado e pula do sofá.

— Cama macia demais.

Observo enquanto ela corre para o quarto e me pergunto por que suas bochechas ficaram vermelhas.

Nina

Quando saio do quarto depois de tirar um cochilo, encontro uma mulher mais velha na cozinha de Roman, guardando as compras na geladeira. Ela é baixa, tem cabelos grisalhos e usa um vestido amarelo elegante. Quando me ouve, vira-se e abre um largo sorriso, o que realça as rugas nos cantos de seus olhos.

— Estava aqui me perguntando onde você tinha ido parar — diz ela com um sotaque carregado. — A cozinha está fervilhando de fofocas desde a noite passada.

— Nina, esta é Varya — diz Roman ao entrar na cozinha. — Ela sabe do nosso acordo.

A mulher me olha de cima a baixo, do alto da cabeça até os dedos dos pés, fazendo eu me sentir como se tivesse dezesseis anos e estivesse conhecendo a mãe do meu namorado. Ela é importante para Roman, isso fica evidente pelo som da voz dele quando fala com a senhora. Por algum motivo, parece menos cauteloso. Se compartilhou a verdade sobre nosso acordo com ela, isso significa que é de confiança, e não acho que o russo confie em muitas pessoas.

— Então, para quando está planejado o casamento? — pergunta a mulher.

— Daqui a algumas semanas. — Dou de ombros.

— Não acho que seja uma boa ideia, Roman. — Varya se volta para ele. — Se mantiver Nina aqui por tanto tempo, vai precisar apresentá-la aos seus homens. Não sei se é uma boa ideia apresentá-la como sua... amante.

— Acha que deveria ser antes? — ele pergunta.

— Sim. Quando a apresentar aos seus homens, deve ser como esposa. Ninguém vai respeitá-la se não for assim.

Roman observa Varya por alguns instantes, depois pega o celular e faz uma ligação.

— Maxim, mudança de planos. Remarque com o juiz de paz. Para amanhã à tarde.

Como é que é?

— Assim está muito melhor. — A mulher sorri. — Quando devo enviar o jantar?

— Em uma hora.

— Perfeito. Vou me certificar de que Valentina o traga. Ela descreveu a cena que presenciou ontem com tantos detalhes. É uma menina tão competente. Toda a equipe da cozinha e alguns dos homens presentes a ouviram com os olhos arregalados, comentando como você nunca traz mulheres para casa e como essa deve ser especial. — Varya se vira para sair, mas para na porta. — Garanta que ela pegue vocês em algo mais íntimo dessa vez. Não vai querer que as pessoas desconfiem quando anunciar o casamento tão de repente, Roman.

Fico olhando para a porta que a senhora acabou de atravessar, confusa e ligeiramente em pânico, depois me viro para o homem.

— Não vamos transar só para sua empregada nos flagrar.

Ele ri e se dirige ao seu quarto.

— Vou tomar um banho e me trocar. Se planeja fazer o mesmo, seja rápida e vista algo rendado.

— Perdão?

— Não haverá sexo envolvido. Mas Valentina vai levar o jantar ao meu quarto, e você vai estar lá. — Ele joga as palavras por cima do ombro.

— No seu quarto?

— Na minha cama, Nina.

Roman

Estou revirando a gaveta da cozinha à procura de um saca-rolhas quando ouço a porta do quarto de Nina se abrir. Levanto a cabeça e olho para ela. A moça está parada no batente, parecendo uma princesa sombria em uma camisola curta e rendada, com os cabelos cor de meia-noite soltos emoldurando o rosto.

Ela entra na cozinha com os pés descalços e fica bem na minha frente, mas mantém a cabeça baixa, olhando para meus pés. Por fora, parece relaxada, mas então olha para cima, e suas costas ficam rígidas. Ou seja, como presumi, não é o fato de estar perto de mim que a incomoda. É minha altura. Tiro a muleta esquerda da axila e a encosto na ilha da cozinha, depois me inclino para pegar Nina pela cintura e a levanto, colocando-a sentada no balcão à minha frente.

— Pronto. Melhor? — pergunto, mas a garota apenas me encara com os olhos arregalados.

Viro-me para pegar a muleta esquerda atrás de mim e, quando volto a fitá-la, vejo uma lágrima perdida escorrendo pelo seu rosto. A visão me acerta em cheio nas entranhas.

— Sinto muito — ela sussurra. — Não é você, Roman.

— Eu sei. — Ergo a mão e coloco a palma em sua bochecha, enxugo a lágrima. — Vou matá-lo, *malysh*. Vai ser lento e vai ser doloroso. Basta me dar o nome dele.

— Não.

— Não estou pedindo. Dê-me a porra do nome.

— Eu disse não. Não vou fazer de ninguém um assassino.

— Tarde demais para isso, Nina. O nome.

— Deixa pra lá. Não vou contar. Apenas... deixe essa droga pra lá.

Respiro fundo e tento reprimir a vontade de socar alguma coisa.

— Tudo bem. Vou deixar pra lá por enquanto. Mas só está adiando o inevitável.

O telefone começa a tocar no meu quarto. Provavelmente é Varya querendo saber se estamos prontos para o jantar, mas não estou mais no clima para joguinhos.

— Preciso atender. — Viro-me para me dirigir ao aposento e ouço Nina descer do balcão.

Ela me segue, mantendo-se alguns passos atrás de mim, acompanha meu ritmo lento. O telefone para de tocar assim que chego à mesa de cabeceira.

— Vou dizer para Varya que a bandeja deve ser deixada em frente à porta — aviso enquanto me abaixo e sento na beirada da cama. — Pode voltar para seu quarto ou esperar na cozinha.

— Não. — Ela pega as muletas que coloquei ao meu lado e as enfia embaixo da cama. Observo enquanto remove a colcha e entra debaixo do cobertor. — Vamos lá — diz Nina ao levantar o canto da coberta.

Certificando-me de que há espaço suficiente entre nós, deito-me esperando que ela se afaste. Em vez disso, a moça joga a perna ao meu redor e sobe em mim, abaixa a cabeça e a encosta em meu peito. Quase não respiro, faço o possível para não mexer um só músculo, com medo de assustá-la. Ficamos assim por um tempo, eu deitado, e ela esparramada sobre meu peito.

— Coloque os braços em volta de mim.

Faço o que Nina orienta, procurando por qualquer sinal de angústia, mas não há nenhum. Que criatura incomum ela é, e é tão bom tê-la nos braços assim. Gostaria que não fosse apenas fingimento.

— Está bom assim? — pergunto baixinho.

— Uhum — a jovem responde, e fecha os olhos. — Preciso te dar algumas instruções.

— Tudo bem.

— Nada de segurar meus pulsos ou apertar meu pescoço — diz, e sinto o frio correr pela minha espinha. — Além disso, nada de me prender com seu corpo.

Nina

No momento em que as palavras saem da minha boca, Roman fica imóvel embaixo de mim. Detesto tocar nesse assunto, mas precisava contar. Não quero correr o risco de assustá-lo se ele, sem saber, fizer algumas dessas coisas. O russo apenas continua deitado, e ouço seus batimentos cardíacos acelerarem sob meu ouvido, e então o homem tira os braços das minhas costas.

— Volte para seu quarto, *malysh*. Não vamos fazer isso — ordena, curto e direto.

Que merda. Sabia que ele reagiria assim.

— Está tudo bem, Roman.

— Não. Você foi ferida. Não vou te obrigar...

— Não está me obrigando a fazer nada. — Levanto a cabeça para olhá-lo, depois me arrasto até ficar com o rosto bem na frente do dele.

— Nina... — o Pakhan começa, mas rapidamente coloco o dedo sobre seus lábios.

— Eu transei... depois. Não tenho nenhum problema em estar na mesma cama que você. Não vou surtar se estiver me abraçando ou se ficarmos perto.

Seus lábios são tão macios e, por um momento, distraio-me com a visão dele me observando com tanta intensidade. É tão lindo.

— Nunca chegou a esse ponto — continuo. — Ele... ele não conseguiu me machucar desse jeito. Arrebentei o *notebook* na cabeça dele antes que pudesse fazer qualquer coisa.

— Acertou a cabeça dele com um *notebook*?

— Duas vezes. Quebrei o nariz dele no segundo golpe e fugi. — Dou de ombros e passo o dedo sobre a sobrancelha de Roman. — Mesmo assim, isso ferrou minha cabeça. Às vezes não consigo controlar as reações, mas não tem nada a ver com você.

— Tem certeza? Preciso que tenha certeza, Nina.

— Tenho certeza.

Ouçoo passos se aproximando, junto com o tilintar de pratos e talheres. É uma desculpa perfeita, então abaixo a cabeça e o beijo. Era para ser apenas um beijo rápido, mas no instante em que sinto seus lábios nos meus, todos os pensamentos racionais voam para longe. No momento seguinte, minhas mãos o agarram com toda a força. Por algum motivo, há uma necessidade de chegar mais perto de Roman dentro de mim, e parece bobagem, pois me encontro esparramada sobre seu peito, com as pernas de cada lado dele.

Um ofego vem de algum lugar atrás de mim. Interrompo o beijo e olho por cima do ombro para ver a garota de ontem parada na porta com uma bandeja nas mãos, a boca meio aberta e os olhos esbugalhados. Dou um gritinho e agarro depressa a bainha da camisola rendada; ela subiu pelas costas. Puxo para baixo sobre as mãos de Roman, que estão agarrando minha bunda. A menina não vai contar a todos sobre ter visto minha calcinha fio dental preta rendada, assim espero.

— Pakhan, eu... Desculpe, não sabia...

— Deixe a comida aí e vá embora — Roman diz por baixo de mim, como se estivesse irritado com ela por ter entrado, o que não faz sentido. De qualquer forma, estamos fazendo tudo isso para o bem da moça. Bem, pelo menos ele está. Quanto a mim, não tenho certeza se estou fingindo. E isso me dá um medo danado.

Espero até a garota sair e olho para o homem.

— Eu vou... embora agora — digo, mas não faço nenhum movimento para sair de cima dele.

O russo apenas me encara com os olhos apertados, ainda com as mãos em minha bunda. A pele de seu peito é tão quente sob minhas palmas, os lábios estão tão próximos. Só precisaria me inclinar um pouco para saboreá-los outra vez. Seria tão ruim se eu ficasse aqui com ele? Sim, provavelmente seria. Faço um movimento para me afastar, e suas mãos desaparecem imediatamente de minhas costas.

— Preciso comprar algumas roupas — digo enquanto me levanto da cama, pego um sanduíche na bandeja deixada pela empregada e me dirijo à porta. — Nem sobre o cadáver de sua esposa esnobe ela seria pega andando por aí com um dos meus moletons.

— Levarei você pela manhã. Esteja pronta às nove.

Olho de volta para Roman e o vejo esparramado na cama, as mãos cruzadas atrás da cabeça. Isso faz sua estatura já enorme parecer ainda maior. Ninguém deveria ser tão bonito assim. E perdi a oportunidade de ver suas tatuagens, de novo. Que droga.

— Ok. Então, boa noite — digo, e saio correndo do quarto.

Roman

Quando chego à cozinha por volta das oito e meia, Nina já está terminando o café da manhã. Em vez de me juntar a ela, sirvo-me de um copo de suco de laranja e bebo perto do balcão, porque não sei se conseguirei me levantar se sentar agora. Warren me atormentou por quase duas horas esta manhã na sessão de fisioterapia, e mal consegui tomar banho e me vestir depois disso. Deveria ter pegado a cadeira de rodas imediatamente em vez das muletas.

— Temos que fazer um pequeno desvio antes de levá-la às compras.
— Coloco o copo vazio na pia. — Um dos meus homens ligou para falar de um problema que preciso resolver. Não vai demorar muito.

— Tudo bem se passarmos em uma loja de materiais de arte também? Varya veio mais cedo para dizer que os meus já chegaram, mas preciso comprar mais tintas.

— Claro. Vou pedir que um dos rapazes leve as caixas para cima. Onde quer que as coloque?

— Em frente à janela, perto da estante. Isso se não se importar que eu monte o espaço de trabalho lá. Prometo que vou cobrir o chão e não fazer bagunça.

— Claro. — Assinto e me viro para entrar no quarto e pegar a cadeira de rodas quando uma dor aguda atinge toda a extensão da perna direita. Que droga. Aperto os olhos por um segundo, respiro fundo e dou um pequeno passo. Dou mais dois antes de precisar parar e fazer uma pausa.

— Roman? — Olho por cima do ombro e vejo Nina me observando da mesa. — Está tudo bem?

— Sim.

Assinto de novo e continuo me arrastando para o quarto, tentando não colocar muito peso na perna direita.



Pego a maçaneta da porta e me viro para Nina.

— Fique no carro. Não vai demorar.

— Claro, querido. — Ela sorri e estala os lábios.

Balanço a cabeça e me transfiro do assento para a cadeira de rodas que Dimitri, meu chefe de segurança, está segurando para mim. O armazém fica ao sul da cidade, em um relvado entre duas fábricas abandonadas. O terreno é irregular, e isso torna mais difícil empurrar as rodas, mas Dimitri sabe muito bem que não deve tentar me ajudar. Entramos por uma grande porta usada por veículos e paramos no meio do enorme salão onde dois de meus homens estão esperando.

— Quem fez merda? — rosno ao entrar, com Dimitri me seguindo.

— O motorista — responde Mikhail. — Ele foi parado por uma patrulha de rotina por excesso de velocidade. Além disso, estava bêbado. A mercadoria foi confiscada.

— Ele excedeu a velocidade enquanto transportava minhas drogas. Bêbado — digo, incrédulo. — Onde está o idiota?

— Conseguiu escapar dos policiais. Está no quarto dos fundos.

— Mate-o — ordeno a Mikhail, e me viro para Anton. — Certifique-se de que os outros sejam avisados, para esse tipo de merda não se repetir.

— Sim, Pakhan.

— Mostre o mapa. Vamos precisar mudar a rota dos próximos carregamentos.

Levamos cerca de vinte minutos para definir o itinerário alternativo e passamos quase uma hora examinando as remessas planejadas para as duas semanas seguintes, fazendo os ajustes necessários. Talvez eu não devesse ter trazido Nina. Ela provavelmente está ficando inquieta por esperar tanto tempo.

Quando enfim voltamos para o carro, Dimitri abre a porta para mim e, quando vejo a garota, paro no meio do movimento. Ela está sentada de pernas cruzadas no banco de trás, com os olhos fechados. No celular em seu colo, um vídeo está rodando, mostrando uma mulher na mesma pose, murmurando alguma bobagem *new age* enquanto Nina fala junto. Parece ridícula.

— O que está fazendo?

— Purgando vibrações negativas e canalizando energia positiva para os pontos de meus *chakras*. Vova disse que não se importava.

Viro a cabeça para o motorista. Olhando para frente, ele finge compostura, mas posso ver em seu rosto que mal está conseguindo não cair na gargalhada.

— Quer experimentar, querido? Faz maravilhas para liberar o estresse — diz a jovem, com total seriedade, mas noto um brilho de malícia em seus olhos.

— Tentaremos algo semelhante quando chegarmos em casa.

Nina

Há três pilhas de roupas no banco do provador. Na maior delas estão as roupas que não servem e não podem ser ajustadas. A do meio consiste nas que não são das mais adequadas — a maioria jeans e dois vestidos —, mas podem ser encurtadas. A assistente da butikue tirou minhas medidas e prometeu a alteração e entrega em dois dias. Essas lojas de luxo certamente têm um excelente atendimento ao cliente. Entrego aquelas que precisam ser encurtadas à assistente em frente ao provador e levo a terceira e menor pilha

comigo até o caixa. Não acredito, consegui encontrar algo que servisse. Roman paga as compras com seu cartão, depois abraça minha cintura e se inclina para mim.

— Gostei bastante desse fio dental rosa. Vai usá-lo para mim hoje à noite — comenta, e me beija.

Sei que ele só está fazendo isso porque seu homem, Dimitri, está na nossa frente recolhendo as sacolas, mas ainda sinto o friozinho no estômago. O funcionário não faz comentários, fingindo que nada fora do comum está acontecendo, mas notei como seus olhos se arregalaram quando viu o beijo. Ele é um pouco mais velho do que Roman – talvez tenha uns trinta e poucos anos – e é bonito, com uns quilinhos a mais na barriga.

A mão do russo pousa em minha bunda, e ele a aperta de leve.

— Pare de olhar para meu chefe de segurança, Nina — fala no meu ouvido.

Arqueio uma sobrancelha e sorrio.

— Claro, querido.

Seguimos para a loja de sapatos ao lado da boutique e, quinze minutos depois, estou sentada em uma cadeira com pelo menos uma dúzia de caixas espalhadas ao redor. Quando vejo os preços nelas, quase desmaio e quero ir para outra loja, mas Roman não aceita. Então, aqui estou eu, segurando um par de saltos que custam uma pequena fortuna quando ouço meu futuro marido se aproximando. Ele vira a cadeira para ficar diante de mim e se inclina, pega os sapatos das minhas mãos e os coloca em seu colo.

— Esquerdo — instrui, e estende a mão.

Cruzo as pernas e levanto o pé indicado, coloco o calcanhar em sua palma. O homem pega um sapato do colo e, segurando o tornozelo, desliza-o em meu pé.

— Tem fetiche por pés, Roman?

— Não. Mas parece que estou desenvolvendo um — brinca, com o queixo empinado, e solta minha perna. — Direito.

Faz o mesmo com cada par e, quando terminamos, estou seriamente excitada. Não fazia ideia de que meus pés eram uma zona erógena, ou talvez seja a maneira como ele acaricia de propósito a pele ao redor do tornozelo a cada movimento. Tenho a sensação de que cada parte do corpo se tornaria uma zona erógena se Roman a tocasse. É claro que nunca deixarei as coisas chegarem tão longe.

— Vamos levar todos — diz, e faz um gesto para Dimitri, a postos na entrada.

— Enlouqueceu? — sussurro depois de me certificar de que Dimitri não ouça. — Vamos levar apenas um par.

— Não.

— Roman!

— Todos, Nina. Agora, sorria.

— Obrigada, querido. Adorei os sapatos! — Sorrio para ele e me inclino para dar um beijo rápido em sua bochecha.

— Dimitri vai levá-la à loja de materiais de arte e depois para o carro. Espere por mim lá. Preciso passar em outra loja, estarei lá em breve.

— Ah, isso seria perfeito. Não sou boa em me orientar em lugares que não conheço.

— Eu sei, amor. Não se preocupe, acontece com todo mundo. — O Pakhan deposita um beijo rápido em meus lábios e se vira para sair do estabelecimento. Percebo a confusão no rosto de Dimitri enquanto o observa.

— Ele é um doce, não é? — Sorrio para o segurança, que apenas pisca para mim. Viro-me rapidamente e saio também, para ele não ouvir a risada que tenta escapar.

Nina

Quando voltamos das compras, o juiz de paz já está nos esperando na sala de estar da suíte de Roman. A assinatura do documento matrimonial é altamente anticlimática. O cara diz o que tem para dizer, enquanto Varya e Maxim atuam como nossas testemunhas. Um par de “sim, eu aceito” e quatro assinaturas depois, Roman e eu somos marido e mulher.

Não acredito que casei usando um par de jeans que tenho desde o primeiro ano do ensino médio. É uma das coisas mais bizarras que já vivi. Mas os anéis são um belo toque. Não sei como Roman conseguiu encontrar as alianças tão rápido. Provavelmente foi a uma joalheria enquanto eu esperava com Vova e Dimitri no carro. Também ganhei um segundo anel — um aro grosso de ouro branco com uma pedra pálida no meio, suponho que servirá como anel de noivado. Deve ser falso, porque o verdadeiro custaria uma fortuna. De qualquer forma, gosto dele.

Depois de todos saírem, Roman pega seu *notebook*, diz que tem trabalho a fazer e se tranca no quarto. Ele nem sequer sai para comer o almoço trazido por Varya. Coloco as roupas novas no guarda-roupas e termino uma pintura antes de minha inspiração se esgotar. Agora, estou ficando superentediada. Talvez eu devesse encomendar alguns itens e começar a redecorar a casa, como planejado. Quem sabe algumas luminárias. Dou uma espreguiçada no sofá e fecho os olhos.

— Luminárias. Adoro luminárias. Quanto maior, melhor. Douradas, com grandes abajures pretos. E cordinhas — murmuro para mim mesma. — Elas trarão o visual sofisticado, então colocarei em toda parte. Os funcionários vão odiar. São um inferno para tirar o pó e...

— Nada de luminárias. — Ouço a voz grave de Roman vindo logo acima de mim, mas apenas sorrio e continuo, mantendo os olhos fechados.

— E meu marido odeia minhas luminárias. Mas ele sabe que tem zero conhecimento de *design* de interiores e, por ser tão louco por mim, decide deixá-las em paz. Todas as quatorze.

Abro os olhos e vejo o russo curvado sobre mim, com os olhos franzidos. Está de novo em sua cadeira de rodas. Estranho. Normalmente ele usa as muletas quando está em sua suíte.

— Vejo que decidiu finalmente sair da caverna. — Ergo uma sobancelha.

— É melhor se vestir. Vamos descer para jantar em trinta minutos.

— Vadia, séria ou algo intermediário?

— O intermediário serve.

— Droga, queria que tivesse escolhido “vadia”.

Roman

A porcaria do meu joelho voltou a dar problema. Isso acontece de vez em quando. Tomei alguns analgésicos essa tarde e passei o resto do dia trabalhando na cama, esperava que ajudasse. E funcionou, mas só um pouco. Odeio essa cadeira, mas o que me incomoda mais do que isso é o fato de Nina me ver nela. A garota não é nada para mim. Temos um acordo com prazo limitado, e depois a moça vai embora. Mesmo assim, ainda me incomoda.

A porta do quarto dela se abre e, quando Nina sai, o quarto começa a pulsar com energia. Está usando uma calça jeans preta justa e uma blusa de seda amarela, combinada com saltos da mesma cor. O cabelo está preso em um rabo de cavalo alto que cai pelas costas. Nina não costuma usar maquiagem, e gosto disso. Ela não precisa de maquiagem. Mas hoje deve ter decidido se tratar de uma ocasião especial, porque seus lábios estão em um vermelho intenso, além de ter feito algo nos olhos para acentuar a forma e a cor. O engraçado é que sinto falta de seu *piercing* no nariz.

— Pronta? — pergunto.

— Tanto quanto jamais estarei. Mostre o caminho, marido.



Assim que entramos na enorme sala de jantar no primeiro andar, todos já estão sentados e conversando. Quando notam nossa presença, a conversa acaba, e os convidados se levantam. A tensão é tão grande que daria para cortar com uma faca, então decido ir direto ao ponto:

— Esta é minha esposa, Nina Petrova — declaro.

Todos me encaram com atenção e, em seguida, os olhares se voltam para Nina.

— Oi! — Ela sorri e acena.

Ninguém comenta. Ótimo.

— Tivemos nosso matrimônio civil essa tarde, mas decidimos adiar o casamento na igreja para o verão. Nina quer uma cerimônia ao ar livre.

— Sim. À beira do lago. — A jovem me beija na bochecha. — Obrigada por fazer minhas vontades, querido.

— Sei que é um tanto repentino, mas isso não muda as coisas. Se alguém se atrever a desrespeitar minha esposa, não vai gostar das consequências. — Faço questão de fixar o olhar em todos os homens à mesa até chegar ao meu tio. — Não importa quem seja. Está claro?

— Sim, Pakhan — todos dizem em uníssono.

— Nina, já conhece Maxim e Dimitri — digo, e ambos acenam com a cabeça. Em seguida, volto o olhar para o outro lado da mesa. — Este é Leonid, meu tio.

Presto atenção na reação dele, mas Leonid está longe de ser estúpido. Assente. Seu rosto é uma máscara perfeita de polidez, mas é impossível não notar o brilho maligno em seus olhos.

— À esquerda de Leonid estão Mikhail, os irmãos Ivan e Kostya e Sergei. À direita de Dimitri estão Yuri, Pavel e Anton. Esses são meus homens mais próximos, confio minha vida a eles. E de agora em diante, a sua também.

Nina se volta para os convidados presentes. Todos fecham o punho direito, batem no peito em sincronia e acenam com a cabeça enquanto ela os assiste com os olhos arregalados. Seu rosto está controlado, mas pela postura e pela maneira como aperta meu antebraço, sei que está um pouco chocada. Aparentemente, minha florzinha não entendia exatamente no que estava se metendo antes desta noite.

— Vamos comer. — Aceno para Varya, na porta. A mulher faz um gesto com a mão para Olga, Valentina e Galina trazerem a comida.

O jantar transcorre como eu esperava, quase sempre em silêncio. A cada poucos minutos, alguém lança um olhar rápido na direção de Nina. Tenho certeza de que ela percebe, mas finge não notar. E a garota é muito boa em fingir – tão boa, chega a ser perturbador. Eu esperava que ela fosse extrapolar, exagerar na atuação, dar risadinhas. Não há nada disso. Minha esposa se aproxima entre as mordidas para fazer perguntas e toca minha mão de vez em quando. Tudo parece tão genuíno... Até mesmo eu, sabendo sobre o fingimento, acho difícil não comprar sua atuação.

— Mudei de ideia — sussurra em meu ouvido e interrompe a linha de pensamento. — Vamos ficar com esta mesa. Ela é monumental.

— Fico feliz que pense assim.

— Mas as cortinas terão de desaparecer, querido. Esse tom de marrom é tão deprimente. Meu guru do *feng shui* diz que devemos sempre jogar fora as coisas que nos deprimem.

O som de sua voz é completamente sério, e o rosto é uma imagem de perfeita sinceridade, mas os olhos riem para mim. Inclino-me em sua direção.

— Então vamos queimá-las — digo, e a beijo.

Nina

Algo errado não está certo. Lembro que Roman mencionou uma reunião importante planejada para esta manhã. Já passa das nove, e ele ainda não saiu do quarto. Ouvi seu telefone tocar por volta das oito, e daí o homem falou com alguém. Quinze minutos depois, Valentina trouxe nosso café da manhã, dizendo que foi instruída pelo chefe a deixá-lo comigo.

Talvez eu devesse dar uma olhada nele. Guardo o pincel no pratinho perto da tela, limpo as mãos e me dirijo ao quarto de Roman. De repente, sua porta se abre, e meu marido sai em direção à cozinha. Está usando só calça de moletom, com a parte superior do corpo totalmente à mostra, e não consigo parar de olhar. O Pakhan nem mesmo percebe minha aproximação. Em vez disso, vai até as gavetas perto da pia e começa a remexer na de cima. Quando não encontra o que está procurando, resmunga algo em russo, fecha-a com força e passa para a próxima.

— Precisa de ajuda aí?

— Não.

Vejo-o pegar um frasco branco da gaveta, tirar dois comprimidos e engolir. O homem olha mais uma vez para o frasco, tira outro comprimido e o joga de volta na gaveta. Enquanto apanha uma garrafa de água na geladeira, aproveito a oportunidade para dar uma olhada no rótulo do frasco de comprimidos. São analgésicos. Por fim, Roman vira a cadeira para me encarar, e eu suspiro.

— Você está com uma cara péssima. — Seu rosto está pálido, e os olhos, injetados de sangue. — Não conseguiu dormir?

— Na verdade, não.

Sigo-o até o quarto e vejo quando entra no *closet* e volta com uma calça e uma camisa no colo.

— O que está fazendo?

— Tenho uma reunião em vinte minutos. Por favor, saia, preciso me trocar.

— Não está em condições de ir a lugar algum, Roman.

Ele me ignora, coloca as roupas ao seu lado na cama e começa a se levantar da cadeira de rodas. Porém, tão logo tenta se equilibrar, um assobio escapa de sua boca e ele cai de volta.

— Porra!

— Bem, acho que isso exclui qualquer tipo de *strip-tease* no futuro próximo — brinco. — Venha, deixe-me levar você para a cama.

— A cama não vai funcionar. O joelho está duro, não consigo esticar a perna.

— Que tal o sofá? Podemos colocar algo embaixo da sua perna e ver um filme.

Roman olha para mim como se eu estivesse doida.

— Não posso passar o dia vendo filmes. Tenho um império do crime para comandar.

— O senhor não vai correr para lugar nenhum hoje, literal ou figurativamente. Acabou de tomar uma dose tripla de analgésicos, então provavelmente estará inconsciente em menos de uma hora, dormindo como um bebê.

— Merda — pragueja, depois resmunga algo em russo e balança a cabeça.

— Não faço ideia do que acabou de dizer, mas concordo. — Aceno com a cabeça. — Precisa ligar para alguém e cancelar?

— Sim. Dê-me o telefone.

Quando chegamos à sala de estar, Roman consegue se transferir para o sofá. Pego uma das almofadas grandes e coloco embaixo da perna dele, depois vou até o quarto e trago um cobertor, que jogo em cima de seu corpo. O russo acompanha todos os meus movimentos, mas não dá um pio.

Acho que não está acostumado a ter alguém cuidando dele. Posso estar errada, mas acredito que gosta, secretamente. Vou até a cozinha e dou uma olhada no café da manhã deixado na bandeja. É uma espécie de torta caseira com recheio de frutas. Dou uma mordida. Ainda está quente. Vai servir.

— Comecei a ver um filme ontem à noite. Quer me acompanhar? Só assisti a quinze minutos, mais ou menos. Vou colocá-lo a par — grito enquanto pego uma jarra de suco de laranja na geladeira.

— Parece bom.

— Alguma chance de ter pipoca por aqui? — pergunto ao abrir o armário.

— Duvido.

— Que tal a cozinha no andar de baixo? Não podemos ver um filme sem pipoca.

— Não faço ideia. Ligue para Varya e pergunte.

Levo a bandeja com o café da manhã e coloco sobre a mesinha em frente ao sofá, depois me viro para Roman.

— Você ocupa muito espaço. Cabeça erguida, por favor.

— E você está mandona hoje — ele diz, mas se levanta sobre os cotovelos.

Sento onde meu marido estava com a cabeça, apoio as pernas na mesinha e dou um tapinha na coxa. Roman se abaixa devagar e deita a cabeça no meu colo. Ele me entrega o celular com o número de Varya já selecionado.

Roman

Mal posso esperar para ouvir isso.

— Varya, desculpe se estou interrompendo — diz Nina ao telefone.
— Será que você tem pipoca em algum lugar?

Não sei qual foi a resposta, mas posso imaginar a cara de Varya. Tenho certeza de que ninguém nunca viu pipoca nesta casa. Temos bombas, alguns caixotes de granadas e uma tonelada de munição na garagem. Mas nada de pipoca.

— Sim, pipoca... Bem, para comer. Estamos vendo um filme. — Ela ouve a resposta da mulher. — O que quer dizer com “quem é esse nós”? Roman e eu. — Outra pausa, e em seguida: — Sim, Varya, estou falando sério... Não, isso não é necessário... Eu... Ok, obrigada.

Ela deixa o telefone na mesa, olha para mim e faz uma careta de nojo.

— Não tem pipoca, mas ela vai trazer amendoim. Odeio amendoim, mas Varya está ansiosa para vir.

É claro que está.

A batida na porta chega menos de cinco minutos depois. A senhora entra e caminha em direção à sala de estar, mas para no meio do caminho para nos contemplar. Os olhos deslizam sobre mim, deitado no sofá sob o cobertor, e quando chegam à minha cabeça apoiada no colo de Nina, suas sobancelhas atingem a linha do cabelo. Logo, ela se aproxima, deixa uma tigela de amendoins sobre a mesa e me observa de novo. Seus olhos vão para a mão de Nina enterrada em meu cabelo, os dedos brincando com um dos fios.

— Eu podia ter descido — diz a garota.

— Bobagem, minha filha. Precisam de mais alguma coisa?

— Podemos almoçar aqui? Mais tarde, quero dizer. Acho que Roman não vai sair deste sofá tão cedo.

Varya me lança um olhar e sorri.

— Ah, tenho certeza de que não vai.

Quando Varya sai, Nina se recosta e dá o *play* no filme. Ela me conta o que aconteceu até agora, mas não presto atenção em suas palavras. Em vez disso, fecho os olhos e aproveito a sensação de sua mão passando pelo meu cabelo. Os analgésicos começam a fazer efeito, e eu provavelmente poderia me levantar e voltar para o quarto ou pelo menos

sentar, mas decido ficar na mesma posição e me distrair com a voz da moça enquanto ela descreve em detalhes como aconteceu o assassinato no filme.



— Não vou pegar as muletas, Roman.

Encaro Nina de minha posição sentada no sofá e cerro os dentes. Passamos a manhã inteira e boa parte da tarde descansando na sala de estar. Consegui até dormir por quase duas horas, e o joelho está muito melhor.

— Nina!

— Roman.

— Traga a porra das muletas. Por favor.

— Nada de muletas para você hoje — ela afirma, e empurra a cadeira de rodas em minha direção.

— Está ultrapassando seus limites.

— Pode me processar.

Praguejo, ajeito-me na maldita cadeira e sigo para meu quarto. Depois de tomar um banho e me trocar, pego o *notebook* e volto para a sala de estar. Odeio admitir, mas continuo com uma dor aguda no joelho. Não é tão ruim, mas ainda é mais fácil estar sentado e, como estou na cadeira de qualquer maneira, decido trabalhar um pouco.

— Estou indo para o escritório — digo, e sinalizo com a cabeça para a porta. — Vamos, vou mostrar a casa no caminho.

Ela me segue pelo corredor leste, e eu aponto para cada porta pela qual passamos.

— O segundo escritório, que não uso. Dois quartos de hóspedes, trancados. A academia. Faço exercícios lá todas as manhãs, e três vezes por

semana recebo um fisioterapeuta.

— Por que deixa os quartos de hóspedes trancados? O que faz com as visitas?

— Não convido pessoas para ficarem em minha casa. É um risco para a segurança.

Paramos no topo da escada, e indico o corredor que se estende até a ala oeste.

— Meus homens têm quartos lá. Será difícil colocar escutas em qualquer um deles sem levantar suspeitas.

O elevador nos leva ao andar térreo, e viro à direita em direção à parte “empresarial” da casa.

— O *lounge*. — Aponto para as amplas portas duplas abertas, mostrando o grande espaço de convivência que meus homens usam. — À direita, o escritório de Leonid.

— O que ele faz?

— Leonid está oficialmente encarregado das finanças. Mas, na verdade, Kostya e Ivan fazem todo o trabalho. Mikhail cuida da distribuição e de mais alguns assuntos. Ele tem um escritório em casa e outro em um dos armazéns, por isso raramente está aqui.

— Mikhail é o grandão com o tapa-olho?

Paro por um momento, pego o antebraço de Nina e a viro para mim.

— O que aconteceu com Mikhail é pessoal. Por favor, não faça perguntas a respeito.

— Está bem.

— Outra coisa. Quando ele estiver por perto, tente não o tocar por acidente. Ele... não lida bem com o contato pele a pele.

Os olhos da moça se arregalam, mas ela não pergunta mais nada, apenas assente.

— Ótimo. Esta porta aqui leva ao porão. Não deve ir até lá em hipótese alguma.

— Por quê?

Dizer a ela que é lá onde geralmente torturamos as pessoas está fora de questão.

— Você simplesmente não vai lá.

— Você já... Sabe? — Ela toca a própria orelha.

— Maxim já cuidou disso.

— Qual é o cargo dele?

— É meu segundo em comando. Dimitri trabalha com ele, mas cuida principalmente da segurança.

— E os outros?

— Pavel é responsável pelos negócios da boate. Anton e Yuri cuidam dos soldados rasos. Sergei, o cara alto e loiro, cuida das negociações e de todos os trâmites legais, como imóveis e aluguéis. Ele quase nunca vem aqui, mas quando vier, tente evitá-lo. Tem problemas.

— Todo mundo tem problemas, Roman.

— Não como os de Sergei. Acredite em mim. Fique longe dele.

— E todos moram aqui?

— Todos os homens que conheceu ontem à noite têm quartos no andar de cima, mas apenas Leonid, Pavel, Kostya e Ivan moram aqui.

— E quanto aos funcionários? As empregadas?

— Valentina e Olga têm quartos no lado leste, onde fica a cozinha. Varya também tem um pequeno apartamento lá. As demais vão para casa todas as noites.

— Varya é sua governanta?

— Ela era a governanta do antigo Pakhan. Quando assumi o cargo, dei a ela uma pensão vitalícia, para não precisar mais trabalhar. A mulher não queria ir embora. Ainda não quer. Então, eu a deixo administrar a casa. Isso a faz feliz.

— Ela não quer deixar você, no caso.

— Sim.

Vejo em seus olhos que quer perguntar mais, mas não pergunta, e deixo por isso mesmo. É melhor que certas coisas não sejam ditas.

— Este é o escritório de Maxim, depois o de Dimitri. — Aponto para as portas à direita. — Kostya e Ivan dividem um escritório, na porta ao lado do de Leonid. O meu é o último no final do corredor. Se não me encontrar lá em cima, provavelmente estou aqui. Vou dar a você os números de Maxim e Dimitri mais tarde, por precaução.

— Podemos ver a cozinha?

— Se insiste.

— Você parece relutante. Tem algo errado com a cozinha?

Tem tudo errado com a maldita cozinha.

— Você vai ver.

Nina

Estamos bem em frente às portas abertas da cozinha quando algo grande e metálico cai no chão com um estrondo. Há uma fração de segundo de silêncio absoluto, seguida de gritos tão altos que eu me arrepio. Quando entramos, olho em volta e sinto que acabei de entrar em um hospício.

Um homem enorme, barbudo, na casa dos sessenta anos, usando um avental branco de cozinheiro e uma bandana na cabeça, está com as mãos nos quadris e gritando o que presumo serem obscenidades russas. Ele não é muito alto, mas tem a largura de um caminhão. Uma panela grande e virada com algo semelhante a sopa está a seus pés. Valentina e duas outras mulheres, que imagino serem Olga e Galina, correm pela cozinha pegando panos e se ajoelham para limpar o chão. Enquanto isso, o cozinheiro continua parado no meio de uma grande poça de sopa. Varya está do outro lado, perto da imensa geladeira, com o dedo apontado para o sujeito, também gritando em russo.

Na extremidade direita, há uma pequena mesa de jantar onde Kostya e Dimitri estão sentados, tomando café e discutindo. Não parecem se incomodar com a gritaria atrás deles. Ninguém sequer nos nota.

— É sempre assim aqui? — murmuro.

— Na maior parte do tempo.

As duas mulheres que limpam o chão começam a discutir. Uma delas joga o pano para a outra e caminha em direção à pia.

— Eles estão logo abaixo da sua suíte. Como é que nunca ouvi antes? — pergunto com espanto.

— A cozinha tem proteção acústica.

— Boa escolha. — Assinto, ainda perplexa com o caos. — Devemos deixá-los à vontade?

Roman olha ao redor, pega uma tábua de corte grossa e a bate com tudo no balcão de metal ao lado. O som que reverbera pelo ambiente me faz dar um pulo. Todos se calam.

— Esta é Nina — apresenta. — Minha esposa.

Abro um sorriso largo e aceno na direção deles.

— Nina Petrova! — todos gritam e acenam com a cabeça ao mesmo tempo.

— Ah, podem me chamar de Nina.

— Não, não podem! — Roman ladra.

— Querido!

— Fim da discussão.

— Você é tão severo, Roman. — Faço um beicinho e depois me viro para a equipe. — Ele é, não é?

Todos me observam como se eu fosse imbecil. Perfeito. Volto-me para o Pakhan.

— Posso ficar aqui?

— Tem certeza disso?

— Tenho.
— Tudo bem. Estarei em meu escritório.
— Dou uma passadinha lá mais tarde.
E deposito um beijo rápido em sua bochecha.



Dez minutos depois, estou sentada à mesa no canto, tentando negociar o café da manhã com Igor, o cozinheiro. Ele só fala russo, então Varya está servindo como tradutora. Não está indo bem.

— Igor acha que não gostou do *piroshki* dele hoje de manhã — diz Varya. — Ele tem medo o Pakhan o demitir, ou pior, de saber que não gostou da comida.

Ah, fala sério. Tenho vontade de começar a bater a testa na mesa. Em vez disso, abro um doce sorriso.

— Adorei a torta. Estava deliciosa, e farei Roman saber disso. Eu até adoraria aprender a fazê-la. Mas, por favor, posso pedir um cereal para o café da manhã também?

Varya traduz para mim, e Igor vibra. Ele pula da cadeira, balbucia alguma coisa e faz gestos com a mão. Sigo-o até a ilha da cozinha, onde o homem passa um avental pela minha cabeça e começa a tirar alguns ingredientes do armário. Viro-me para olhar por cima do ombro para a governanta, esperando ela me explicar o que está acontecendo, mas a mulher apenas ri e balança a cabeça.

Roman

Depois de revisar os números com Leonid e Kostya, consulto o relógio. São quase sete da noite. A tarde passou voando com todas as reuniões e papelada postergadas por mim. O que Nina estará fazendo? Ela disse que passaria por aqui, mas não veio, e não sei o motivo, mas não gosto nada disso.

— Por mais quanto tempo planeja continuar com essa coisa, Roman?

Olho para Leonid, sentado no outro lado da mesa. Kostya já saiu, então somos só nós dois.

— Que coisa?

— O casamento. Nem mesmo casou na igreja. As pessoas vão falar.

— Não, não vão.

— Como sabe?

— Porque eu as silenciarei, Leonid. Da mesma forma que silencieei meu pai. — Inclino a cabeça para o lado. — Você se lembra daquela noite?

Ele fica tenso e não responde, mas percebo a veia pulsando em seu pescoço. Sim, o homem se lembra muito bem daquela noite.

— Se não tiver mais nenhuma pergunta, pode ir. — Aceno em direção à porta.

Ele se levanta e sai do escritório. Leonid começou a agir estranho nos últimos dois meses. Sempre foi um preguiçoso de merda que prefere outras pessoas fazendo o trabalho enquanto leva todo o crédito. Recentemente, tem tentado assumir mais responsabilidades de Kostya, e esse é o principal motivo pelo qual suspeito que tenha algo a ver com aquela bomba. Terei de fazer algo com relação a ele – com ou sem provas –, e em breve. Agora, no entanto, estou louco para saber o que minha peculiar esposa fez a tarde toda, então ligo para Varya.

— Onde ela está?

— Ainda aqui na cozinha — diz a mulher, com um tom divertido.

— O que ela está fazendo aí esse tempo todo?

— Venha e veja com seus próprios olhos.

Locomovo-me pelo longo corredor e chego à cozinha. Nina está na bancada, colocando pedaços redondos de massa em um panelão enquanto Igor a supervisiona. Embora esteja usando um avental, a blusa rendada rosa e a calça jeans estão cobertas de farinha. O rabo de cavalo está torto, e a jovem tem algo similar a geleia na bochecha esquerda.

— Igor está ensinando ela a fazer *piroshki* — diz Varya ao se aproximar de mim. — Já estão na terceira fornada.

— Igor fala apenas russo. Como pode ensinar alguma coisa a ela?

— Não faço a menor ideia. Ele diz o que ela deve fazer e, quando a menina erra, grita.

Levanto a cabeça para o lado e olho para Varya.

— Ele gritou com minha esposa?

— Ela gritou mais com ele.

— Por quê?

— Bem, Igor gritou porque ela queimou a primeira fornada. Ela gritou porque Igor não disse quanto tempo deveria ficar no forno. Nenhum dos dois sabia por que o outro estava gritando. Foi hilário.

Ficamos na porta, observando-os.

— O que aconteceu com a segunda fornada? Queimou também?

— A segunda ficou boa. Eles tinham acabado de tirá-la do forno quando os rapazes chegaram para almoçar. Todos que passavam pegavam um ou dois e, em cinco minutos, acabou tudo. — A senhora ri. — Ah, como ela ficou brava.

— Por quê? Queria comer tudo sozinha?

Varya se vira para mim, e há um olhar astuto e satisfeito em seus olhos. Satisfeito até demais para o meu gosto.

— Não, Roman. Ela se irritou porque não deixaram nada para você.

Nesse momento, Nina levanta a cabeça, nossos olhares se cruzam, e ela sorri para mim. É como se o sol tivesse subitamente atravessado as nuvens escuras e me atingido com seu calor, e eu me pego desejando que fosse real, não apenas uma encenação. Os saltos de seus sapatos estalam no chão e ecoam quando a moça se aproxima.

— Eles comeram seu *piroshki* — informa, e coloca as mãos nos quadris.

Ela é tão fofa quando está brava. Inclino-me, agarro sua cintura com um braço e coloco o outro sob seus joelhos. Levantando-a, eu a posiciono em meu colo. Nina guincha e envolve os braços em meu pescoço.

— Enchi sua camisa de farinha.

— Não me importo — digo, e agarro as rodas. — Segure firme.

Seus olhos se arregalam, mas a jovem aperta mais os braços.

— Abra a porta, Varya — peço por cima do ombro, viro a cadeira e nos levo para o corredor.

Com as pernas de Nina penduradas na lateral da cadeira, é preciso um pouco mais de habilidade para manusear a roda direita, mas consigo, e nos conduzo pelo corredor até o elevador. Ela ri como louca durante o trajeto, com o rosto enterrado em meu pescoço, e a sensação é boa demais. Meu humor descontraído evapora no momento em que saímos do elevador e vejo Leonid parado no topo da escada, fitando-nos com um olhar calculista. Eu o ignoro e nos guio até a porta da suíte.

— Obrigada pela carona. — Nina dá uma risadinha e se levanta para abrir a porta.

— Quando quiser, *malysh*. — Do lado de dentro, fecho a porta. — Venha, precisamos conversar.

— Há algo errado?

— Talvez. Vá se trocar, estarei esperando na cozinha.

Nina

Quando entro na cozinha, de banho tomado e com roupas limpas, encontro Roman vasculhando a geladeira. Ele também trocou de roupa, agora usa uma calça jeans e uma camiseta branca que se estica bem sobre as costas largas. É impossível não ficar olhando.

— Como está o joelho? — pergunto quando consigo parar de admirá-lo. As muletas voltaram, então suponho que esteja se sentindo melhor.

— De volta ao normal — responde, e fecha a geladeira. — Ou tão normal quanto estava há alguns dias. Preciso ligar para marcar o terapeuta para amanhã. Tive de cancelar a sessão de hoje.

Aproximo-me e fico ao lado dele, certa de que enfim superei a reação idiota do corpo ao seu tamanho. Sem querer, esbarro o braço em seu cotovelo e vacilo.

— Desculpe — sussurro, e fecho os olhos, com raiva de mim mesma. Odeio isso.

Sinto o braço de Roman envolver minha cintura e, no momento seguinte, estou sentada no balcão.

— Não precisa fazer isso o tempo todo. — Suspiro.

— Não me importo.

— É ridículo. Não machucou sua perna?

— Sinto muito em dizer, mas você é um bocado pequena, Nina. Minha perna está perfeitamente bem.

— Todo mundo é pequeno perto de você, Roman. — Reviro os olhos e empurro seu ombro. — A fisioterapia está ajudando?

— Sim, mas é lenta. Levei dois meses para andar com muletas. Mais um para usá-las sem dor significativa. Warren disse que tentaremos a bengala em algumas semanas, para ver no que dá. — O homem vai até o

balcão ao lado de onde estou sentada, pega um copo e uma jarra de suco de laranja.

— E depois?

Ele não responde de imediato, parece se concentrar em servir o suco.

— O joelho está muito ferrado. A bengala é provavelmente o melhor que posso fazer.

Pelo modo como evita me olhar nos olhos, posso imaginar que não gosta desse resultado.

— Vai ficar *sexy* com a bengala, Roman. Sua aparência é bem aristocrática.

Seus olhos se voltam para os meus, e os lábios se erguem em um sorriso.

— E eu não sou *sexy* agora?

Ah, não tem ideia do quanto, é o que quero dizer. Em vez disso, só dou risada.

— Está querendo elogios, Pakhan? Meu Deus, como você é vaidoso.
— Cutuco-o de brincadeira, e nós dois rimos. Quando o riso cessa, mudo de assunto: — Disse que tinha algo para discutir.

— Sim. Preciso que coloque uma escuta no quarto de Leonid primeiro. No escritório dele também, mas o quarto é a prioridade.

— Certo. Como faremos para entrar no quarto dele? Eu poderia me infiltrar de fininho enquanto ele estiver trabalhando.

— Sempre tem alguém por perto, uma camareira ou algum dos rapazes. — Roman desloca o peso da perna ruim e apoia o quadril no balcão. — Vou ter que pensar a respeito.

— E se eu fizer besteira?

— Não fará. — Ele estende a mão para mim como se fosse tocar meu rosto, mas reconsidera e se afasta. — Contou aos seus pais que casamos?

Encolho-me.

— Ainda não. Preciso contar?

— Sim.

— Merda. Mamãe vai me matar. Ela sempre falou sobre como queria organizar uma grande cerimônia se eu encontrasse alguém louco o suficiente para casar comigo. Talvez eu mande uma mensagem para ela.

Um músculo se contrai na mandíbula de Roman, e ele se inclina em minha direção até nossos narizes quase se tocarem.

— Não pode informar sua mãe que casou através de uma mensagem, Nina. Vai ligar e pedir que ela e seu pai venham jantar conosco.

— Aqui? — Pisco para ele. — Não posso pedir que venham aqui. Quando minha mãe vir todos os caras armados, vai pensar que casei com um mafioso!

As sobrancelhas de Roman quase alcançam a linha do cabelo.

— E sua mãe estaria certa.

— Sim, mas será que podemos omitir esse pequeno detalhe? Ela surtou quando viu meu *piercing* no nariz. Minha mãe é extremamente conservadora. Até passa as toalhas a ferro. Não tenho certeza de como vai reagir ao fato de eu ter casado com um chefe do crime.

Ele ri e balança a cabeça.

— Vamos levá-los a um restaurante.

Roman

Não sou fã da mãe de Nina.

Como era de se esperar, ela fica chocada quando a moça conta que casamos tão repentinamente, e com um homem desconhecido para eles. No entanto, com base nos olhares lançados em minha direção durante o jantar,

ela está mais preocupada por eu usar uma cadeira de rodas do que por sua filha ter se unido a um estranho.

— Está grávida, Nina? — a mulher pergunta como quem não quer nada, entre duas mordidas no bolo.

Ao meu lado, a garota engasga com o vinho.

— Pelo amor de Deus, mãe — diz quando consegue se recuperar. — Claro que não. A gente se conheceu há uma semana.

— Mas estamos trabalhando nisso — digo, e pego a mão de Nina. — Não estamos, amor?

A jovem pisca para mim, depois sorri e se inclina para me beijar.

— Com certeza estamos.

No outro lado da mesa, o pai dela quase não fala. O homem tem evitado meu olhar o tempo todo. Mas quando me fita, rapidamente desvia e esconde as mãos trêmulas embaixo da mesa. Também não gosto de Samuel Grey, e não tem nada a ver com o fato de ele ter roubado meu dinheiro. O sujeito sabe muito bem quem sou e, mesmo assim, deixou sua filha casar comigo para salvar a própria pele. Que desculpa lamentável para um ser humano.

Meu celular toca sobre a mesa, mostrando o nome de Pavel. São seis da tarde, e as boates ainda não abriram. Portanto, não pode ser assunto de boate. Atendo.

— Pakhan. Temos um problema.

É claro que temos.

— Estou ouvindo.

— Os ucranianos estão aqui. Shevchenko quer renegociar os termos.

— Diga a ele para entrar em contato com Sergei. Ele é o responsável por isso.

— Eles já se encontraram hoje cedo, e Shevchenko disse que não tem intenção de negociar com ele nunca mais. — Há uma pausa silenciosa do outro lado da linha, e depois: — Sergei tentou decepar a mão dele.

— Que maravilha. — Aperto a ponte do nariz e suspiro. — Onde estão? Em Ural?

— Sim.

— Chego aí em vinte minutos.

Coloco o aparelho no bolso e me viro para Nina.

— Tenho que ir. Dimitri vai ficar e levá-la de volta quando terminar.

— Está tudo bem? — ela pergunta.

— Sim. — Assinto e a beijo. Depois, vejo como a mãe dela está nos observando e acrescento: — Vista algo *sexy* e me espere. Não vou demorar.

Nina

Meus olhos seguem Roman enquanto ele se dirige para a saída, onde Dimitri está de pé junto à parede. Os dois conversam em voz baixa, e meu marido sai. Será que aconteceu alguma coisa? Parecia sério.

— Tem certeza de que fez a coisa certa, Nina? — pergunta minha mãe.

Viro-me para encará-la.

— O que quer dizer?

— Casar com esse homem depois de apenas dois dias. — Ela olha para mim com um misto de irritação e aborrecimento. — Quer dizer, eu não deveria estar surpresa, sempre fez as coisas do seu jeito, mas mesmo assim...

Reviro os olhos.

— Esse homem tem um nome. E somos loucos um pelo outro. Por que esperar?

— Entendo por que se apaixonou. Ele é mais velho, rico, sofisticado. Extremamente bonito.

— Aí está. — Sorrio e me recosto na cadeira. — Seu sonho finalmente se tornou realidade. Achei que ficaria radiante.

— Ele está em uma cadeira de rodas, Nina.

— Zara! — meu pai sussurra do outro lado da mesa e olha para Dimitri, parado na porta. — Cale a boca.

— Não me silencie, Samuel. Quero o melhor para minha filha e tenho o direito de me preocupar.

— Guarde suas preocupações para si mesma, mãe — ralho.

A mulher se inclina sobre a mesa.

— O que aconteceu com ele? Um acidente de carro?

— Sim. — Jogo o guardanapo no prato. — Roman teve uma lesão grave na perna há alguns meses. Isso satisfaz sua curiosidade?

Ela range os dentes e me observa com os olhos apertados.

— Ele consegue andar?

Olho fixamente para minha mãe.

— Acabei de dizer. Casei porque estou apaixonada por ele. Por que isso importaria?

Acho preocupantes a rapidez e a facilidade com que essas palavras saíram da minha boca.

— Por quê? — Mamãe arregala os olhos para mim e se volta para meu pai. — Por que não está dizendo nada? Sabia disso, Samuel?

— Zara, pelo amor de Deus, cale a boca!

Ela ignora meu pai por completo.

— Isso é algum tipo de rebelião, Nina? Mais uma de suas fases?

Chega. Já estou farta. Pego o celular na mesa, levanto-me e vou em direção à saída, deixando meus pais lá mesmo.

Nina

Tombo a cabeça de lado e analiso a grande tela à minha frente. Claro demais. Segurando a paleta, uso o pincel para misturar um pouco mais de preto com o cinza crômio e, em seguida, começo a pincelar sombras mais nítidas.

Quatro peças estão prontas e esperando para serem enviadas à galeria. Dez, quando somadas às seis que mandei antes de minha vida dar uma guinada tão drástica. Tenho mais cinco para terminar até o fim da próxima semana e cumprir meu prazo para a exposição. No entanto, terão de esperar, porque decidi trabalhar no grandalhão em seguida. Normalmente, finalizo todas as peças padrões primeiro e trabalho na obra principal por último. Não desta vez. Parece que Roman não só conseguiu bagunçar minha cabeça, mas também meu processo criativo.

Não o vi muito nas últimas duas semanas – geralmente só de manhã, antes de descer ao escritório para fazer o que os senhores do crime da máfia fazem, e à noite, quando ele volta para jantar. Faço questão de passar em seu escritório pelo menos duas vezes por dia, sempre nos horários mais inconvenientes. Na maioria das visitas, há mais alguém lá dentro com ele. No caminho de ida e de volta, perambulo pela casa, reorganizando vasos de plantas e quadros ou fazendo bobagens semelhantes. Fora isso, passo a maior parte do dia na suíte, o que me deixa com tempo de sobra para pintar.

Ontem, Maxim veio me dar um curso rápido para iniciantes sobre como plantar os grampos. Esperava que a explicação envolvesse fios e um pouco de furtividade com uma chave de fenda, desparafusando aberturas e instalando pequenos microfones em seu interior. Em vez disso, ele me entregou alguns objetos de plástico preto parecidos com carregadores de celular, mas sem os cabos. Eu só precisava entrar em um cômodo e conectá-lo a uma tomada que não estivesse à vista de todos. Assustador. Quando ele saiu, percorri toda a suíte duas vezes e verifiquei cada uma das tomadas.

Hoje, ainda estou lutando contra um desejo insistente de olhar cada tomada por onde passo. Abaixando o pincel, dou alguns passos para trás e contemplo meu grande bebê com um enorme sorriso no rosto. É, está perfeito. Com cuidado, viro a parte da frente do quadro para a parede, caso Roman entre. Ele nunca faz isso, mas não custa nada ser um pouco mais cuidadosa. Não quero que ele veja o grandalhão antes da exposição, e por isso decidi trabalhar nele em meu quarto, em vez de continuar ao lado da grande estante onde projeto minhas outras obras.

Verifico o relógio na mesa de cabeceira e depois olho meu reflexo no espelho. Estou coberta de tinta preta e vermelha até os cotovelos e tenho várias manchas cinzas e rubras em toda a minha camiseta. Algumas no rosto também. Minha entrega chegará em breve. Eu provavelmente deveria me trocar e me lavar antes de descer para esperar por eles.

Roman

Estou ao telefone com Mikhail, ele está me dando o relatório da última remessa quando batem na porta e Dimitri entra no escritório.

— Ligo para você depois — digo ao homem, e desligo.

— Chegaram algumas coisas para Nina Petrova — diz o sujeito, olhando para mim de forma incisiva.

— E daí? Mande alguns dos homens levá-las para a ala leste.

— O que devemos fazer com as luminárias?

— Que luminárias? — pergunto, e então lembro. Que merda. Apoio os cotovelos na mesa e pressiono os olhos com as palmas das mãos. — Grandes? Dourado com preto?

— Sim.

— Quantas?

— Quatorze — ele responde sem rodeios.

— Quatorze luminárias... — Suspiro. — Coloque-as na biblioteca por enquanto.

— Tudo bem. E quanto ao animal? — ele pergunta, e minha cabeça se levanta.

— Que... animal?

— Pequeno. Preto. Está em uma caixa de transporte, não sei ao certo o que é. Parece um cachorro, mas faz um barulho estranho.

Pego o telefone e ligo para Nina.

— Você realmente encomendou um animal *on-line*?

— Perdão?

— Dimitri disse que tem um cachorro junto com suas coisas de decoração.

— Ah, é o Brando. Já estou descendo.

Olho fixamente para o telefone em minha mão. Brando. Vou matá-la.



Na porta da frente, estaciono a cadeira de rodas no topo da escada e vejo um monte de caixas de tamanhos variados cobrindo metade da entrada da garagem. Na lateral, quatorze caixas retangulares transparentes estão alinhadas em uma fileira, cada uma com uma fita dourada larga amarrada. Todas contêm a mesma luminária, a coisa mais feia que já vi.

Nina sai correndo da casa, desce os degraus e para na caixa de transporte para cães colocada sobre uma das outras. Ela abre a gaiola, tira um cachorro magricela do tamanho de um gatinho e começa a cantarolar para ele.

— O que é isso? — pergunta Dimitri.

— Um chihuahua.

Vemos a garota vasculhar algumas caixas, mantendo o cachorro apoiado no braço esquerdo. Ela tira uma coleira de uma delas, prende o bicho na guia e o coloca no chão. O cão começa a correr ao redor de suas pernas, soltando estranhos latidos. São mais parecidos com os que um *hamster* daria.

— Avise Varya sobre o cachorro. Ela vai ficar muito... animada. Mande alguém comprar ração — digo, e me viro para voltar ao escritório.

Nina

Passo uma hora passeando com Brando pela casa e pelo jardim, para ele se familiarizar. O cãozinho parece um pouco assustado por causa de todas as pessoas novas, mas acaba se acomodando em sua caminha no canto do meu quarto e dorme.

Ao passar pela cozinha, pego uma maçã da tigela e sigo para minha oficina na biblioteca. Ainda restam várias horas de luz natural, e planejo usá-las para trabalhar nas cinco peças restantes. Talvez devesse ligar para meu gerente e pedir que ele mande o correio buscar as pinturas prontas. Mark gosta de ter o maior número possível delas alguns dias antes do evento para organizar o fotógrafo e a impressão do catálogo.

Tiro o celular do bolso de trás da calça jeans e ligo para ele enquanto reorganizo as peças finalizadas ao longo da grande janela. Quando o homem atende, dou um pio ao telefone:

— Oi, amor.

— Conheço esse tom — ele resmunga. — Você está atrasada mais uma vez.

— Claro que não. Nunca faria isso com você.

— Droga, Nina. Quanto tempo de atraso?

— Alguns dias. Mas o grandalhão está pronto. Ainda faltam cinco. Consegue mandar alguém buscar as outras? Vou enviar o endereço.

— Você se mudou?

— Sim. É uma longa história.

— Vai conseguir terminar a tempo?

— Farei o possível, benzinho.

Ouçoo alguns resmungos e um suspiro.

— Mande uma foto do grandalhão.

— Não vou mandar foto nenhuma. Você terá que esperar e ver por si mesmo, Mark. Tchau.

Coloco o aparelho de volta no bolso e pego uma das telas em branco.

— Quem diabos é Mark? — Dou um pulo e me viro para encontrar Roman com um olhar fulminante. — Por que você o chama de benzinho? — ele demanda. — E que tipo de foto está mandando para ele?

Dou uma piscadinha para o russo e abocanho a maçã.

— Meu cafetão. Todas nós o chamamos de benzinho. E estou mandando uma foto dos seios. — Ele estreita os olhos para mim, mas não diz nada. — Pelo amor de Deus, Roman. Mark é meu gerente e o proprietário da galeria onde farei a exposição. Ele queria fotos das pinturas.

— Por que você o chama de benzinho?

— Todo mundo chama ele de benzinho. Inclusive o marido dele.

A postura de Roman relaxa visivelmente, e seus olhos perdem o brilho assassino. Será que está com ciúmes?

— Posso ver as pinturas? — pergunta.

É, parece que vamos simplesmente ignorar seu comportamento estranho. Por mim tudo bem, porque não quero ficar pensando no quanto me agrada a ideia de ele estar com ciúmes.

— Pode — respondo. — Só não toque, algumas ainda não secaram.

O pakhan se aproxima das telas e examina cada uma delas por alguns instantes até parar em frente à mais nova.

— Esse é... Igor? — Ele indica a pintura com a ponta da muleta.

— É.

— Por que ele tem um megafone no lugar da cabeça? E isso debaixo do braço dele é... uma galinha morta?

— Sua perspicácia é notável, pakhan.

Ele olha para mim por cima do ombro e sorri.

— E cadê minha pintura? Você me prometeu seu autorretrato.

— Nua. Eu lembro. Vai ter que esperar. Preciso terminar as peças da exposição. Ou eu poderia fazer meu autorretrato como uma dessas peças. Tenho certeza de que os críticos vão adorar. — Dou de ombros. — Talvez seja bom incluir uma etiqueta de “Proibido para menores de dezoito anos” na...

— Não.

— Então terá que esperar.

— Vou esperar. — Ele se vira e dá uma boa olhada em mim. — Está com fome?

Sua mudança de assunto me pega desprevenida.

— Um pouco.

— Vamos sair para almoçar.

Roman

Levo Nina a um restaurante elegante no centro da cidade e passamos quase duas horas lá. Ela descreve o que planejou para a exposição, e eu a deixo falar enquanto a observo – seus olhos sorridentes, a maneira como agita as mãos na frente do rosto quando está animada ou como se inclina

para frente, sussurrando baixinho quando faz fofoca sobre seus colegas de galeria. A moça deve estar ciente de que ninguém pode ouvi-la – só há metade do lugar cheio, e nenhuma das mesas próximas a nós está ocupada. Ainda assim, mantém a pequena mão sobre a boca ao tagarelar sobre ter visto uma das outras artistas apalpando o cara do financeiro atrás da porta da galeria.

Muitas mulheres já passaram por minha vida, mas com Nina diante de mim, todas elas simplesmente desaparecem. Nunca nos beijamos direito, a não ser para sustentar a encenação, mas não me lembro de ter me sentido tão atraído por alguém. É como se ela tivesse me enfeitiçado.

— Qual é a história do cachorro?

— Peguei emprestado da minha tia. — A jovem sorri e toma um gole de vinho.

— Pegou um cachorro emprestado? — Eu a encaro.

— Tecnicamente, ofereci-me para cuidar dele por algumas semanas. Deve ser tempo suficiente para Brando fazer a parte dele.

— Que seria?

— Bem, sabe como os cães estão sempre correndo pela casa, entrando nos cômodos e se escondendo, né? Brando adora fazer isso, então acho que vou persegui-lo bastante pela casa nos próximos dias. Quem sabe onde ele vai parar? — Ela sorri para mim. — Talvez até no quarto do Leonid em algum momento.

Dou risada e balanço a cabeça com a ideia dela.

— Você é uma mulher perigosa, *malysh*.

— Qual o significado disso?

— *Malysh*? É um termo carinhoso. Significa pequena.

Ela inclina a cabeça de lado, e os cantos dos lábios se curvam em um pequeno sorriso.

— Bem, como já disse, a maioria das pessoas é pequena comparada a você, Roman.

O garçom chega para servir nossas bebidas. Quando Nina pega seu copo, noto que a aliança de casamento está um pouco frouxa, então me aproximo, pego sua mão e inspeciono o anel.

— É melhor redimensioná-la.

— Não se preocupe. O anel de noivado está a mantendo no lugar. A propósito, é resistente. Derramei um pouco de tinta na mão outro dia e tive de esfregá-la. Ele nem sequer foi arranhado.

— É uma tarefa difícil arranhar um diamante.

Nina olha para mim, pisca e depois encara o anel como se fosse mordê-la.

— Essa coisa é de verdade?

— Claro que é de verdade.

— Merda! — Ela abre a mão e olha incrédula para o diamante de dois quilates com lapidação princesa. Sua boca abre e fecha, sem palavras. Em seguida, a garota cobre o anel de forma protetora com a outra mão e chega mais perto. — Posso trocá-lo por um de vidro?

— Não.

— Por favorzinho?

— Não vai usar uma aliança de vidro. Fim da discussão.

Ela franze o nariz e murmura algo que soa como “só faltam os chifres do diabo”, mas devo ter ouvido errado, porque não faz sentido.

— Vamos para casa — digo e, com relutância, solto sua mão. — Podemos ver um filme.

— Não tem trabalho para fazer?

— Já terminei por hoje. E você?

— Meu cafetão vai me matar. Já estou atrasada, mas um filme cairia bem.

Nina

Depois de voltarmos, tomo um banho rápido, visto uma *legging* e uma camiseta larga e vou para a cozinha fazer pipoca. Aparentemente, Roman adora suco de laranja – ele bebe litros disso –, então espremo algumas e levo para a sala de estar. O homem já está lá, sentado no sofá com os braços apoiados no encosto, a perna direita esticada à sua frente e o calcanhar apoiado na mesinha.

— Você fica estranho com roupas comuns.

Coloco a tigela e o suco na mesa e aponto para o moletom e a camiseta dele.

— Hã? Como assim?

— Não sei. Não tão pakhan, acho. — Dou de ombros e me ajoelho no sofá ao lado dele. — O que vamos assistir?

— Não me interessa. Chegue para lá.

Vou para o canto, e Roman se deita no sofá, coloca a cabeça no meu colo e fecha os olhos.

— Sua perna está doendo?

— Sim — afirma, mas há um pequeno atraso em sua resposta.

— Está mentindo?

— Não. — O russo balança a cabeça. Seus olhos ainda estão fechados, mas os cantos da boca se erguem um pouco.

— Ah, está mentindo, sim. — Inclino-me ligeiramente. — Só quer um pouco de carinho.

Ele abre os olhos e estende a mão, arrumando um dos fios que escaparam do meu rabo de cavalo atrás da orelha.

— Acertou — admite, e fecha os olhos de novo.

Respiro fundo, tentando controlar o coração acelerado, e enterro os dedos em seu cabelo. Ficamos assim, ele deitado no meu colo, e eu o acariciando, em frente à TV desligada. Isso até o toque de um telefone em algum lugar do quarto de Roman quebrar o silêncio.

— Merda — o homem resmunga, e senta.

— Eu atendo.

Pulo do sofá e corro para o quarto dele. Quando volto, Roman está me olhando com uma intensidade estranha, mas dou de ombros – é como um dos muitos olhares esquisitos que o russo tem me dado ultimamente – e passo o telefone para ele. O pakhan estende a mão, mas em vez de pegá-lo, fecha-a no meu antebraço e me puxa. O telefone continua tocando, mas ele não me solta. Em vez disso, coloca-me entre suas pernas. A outra mão se aproxima e descansa ao lado do meu rosto, com o polegar acariciando a bochecha.

— Roman? — pergunto baixinho. — O que está fazendo?

— Atendendo o telefone.

— Ele parou de tocar.

— Eu sei. — Sua mão desliza pelo meu braço e tira o telefone dos dedos.

— Roman?

— Sim, *malysh*?

Ele joga o celular, que vai deslizando pelo piso polido até chegar à estante. Minha respiração acelera quando levanto os braços e os envolvo em seu pescoço, depois me inclino até nossos lábios ficarem a milímetros de distância. O homem não tira os olhos dos meus, e a maneira como me encara desperta coisas estranhas dentro de mim.

— Está tentando me beijar, Roman? — sussurro em seus lábios.

— Talvez esteja.

— Não há ninguém por perto para nos ver.

— Exatamente — murmura, e encosta seus lábios nos meus.

No começo, vai devagar, como se estivesse me saboreando. Mas depois seus braços envolvem minhas costas, e ele se recosta nas almofadas, levando-me junto. O jeito como esse homem beija deveria ser proibido e considerado perigoso para a saúde mental. Parece que um furacão está me arrebatando, bagunçando corpo e mente. Abaixo a mão, agarro um punhado de sua camiseta e começo a puxá-la para cima. Roman interrompe o beijo e tira o suéter conforme deixo minha camiseta cair no chão. Enquanto ele arranca a dele, abro o fecho do sutiã, tiro as *leggings* e a calcinha e subo no colo dele. Sua mão chega à minha nuca, e o russo encosta a boca na minha outra vez.

Não consigo parar de tocá-lo, em seu peito, em seu rosto, em seu pau, já totalmente ereto. Meu marido desliza a mão entre nossos corpos, e sinto seus dedos provocando o clitóris.

— Tão molhada — ele sussurra em meu ouvido, e enfia um dedo dentro de mim.

Quase gozo em sua mão ali mesmo, e provavelmente teria gozado se o pakhan não tivesse tirado o dedo, o que me fez rosnar de frustração. Mas não se trata do dedo. Trata-se dele. Roman Petrov, o homem que será minha perdição. Pode ser uma premonição ou um instinto – não importa. Ele vai me destruir, sei disso, porque um olhar de Roman me excita mais do que qualquer outro cara fez com o pau.

— Se não entrar em mim agora mesmo — pego um punhado de seu cabelo e aperto —, vou te matar, Roman.

Suas mãos descem lentamente pelo meu peito e caixa torácica até chegar à cintura. Levantando-me, ele me posiciona sobre seu pau, com aqueles olhos diabólicos que nunca se afastam dos meus, nem mesmo por um segundo.

— Seu desejo é uma ordem, Nina — diz, e me penetra com força.

Gemo e o ouço fazer o mesmo. Ele é grande demais, mas, meu Deus, a sensação é tão boa. Finco as unhas em seus ombros e tenho espasmos ao redor dele enquanto meu marido mete em mim. É enlouquecedor, e eu grito, não dou a mínima se alguém ouvir. Roman geme meu nome e, um momento depois, goza dentro de mim. Perfeição.

A mão do russo traça padrões desde o topo do meu pescoço até a bunda, depois volta para cima. Estou deitada sobre seu peito há pelo menos cinco minutos, mas não consigo me mexer.

— Nina? Está tudo bem?

— Sim. — Suspiro. — Mas não vou me mexer. Gosto de estar aqui.

— Também gosto de ter você aqui, *malysh*.



Acordo com o som de batidas rápidas vindo de algum lugar acima da minha cabeça. Espreguiço-me um pouco e abro os olhos, vejo-me deitada no sofá com um travesseiro sob a cabeça e um cobertor me cobrindo do pescoço aos pés. As luzes estão apagadas, e a TV está ligada em um canal de notícias, mas sem som. As batidas param e, no momento seguinte, sinto dedos penteando meu cabelo. Levanto o rosto e vejo Roman sentado na ponta do sofá, ao lado da minha cabeça. Está com o cabelo molhado e o *notebook* no colo.

— Você adormeceu em cima de mim mais cedo — explica.

— Que horas são?

— Sete e meia. Avisei Varya que jantaríamos aqui quando acordasse.

— Parece bom. — Levanto-me e abraço o cobertor. — Vou tomar um banho rapidinho.

— Tudo bem. Vou pedir à cozinha para mandar o jantar — ele diz, e volta a digitar.

Dou um giro e sigo para meu quarto, sentindo-me um pouco constrangida com toda a situação. Nós transamos. Onde isso nos coloca agora? Não é mais apenas um acordo de negócios, é? Devemos ignorar o

fato e fingir que nunca aconteceu? Não sei se posso fazer isso porque, para ser sincera, não quero. Teremos de conversar sobre isso. Talvez eu seja adepta da solução de empurrar os problemas para debaixo do tapete, mas não acho que exista um tapete grande o suficiente dessa vez.

Depois do banho, volto para a sala de estar, com a intenção de discutir a nova condição com Roman, mas o encontro em sua cadeira de rodas, completamente vestido e colocando o relógio de pulso.

— O que está acontecendo?

— Surgiu um imprevisto. Não me espere acordada — diz o pakhan. E antes de eu contestar, ele se foi.

Fico olhando para a porta e então vou para o outro lado da sala, onde há uma grande janela com vista para a entrada da garagem. Há três carros estacionados na frente, com quatro dos seguranças esperando ao lado dos veículos. Alguns minutos depois, Roman, Maxim e Kostya saem da casa e entram nos carros, seguidos por mais alguns seguranças. E então, eles partem.

Valentina traz o jantar pouco tempo depois, mas eu o deixo na mesa, esperando que Roman volte logo. Ele não volta e, por volta das dez horas, mordisco alguns pedaços de peixe grelhado frio e um pouco de salada. Guardo as sobras na geladeira e assisto à TV. A cada quinze minutos, levanto-me e olho pela janela para ver se os carros já retornaram. Por volta da meia-noite, decido dar a noite por encerrada.



O som de gritos e de portas de carro batendo me acorda. Pulo da cama e corro pela suíte até a janela. Dois dos veículos estão de volta. A maioria das portas está aberta, e os últimos homens estão entrando. Dois seguram o terceiro entre eles, praticamente arrastando-o escada acima. Que

merda. Corro de volta para meu quarto, coloco um agasalho e uma calça de moletom por cima do pijama e me apresso em direção à grande escadaria.

Não há ninguém no corredor. Viro-me e vejo sangue espalhado no piso de mármore branco, criando um caminho para o corredor da direita, na direção da cozinha. Sigo as manchas vermelhas e encontro as portas da cozinha escancaradas. Vozes urgentes e um tumulto ribombam lá dentro. Meu sangue gela quando vejo Varya debruçada sobre Kostya. Ele está deitado de costas na grande ilha no meio da cozinha, com Maxim segurando um pano ensanguentado ao seu lado. Um dos seguranças entra correndo e coloca uma caixa com suprimentos médicos ao lado da cabeça de Kostya e, em seguida, troca de lugar com Maxim. Este último vai até a pia e lava as mãos com uma velocidade frenética.

Todos estão gritando em russo, e eu não entendo nada, mas a visão fala por si só. Alguma coisa deu errado. E onde diabos está Roman? Mais dois seguranças entram na cozinha com um homem baixo e ossudo carregando uma bolsa de médico. Ele vai até a pia e, assim como Maxim, começa a lavar as mãos. Os dois põem luvas esterilizadas e se aproximam de Kostya, pálido, mas consciente e ofegante. O médico dá uma olhada por baixo do pano e prepara a agulha e a linha, enquanto Maxim limpa o corte.

Passos se aproximam por trás de mim, e o último dos seguranças entra na cozinha, com Roman logo atrás. Um suspiro de alívio escapa de meus pulmões quando vejo que ele está ileso e corro em sua direção.

— Meu Deus, Roman! — sussurro, agarro seu rosto com ambas as mãos e o beijo. É um beijo furioso, mas ainda assim é gostoso. — O que aconteceu?

— Tivemos um pequeno desentendimento com nosso fornecedor, e as coisas saíram do controle.

— Kostya?

— Um corte de faca na costela. Vai sobreviver.

Volto a olhar para a ilha, onde o médico parece estar terminando de costurar a lateral do sujeito. Maxim está colocando uma agulha intravenosa em seu braço, enquanto Varya segura a bolsa de fluído.

— Devo ajudar com alguma coisa? — pergunto.

— Não, vamos subir. Varya e Maxim têm tudo sob controle, e o médico passará a noite aqui.



— É sempre assim? Negócios dando errado, pessoas sendo esfaqueadas ou baleadas? — pergunto quando entramos na suíte. Ainda estou tremendo. — Ou carros sendo explodidos?

— Nem sempre. Mas acontece.

Minha garganta fica seca. Como ele pode estar tão calmo? Na cozinha da suíte, pego um copo e despejo água da geladeira.

— Isso é uma merda, Roman. — Sacudo a cabeça e engulo o líquido, desejando que fosse algo mais forte. — Seu mundo é fodido pra valer.

— Não há nada que eu possa fazer a respeito, Nina.

Sim, acho que essa é uma maneira de ver as coisas. Eu deveria voltar para a cama, mas estou muito agitada, então atravesso a sala de estar e fico na janela com vista para a entrada da garagem. Os carros não estão mais lá. Um segurança está parado na lateral, em frente à porta principal, com uma arma no cinto. Outro está patrulhando o terreno em direção ao portão principal, com um rifle nas costas. Aparentemente, tudo voltou ao normal no mundo de Roman.

Ouçoo se aproximando até ficar atrás de mim. Suas muletas entram no meu campo de visão de cada lado enquanto o homem se inclina e apoia o queixo na minha cabeça. Nunca me senti tão pequena em comparação a ele como me sinto com o corpo enorme colado às costas, mas não há pânico. Acho que toda a adrenalina me curou dele.

— Onde estamos agora, Roman?

— O que quer dizer?

— Nós transamos — digo ao observar o sujeito responsável pela patrulha do local. — Não foi algo que planejamos, sabe? O que vamos fazer daqui em diante?

— Não sei, *malysh*. Para onde gostaria que fosse?

— Não tenho certeza.

Ficamos em silêncio enquanto observamos a noite, cuja escuridão é quebrada por várias luzes instaladas ao redor do gramado.

— Já é tarde — diz Roman, e deposita um beijo em meu ombro. — Vamos para a cama.

— Qual delas?

— Bem, eu estarei na minha. — Ele beija a lateral do meu pescoço. — E você pode escolher uma delas. A sua ou a minha.

O russo me deixa imóvel na janela para pensar em suas palavras de despedida. Sei o que devo fazer – ir até meu quarto e esquecer por completo o sexo no sofá. Essa seria a escolha mais sábia. Na verdade, deveria ser a única escolha. Acho que “sábia” não está no meu dicionário. Dou meia-volta e vou para o quarto de Roman.

Roman

Observo o corpo adormecido de Nina aconchegado sob o cobertor, com os cabelos emaranhados e espalhados pelo travesseiro. A visão dela ali, na minha cama, produz uma estranha sensação de calor em meu peito.

— Warren chegou. — Dou um leve beijo em seu ombro. — Estarei na academia.

— Divirta-se — ela murmura para o travesseiro, e continua dormindo.

Sorrio, subo na cadeira de rodas e saio do quarto. A garota precisa dormir. Podemos continuar de onde paramos mais tarde. Quando termino a

sessão de terapia, Nina ainda está adormecida, então tomo um banho e desço para o escritório. Maxim já está me esperando e, pela sua cara, não tem nada de agradável a dizer.

— Precisa convidar os albaneses, Roman. Logo.

— Nem pensar.

Guio a cadeira de rodas para trás da mesa, onde ligo o *notebook* e começo a vasculhar os papéis em cima dela.

— Acho que deveria reconsiderar.

— Não estou com disposição para entreter albaneses.

— Precisamos deles como aliados, sabe disso. Há meses que não se encontra com eles. — O homem senta na cadeira à minha frente e se debruça na mesa. — Os albaneses precisam ter certeza de que tudo está em ordem.

— Estão recebendo mais dinheiro do que nos anos anteriores, então não vejo por que estariam preocupados.

— Se não sentirem que estamos investindo como parceiros, podem se voltar para outro lado, Roman. Na última vez em que vi Tanush, o sujeito mencionou uma aproximação com os italianos. Ele disse isso como uma piada, mas *está* pensando no assunto.

— Perfeito. Exatamente o que preciso. — Jogo a caneta sobre os papéis na mesa.

Maxim se inclina para trás e cruza os braços.

— Então, quem vamos convidar?

— Tanush e sua esposa. Acho que já é a quinta. E Dushku e sua esposa. Só.

— E Hajdini? — questiona.

— Não. Ele e Dushku não estão se falando ultimamente. Não preciso de derramamento de sangue.

— Tudo bem. Quando?

— A exposição de Nina é no próximo fim de semana, então terá de ser neste sábado.

— Vou avisar Tanush. — Maxim sorri. — Varya vai adorar. Ela acabou de trocar os tapetes.

— Vou dizer que a ideia foi sua. Principalmente se acabar com sangue derramado. De qualquer forma, Tanush pode ser um pouco hostil. Portanto, certifique-se de que os homens saibam.

Maxim levanta uma sobrancelha.

— Por quê? Vocês dois sempre se deram bem.

— Nós nos dávamos bem, antes de eu dizer que não tinha intenção de me casar com a filha dele quando me ofereceu a moça há alguns meses.

Meu subchefe abaixa a cabeça e me olha por cima da borda dos óculos.

— E só está me contando isso agora?

Se fosse qualquer outra pessoa questionando minhas decisões, não teria terminado bem. Maxim, no entanto, é o único, além de Varya, em quem confio incondicionalmente. Ele é uma figura paterna de uma forma que meu próprio pai nunca foi.

— Não achei relevante na época.

— Ele perguntou sobre Nina.

Olho para o homem.

— E o que queria saber?

— Se ela era tão bonita quanto dizem.

Aquele canalha nojento.

— O que disse?

— Que ele poderia decidir por si mesmo quando a visse.

— Ótimo. Como está Kostya?

— Perdeu um pouco de sangue, mas nada sério. Vai estar de pé e operante em alguns dias.

— Mantenha-o afastado por pelo menos uma semana. Ivan pode assumir as funções dele até lá. Cuide para o médico vir checá-lo uma vez por dia até segunda-feira.

— Mais alguma coisa?

— Não. Vá para casa. Descanse. Passou a noite inteira cuidando de Kostya. Vou pedir a Varya para tomar conta dele.

Quando Maxim sai, ligo para Nina.

— Está acordada?

— Agora estou. — Ela boceja.

— Prepare-se e me encontre lá embaixo em uma hora. Temos de fazer compras.

— Oi?

— Vou receber alguns parceiros de negócios no sábado para jantar. Você precisa de um vestido.

— Com certeza não preciso de outro vestido. Comprei roupas o bastante para durar duas vidas na semana passada. Vova quase não conseguiu colocar tudo no carro, e não tenho mais espaço no armário. Há pelo menos dez vestidos que nem cheguei a usar.

— Disse que é uma compradora compulsiva.

— Não significa que seja uma acumuladora, Roman.

— Ainda assim vamos comprar um vestido.

— Gosta de jogar dinheiro fora? É algum tipo de compulsão? Pode se abrir comigo, sabia? — Nina dá uma risadinha.

Não, acho que não posso contar o quanto gosto de comprar coisas para ela.

— Não me faça esperar.

— Ei, preciso passear com o Brando. Ele vai fazer xixi no chão.

— Peça para Olga passear com o monstrinho.

— Vou contar a Brando que você o elogiou.

— Conte também que, se eu o pegar mastigando o carregador do meu *notebook* mais uma vez, farei pantufas com o couro dele.

— Ah, meu Deus! — Ela começa a rir. — O grande e mau pakhan acabou de fazer uma piada. Está se sentindo bem?

Sorrio.

— Uma hora, Nina.

Depois de desligar, debruço-me sobre os relatórios que Mikhail enviou, bem como sobre os planos para as remessas da próxima semana. No entanto, os pensamentos de uma certa mulher de cabelos pretos me impedem de me concentrar.



— Que tal este?

Nina sai do trocador com um vestidinho preto. Ele tem um decote alto com uma bainha que mal cobre sua bunda. O corte é bastante simples, mas a forma como se molda a seu corpo e envolve seus quadris, enfatizando a cintura fina, é tudo menos simples. Combinado com os saltos de tiras e o cabelo preso no alto, o resultado é devastador, e acho quase impossível desviar o olhar de suas pernas e da bundinha empinada. Se ela for para a rua nisso, vai provocar um engavetamento.

— Vamos comprar esse — digo em uma voz estrangulada —, mas encontre outro para o jantar.

— Por quê? Qual o problema com ele? — A moça se olha no espelho e inclina a cabeça. — É muito sem graça?

— Não quero meus sócios olhando as pernas da minha esposa a noite toda.

— Não dê uma de homem das cavernas, Roman. Não é tão curto assim.

— Você não vai usar isso no sábado. — Ou, no que me diz respeito, em qualquer outro lugar público.

— Ah, pelo amor de Deus. Tudo bem. Vou procurar um saco de batatas.

Gosto da ideia do saco de batatas. Na verdade, se eu pudesse cobri-la da cabeça aos pés, ficaria muito feliz. Nina acaba comprando um vestido midi rosa e, embora eu não esteja entusiasmado, pois é decotado e mostra um pouco da perna, é bem melhor do que o preto. Enquanto ela dá uma olhada na gôndola de blusas, aceno à vendedora da loja para ela empacotar o vestido preto também. Depois de Ivan pegar as sacolas, levo a garota a uma joalheria no andar térreo.

— Não — diz a jovem quando paramos em frente à vitrine, que exhibe uma infinidade de colares. — Não preciso de joias.

Não precisa mesmo, isso é certo. Quando minha florzinha entra na sala, brilha mais do que qualquer diamante, mas as esposas de Tanush e Dushku virão cobertas de ouro e joias, e não quero que Nina se sinta inferior.

— Sim, precisa — digo, e a conduzo para dentro.

Ela caminha pela loja, observando as peças expostas em caixas de vidro ao longo das paredes, até se aproximar da que exhibe os colares mais discretos.

— Que tal este? — Aponta para uma corrente fina de ouro.

Eu a ignoro e me dirijo à grande caixa na parede oposta, com as melhores peças. Quando o atendente vê para onde estou olhando, vem correndo e começa a alinhar as caixas de veludo na minha frente.

— Não vou pendurar uma casa no pescoço — sussurra Nina em meu ouvido.

— Aquela. — Indico o conjunto composto por um colar e uma pulseira em ouro branco, forrados com diamantes da mesma cor. Olho para

o atendente, que está radiante, com os olhos do tamanho de pires. — E os brincos para combinar.

Ele assente com entusiasmo e pega outra caixa de veludo para colocá-la ao lado do conjunto.

— Sim. — Balanço a cabeça. — Vamos experimentá-los primeiro.

— Por favor, diga-me que são falsos — Nina geme ao meu lado, e não tenho como não rir. — Não são, né?

— Não, *malysh*, não são falsos.

O atendente desprende o colar e vai para trás de Nina, segurando-o com a intenção de colocá-lo em seu pescoço.

— Ponha as mãos na minha esposa — digo ao idiota — e vai perdê-las.

O homem dá um pulo e se afasta, quase tropeçando nos próprios pés.

— Meu Deus, Roman! O que deu em você? — Nina me encara com surpresa e depois se volta para o vendedor. — Ele não está falando sério.

— Estou, sim. Vire-se. — Estendo a mão para o atendente me entregar o colar.

Depois de colocá-lo, admiro como acentua seu pescoço fino. A pulseira tem vários tamanhos a mais. Provavelmente, caberiam os dois pulsos de Nina nela.

— Precisamos que seja redimensionada e entregue amanhã. — Devolvo a pulseira ao atendente, que acena com a cabeça ansiosamente, e depois me viro para a garota. — Quer ficar com o colar ou prefere que o enviem com a pulseira e os brincos?

— Com certeza não pretendo andar pelo *shopping* com essa coisa no pescoço. Pode tirar, por favor?

Enquanto obedeco, aproveito a oportunidade para passar os dedos sobre a pele macia de seu pescoço e percebo que ela se inclina de leve em direção ao meu toque.

— Vamos para casa — sussurro em seu ouvido. — Pode experimentar aquela calcinha fio dental rendada que comprou.

Ela se vira e olha para mim. Há hesitação e preocupação em seus olhos.

— O que estamos fazendo, Roman? Isso. Você e eu. Não tenho ideia do que pensar sobre tudo isso.

— Então não pense. Apenas... relaxe. Deixe a correnteza nos levar.

Pego seu queixo entre meus dedos e a beijo.

— Relaxar?

— Apenas relaxar, *malysh*.

— Está bem.

Nina

O leve toque de um dedo entre minhas pernas me desperta. Um beijo pousa em minha nuca, depois outro, um pouco mais abaixo. O corpanzil de Roman me aperta por trás, seu braço envolve minha barriga, colando-me ao peito robusto e musculoso. A mão desliza até minha boceta e começa a dedilhar círculos no clitóris. Quando ele entra lentamente em mim, ofego, agarro seu antebraço e começo a cavalgar seu dedo. Mas ele retira a mão. Viro e me deito de lado, de frente para o homem, passando uma perna sobre seu quadril e agarrando o pau.

— Paciência.

Ele passa um braço em volta do meu torso e me levanta, posiciona-me em seu estômago. Com as mãos atrás dos meus joelhos, o russo me leva para cima de seu corpo até eu estar sentada em seu peitoral.

— Roman? — Olho para ele com surpresa.

— Não se sente confortável deitada de costas. Então, improvisamos.

Suas mãos sobem pelas minhas coxas até segurar as nádegas, e ele me conduz para a frente até deixar a boca a meros centímetros da minha boceta.

— Mãos na cabeceira — orienta — e segure firme.

Sua boca se choca contra minha boceta antes de eu ter tempo de processar as ordens. Agarro a cabeceira da cama, e os olhos rolam para trás enquanto ele me lambe, acabando comigo um pouco mais a cada pincelada da língua. Minha mente já está meio confusa, mas quando o homem chupa o clitóris, ela se apaga por completo.

Ainda estou vibrando com os tremores subsequentes quando ele me abaixa sobre seu peito. Demoro alguns instantes para voltar à realidade. Olho para o pakhan e o pego me observando com um sorriso presunçoso.

Desonesto e perigoso, é isso que ele é. E sabe disso. Desço um pouco até sentir o pau duro e me levanto para montar nele.

— Mãos na cabeceira, Roman.

Suas sobrancelhas se erguem, mas ele segura duas das placas de madeira acima da cabeça. Sorrio e começo a me abaixar devagar sobre seu pênis, mas paro no meio do caminho e me inclino para beijar o peito tatuado. Em seguida, lambo. Roman inala profundamente, mas não se move, mantém as mãos nas ripas. Gostaria de poder provocá-lo por mais tempo, mas meu âmago literalmente dói para tê-lo todo dentro de mim, então deslizo lentamente para baixo e fecho os olhos. Êxtase.

— Não. Se. Mexa — sussurro cada palavra e começo a girar os quadris.

Enquanto eu o monto, as mãos de Roman agarram as barras com mais força, os músculos dos antebraços se tensionando. Ele quer se mexer, empurrar para dentro de mim. Vejo o desejo e o controle lutarem na intensidade de seu olhar. Há algo ali, a forma como ele está tão concentrado em ficar parado porque pedi me deixa perplexa. Roman Petrov não é um homem acostumado a ceder para ninguém, mas aqui está ele, dando-me as rédeas. Um gemido escapa de minha boca quando gozo. Meu marido acaba perdendo o controle e, conforme agarra minha cintura, começa a socar em mim até me despedaçar.

Deitados com os membros entrelaçados, percorro com o dedo as linhas pretas em seu peito tatuado. Os desenhos são abstratos na maioria, semelhantes aos do braço fechado de tatuagens. O que eu ainda não tinha notado eram as várias cicatrizes espalhadas na região. Coloco a mão em uma das três do lado direito. Parecem mais recentes, quebram o fluxo dos padrões pretos.

— Essas são do carro-bomba — explica ele, acariciando minhas costas.

Levo a mão para a esquerda e toco a cicatriz longa e fina acima de seu quadril.

— Uma briga de faca no meu aniversário de dezesseis anos. Uma discussão sobre política que foi longe demais.

Em seguida, escolho uma cicatriz redonda no lado esquerdo de seu estômago e circulo o dedo nela.

— Tiro. Um desentendimento com Mendoza. Ele é o equivalente a um pakhan para os mexicanos, e as coisas eram meio complicadas naquela época. Foi há mais de dez anos.

Olho para ele.

— Dez? Quando assumiu o lugar do pakhan anterior?

— Há doze anos. Quando meu pai morreu, assumi seu posto. Eu tinha vinte e três.

— Como isso é possível? Você era tão jovem.

— Comecei a trabalhar com meu pai aos quinze anos. Tive pessoas me apoiando. — Ele dá de ombros como se não fosse nada. — Era melhor do que ter uma guerra interna. São ruins para os negócios.

Meus olhos se voltam para o peito dele, compreendendo como seu mundo é tão diferente do meu.

— O que aconteceu com Mikhail? — pergunto.

Roman fica em silêncio por um tempo, depois respira fundo e me aperta contra si.

— Meu pai aconteceu.

— Santo Deus. Ele... fez aquilo? Por quê?

— É uma longa história, *malysh*. Uma longa e terrível história, e definitivamente não é algo sobre o qual eu queira falar em nossa cama. Você vai ter pesadelos.

— Tão ruim assim?

— Não. É muito pior do que pode imaginar, Nina.

Roman

Meu alarme toca às sete horas. Olho para Nina dormindo em meu peito e balanço a cabeça. Lembro de tê-la colocado sobre os travesseiros na noite passada, mas ela decidiu voltar para cima de mim em algum momento. Fazendo o possível para não acordar, transfiro-a para os lençóis e cubro seu corpo nu. Transamos três vezes ontem à noite, então ela provavelmente vai continuar dormindo.

Depois de beijar seu ombro, escapando de debaixo do cobertor, pego as muletas na mesinha de cabeceira e começo a me preparar para a consulta com Warren. Em algum ponto no meio da sessão, o fisioterapeuta pega a bengala, largada em uma cadeira no canto há uma semana, e a traz para mim.

— Vamos experimentar isso um pouco — sugere.

Lentamente, desço da mesa de massagem e fico de pé, apoiando o peso na perna esquerda e segurando a lateral da mesa com a mão direita.

— Vamos começar devagar — orienta ele. — Apenas alguns passos por enquanto.

Respiro fundo, seguro a bengala com a mão esquerda e solto o apoio da mesa. Minha primeira tentativa é ruim. No momento em que levanto a perna esquerda para dar um passo à frente, uma dor lancinante atravessa o joelho direito e quase tropeço.

— Distribua o peso entre a bengala e a perna. E tente dar um passo menor desta vez.

Ainda dói à beça, mas está um pouco melhor. Dou um total de quatro passos antes de a dor atingir um nível insuportável e eu ser obrigado a sentar. É patético, e sinto a necessidade de bater em alguma coisa.

— Foi bom, Sr. Petrov — elogia Warren.

Levanto as sobrancelhas para ele.

— Se isso foi bom, como vai ser o ruim?

— É perfeitamente normal. Está colocando quase todo o peso na perna lesionada pela primeira vez em quatro meses. Só o fato de conseguir fazer isso já é bastante promissor. Acho que deveria passar a usar muletas para o antebraço de agora em diante.

Meu corpo se retrai.

— Não gosto delas.

— Por quê? Exigem alguma prática, mas são bem mais convenientes de usar.

— Porque elas parecem... permanentes.

Pronto. Falei. Meu maior medo no momento – que o joelho esteja tão fodido a ponto de eu acabar andando de muletas pelo resto da vida. Posso viver com uma bengala. Mas acho que não suportaria usar muletas.

— Elas não serão permanentes, Sr. Petrov. No entanto, são uma opção melhor na transição para a bengala do que as muletas para as axilas que tem usado até agora.

— Tudo bem — suspiro. — Quando vou poder me livrar de vez da cadeira de rodas?

— Depende. Seu progresso é maior do que o esperado e, com bastante prática, provavelmente vai conseguir usar apenas as muletas de antebraço em algumas semanas. Mas deve manter a cadeira de rodas. Vai precisar dela quando começarmos práticas mais intensas com a bengala. Essas sessões vão sobrecarregar bastante seu joelho, e seria melhor usar a cadeira por uma ou duas horas depois delas.

— Leve-me logo para a maldita bengala, Warren. Não importa o que for preciso, só me leve até ela.

— Farei isso, Sr. Petrov. Agora, que tal tentarmos as muletas para o antebraço?

Nina

A sessão de terapia não correu bem. Bastou olhar para o rosto de Roman quando voltou para dizer tudo, e ele mal trocou uma palavra durante toda a manhã. Pego a tigela vazia do cereal e vou até a cozinha a fim de

deixá-la na pia. Depois de encher a tigela de Brando, fico ao lado de Roman.

— Estava pensando com meus botões — digo sem pressa, observando-o espremer uma laranja. — Eu poderia ir com você amanhã, quando estiver se exercitando.

Quando Roman não se encontra com o terapeuta, passa duas horas se exercitando e, quando tem terapia, faz exercícios por pelo menos uma hora depois. O homem é seriamente obcecado.

— Claro. — O russo dá de ombros e começa a despejar suco nos copos. — O que quer fazer lá? Esteira?

— Pensei em fazer musculação.

Ele para de servir o suco e se vira para mim com um olhar incrédulo, concentrado nos músculos inexistentes dos meus braços.

— Musculação?

— É.

— Tudo bem.

O homem explode em uma gargalhada e, enquanto forço as feições para parecer ofendida, estou sorrindo por dentro. Sua risada é muito melhor do que a carranca.

— O que foi? É popular. O *feed* da minha rede social está cheio de garotas com *selfies* na academia. Dizem que faz maravilhas para a bunda. Talvez eu possa tirar umas fotos, ou até mesmo fazer vídeos e publicá-los também. Gosto daquelas roupas elásticas de neon e...

Em um instante, vejo-me sentada no balcão em frente a Roman, que segura meu queixo entre os dedos e me olha fixamente.

— Nada de *selfies* com roupas coladas.

— Ah, não seja tão ranzinza. Todo mundo posta isso.

— Minha esposa não é todo mundo.

Que droga. Derreto-me por dentro quando ele me chama assim. E cá entre nós, adoro o ciúme do pakhan. É tão fofo. Inclino-me e aliso a gola de

sua camisa, depois passo os dedos em seus cabelos ainda úmidos.

— Você é um homem perturbadoramente *sexy*, Roman.

Ele desvia os olhos para o copo de suco.

— Mesmo com as muletas?

Sim, sem dúvida aquela sessão de terapia não foi nada boa.

— Mesmo com as muletas, Roman. — Beijo-o e faço questão de morder seu lábio inferior. — O que Warren disse?

— Que estou indo bem pra caralho. — Pelo modo como range os dentes e pelo fato de os nós dos dedos estarem brancos por apertar tanto as muletas, as opiniões dos dois são bem diferentes. — Tenho que ir. Estarei de volta no jantar.

Ele deposita um beijo em minha testa e sai.

Meu marido está sofrendo. E isso faz meu peito doer também.

Fico sentada no balcão por um longo tempo depois de ele partir, fitando o chão.

— Perfeito — murmuro para mim mesma. — Simplesmente perfeito.

O chefe do sindicato criminoso russo. Um traficante de drogas. Um assassino. E ainda consegui me apaixonar por ele. Alguém, por favor, tranque-me num hospício, porque é lá que pertenço pelo visto.

Roman

Olho em volta da fábrica abandonada que às vezes usamos para fechar os negócios e praguejo. Três cadáveres jazem estendidos no chão, cada um com um grande buraco vermelho no meio da testa.

— Que porra é essa, Sergei? — grito.

— Eles trouxeram mercadorias estragadas. O que esperava que eu fizesse?

— Que os mandasse embora, não que matasse todos. Que merda. — Viro-me para Dimitri e Pavel, que estão verificando as caixas. — Tragam o carro deles para dentro. Queimem tudo.

— O produto também?

— Tudo. — Volto-me para um dos mortos e dou uma olhada em seu rosto. — Um dos homens de Mendoza? — pergunto, e olho para Sergei.

— Não. De Rivera, mas trabalhando por conta própria. Se calhar, roubavam o produto de Rivera, faziam a mistura e ofereciam por baixo dos panos.

— Sabe que não trabalhamos com trapaceiros.

— Fiquei curioso para saber o que tinham a oferecer. O preço era bom. — Ele dá de ombros e acende um cigarro.

— Bem, fico feliz que tenha se divertido. — Faço uma careta. — Não ouse fazer uma merda dessas de novo, está me ouvindo, Sergei?

— Sim, pakhan.

— Mais uma dessas e você já era. As desvantagens de te ter na equipe estão muito próximas de superar os benefícios. Arrume suas coisas, rápido. Arrume um maldito *hobby* ou algo assim.

Viro a cadeira de rodas e saio, com Pavel atrás de mim. Não é dessa bagunça que preciso hoje. Se ele não fosse meu meio-irmão, já teria me livrado de Sergei há muito tempo.

— Mande uma prostituta para ele — digo a Pavel quando entramos no carro. — Ele precisa extravasar um pouco.

— Já tentei. Ele mandou todas embora.

— Quantas?

— Seis.

— Tente um homem, então. — Não acho que Sergei seja gay, mas vai saber.

— É, isso também não rolou. — O sujeito limpa a garganta. — Ele expulsou o cara, depois foi até a boate e quebrou meu nariz.

— O que é que vou fazer com ele, meu Deus?

— Aconselhamento pode ajudar. Talvez o doutor conheça um psiquiatra que queira dinheiro extra.

— O psiquiatra acabaria exigindo aconselhamento depois de conversar com ele, Pavel. Acho que ninguém pode ajudar Sergei. Ele é uma causa perdida. — Suspiro e me viro para a janela.

Nina

A cama afunda ao meu lado e, então, sinto o braço de Roman envolver minha cintura e seu corpo se aconchegar ao meu. Adoro quando ele faz isso.

— Perdeu o jantar — murmuro para o travesseiro.

— Sinto muito, tivemos um imprevisto. Já é tarde, volte a dormir.

— Vai me acordar de manhã?

— Acordo.

Ele beija meu pescoço e me abraça com força. Adormecer nunca foi tão bom, mesmo com dor de cabeça.



— *Malysh?*

— Ei — gemo. — Que horas são?

— Sete.

— Mais cinco minutinhos.

Minha cabeça está me matando. Puxo o cobertor, volto a dormir e sonho em estar na escola novamente. Mas então o sonho se transforma. Estou transando com Roman e, no meio do ato, um cara com uma faca aparece do nada e o apunhala na lateral. Dou um pulo na cama e olho em volta. Além de Brando, brincando com sua bolinha no canto do quarto, estou sozinha. Tudo parece normal.

Sentindo como se um trem tivesse passado por cima de mim, arrasto-me até a cozinha, ligo a cafeteira e vou ao banheiro. Tomo banho e visto uma calça jeans e um *top*, depois pego uma tigela e preparo o café da manhã. O relógio de parede marca meio-dia, o que significa que devo estar na manicure em uma hora. Uma garota precisa se embelezar para os parceiros de negócios do marido, mas estou exausta demais, então ligo e cancelo o compromisso entre duas colheradas de cereal. Farei o papel de esposa troféu outro dia. Acho uma boa ideia procurar Varya e ver se ela tem algo para dor de cabeça.

Assim que entro na cozinha do andar de baixo, o tilintar dos talheres e o barulho das panelas atravessam meu cérebro. Aparentemente, os preparativos para o jantar de hoje estão a todo vapor. Igor está gritando com Valentina e apontando para o fogão. Varya está sentada à mesa no canto, polindo os pratos, mas não consigo suportar a ideia de me submeter a esse caos por mais tempo. Roman deve ter alguma coisa. Saio da cozinha e sigo

para o outro lado da casa. Encontro meu marido sentado atrás de sua mesa, com a superfície abarrotada de papéis. Nunca pensei que ser o chefe de uma organização criminosa fosse tão... burocrático.

— Tem algo para dor de cabeça? — pergunto da porta.

— No armário do meu banheiro. — Ele olha para cima. — Está tudo bem?

— Acho que peguei um resfriado. Nada sério.

O homem larga os papéis e me chama com a mão.

— Venha cá.

— Estou bem. — Reviro os olhos, mas vou sentar em seu colo mesmo assim.

— Algum outro sintoma? — Ele coloca a palma da mão em minha testa e depois na bochecha. — Tome um comprimido e vá se deitar. Vou terminar algumas coisas aqui e depois subo.

— Estou bem, Roman. É só uma dor de cabeça.

O russo se inclina e me beija, e com isso tudo fica um pouco melhor. Merda, estou caidinha por este homem.

— Para cima. Agora, Nina.

— Bem, já que pediu tão gentilmente.

Dou um beijo rápido em seu rosto e me viro, arrastando-me de volta para o quarto.

Roman

As luzes estão apagadas quando entro em minha suíte. Acabei me empolgando com o trabalho e quase me esqueci do jantar. Dushku e Tanush chegarão em uma hora, e eu esperava encontrar Nina se arrumando, mas parece que ninguém está aqui. Acendo as luzes e só então a vejo deitada no

sofá, enrolada num cobertor. O cachorro dorme junto a seus pés. Vou até o sofá e toco seu rosto. Ela se mexe e abre os olhos devagar.

— Já é hora do jantar? — murmura, e se endireita para sentar. — Preciso tomar banho e me arrumar.

— Você não vai a lugar nenhum. Está queimando. — Pego o telefone e ligo para Varya, instruindo-a a trazer um termômetro e analgésico. — Deite-se. Vou pegar um pouco de água para você.

Vou até a cozinha e trago um copo e uma garrafa de água da geladeira. Nina está novamente deitada no sofá, com o corpo enrolado sob o cobertor e parecendo muito pequena.

— Parece que fui mastigada e cuspidada — ela resmunga. — Sinto muito, querido, mas acho que não consigo aguentar o jantar.

Algo perfura meu peito ao ouvir esse apelido. É a primeira vez que a garota o usa sem representar o papel para o público. Ela provavelmente não percebeu, mas ainda assim é importante. A porta se abre atrás de mim, e Varya entra carregando um frasco de analgésico. A mulher senta no sofá e mede a temperatura de Nina.

— Vá se arrumar. — Gesticula com a mão. — Os convidados chegarão em menos de uma hora. Vou ficar com ela.



Tanush e Dushku chegam na hora marcada. Eu os levo para a sala de jantar e indico os quatro assentos do meu lado esquerdo. Tanush pega a cadeira mais próxima de mim, e sua atual esposa, que provavelmente tem a idade de sua filha, acomoda-se em silêncio ao seu lado. Tenho pena da pobrezinha. Mesmo debaixo de toda a maquiagem e das toneladas de joias, posso sentir o quanto está assustada. A esposa de Dushku é diferente, mais alta e mais corpulenta do que o marido. Há rumores de que é ela quem cuida de todas as questões financeiras do homem.

Maxim e Dimitri estão à minha direita, deixando a cadeira ao meu lado vazia. Eles sabem que é para Nina e, embora a moça não vá se juntar a nós, nenhum dos dois se atreve a ocupar o lugar. O idiota do meu tio chegou por último e parece não ter mais juízo, pois caminha direto para a cadeira de Nina. Para sua sorte, ele levanta a cabeça pouco antes de alcançá-la e, ao ver minha expressão, recua rapidinho e vai sentar ao lado de Dimitri. Aceno para Valentina e Olga, que se aproximam da mesa e começam a servir as bebidas. Já tivemos esses jantares muitas vezes, então conhecem o procedimento.

— E onde está sua jovem esposa, Petrov? — Tanush pergunta ao dar um gole no segundo uísque.

— Minha esposa não é da sua conta.

— Que pena. Estava tão animado para conhecê-la. Para ver com meus próprios olhos a garota que conseguiu prender o grande e mau Roman Petrov. — Ele sorri. — Pelas coisas que ouvi, hmm... pergunto-me se ela existe mesmo.

Olho para o desgraçado e pondero se devo estripá-lo bem aqui.

— A comida chegou — diz Maxim, possivelmente salvando a vida do idiota. — Vamos comer antes de a carne esfriar.

Olga se apressa, colocando os grandes pratos no meio da mesa, enquanto Valentina corre para reabastecer as bebidas. Há uma faca de carne ao lado da garrafa de vinho. Pego-a e a aproximo do prato. Maxim pede licença e sai da mesa, mas não presto atenção para onde ele está indo — meu olhar está concentrado em Tanush. Tenho a sensação de que, afinal de contas, teremos de trocar os carpetes de novo.

Nina

Os comprimidos começaram a agir há cerca de vinte minutos, e estou voltando ao normal. Minha cabeça ainda dói um pouco, e a garganta está inflamada, mas está muito melhor do que hoje à tarde.

— Sinto-me melhor. Você deveria descer — digo para Varya. A mulher não saiu do meu lado desde sua chegada.

— Roman disse para eu ficar aqui até ele voltar, minha filha. Tenho que mandar mensagens a cada vinte minutos com atualizações, ou ele vai subir.

— Estou bem. Você tem muito trabalho a fazer esta noite.

— Se eu for lá embaixo e Roman me vir, vai ficar furioso. Ele está recebendo dois homens muito perigosos e não pode se dar ao luxo de se distrair.

O telefone de Varya toca. Ela o pega, olha para a tela e fica tensa.

— É Maxim — diz, e atende a chamada. — Qual o problema?

A senhora ouve por um momento e balança a cabeça.

— De jeito nenhum. Ela teve febre a tarde inteira... Tudo bem. — Ela estende o telefone para mim. — Maxim quer falar com você.

Olho para Varya, confusa, e pego o celular.

— Sim?

— Pode descer? — pergunta o homem.

— Para o jantar?

— Sim, mas não por muito tempo. Por favor.

— Ok. Mas preciso tomar banho e me trocar.

— De quanto tempo precisa?

— Trinta minutos. Por quê?

— Não posso distraí-lo por tanto tempo. Consegue chegar em quinze?

— O que está acontecendo, Maxim?

Há um silêncio do outro lado da linha, e então...

— Acho que Roman vai matar Tanush, e não precisamos disso agora. Preciso que ele se concentre em outra coisa.

O segurança encerra a ligação.

Olho para o telefone, jogo-o no colo de Varya e corro direto para o banheiro.

Roman

— Você precisava ter visto ela, Leonid! — Tanush segura as mãos juntas à sua frente. — Os quadris dela eram deste tamanho. Vou começar a aprovar manualmente todas as prostitutas de agora em diante. Não posso oferecer produtos não testados aos clientes, não é mesmo?

Ele bate na perna e ri como um louco de sua piada idiota, enquanto a esposa se encolhe na cadeira, com o rosto ficando mais vermelho a cada segundo. Assim que recupera o fôlego, o sujeito continua:

— Será que foi por isso que Roman rejeitou a mão da minha filha em casamento? Acho que eu devia ter deixado ele experimentar a mercadoria primeiro. — Ri outra vez e se vira para mim, com o rosto corado e os olhos lacrimejantes.

Parei de contar quantas ele bebeu depois da quinta, mas não preciso saber para ver que está bêbado.

— Sua filha tem dezessete anos — digo.

— E daí? Minha mãe se casou com quinze. — O homem se aproxima demais do meu rosto. — Você chegou a experimentar a mercadoria antes do casamento? Diga, ela era boa? Ou será que seu pinto explodiu junto com a perna?

Por hoje, já chega. Pego a faca de carne da mesa, onde intencionalmente a coloquei antes, agarro Tanush pela gola da camisa e encosto a lâmina em sua garganta. Varya vai me matar, mas vou adorar acabar com esse canalha.

— O pinto do meu marido funciona muito bem, mas agradeço sua preocupação.

Minha cabeça se ergue. Na porta, Nina olha para mim com uma sobancelha arqueada. Ela está com o vestidinho preto curto, o mesmo que eu disse a ela para não usar no jantar.

— Está com febre. Volte para o quarto — esbravejo.

Tanush tenta se soltar, então pressiono a lâmina em seu pescoço mais um pouco, ficando a um fio de cabelo de rasgar a pele.

— Estou bem, querido. Posso me juntar a vocês? Vejo que guardou um lugar para mim e estou faminta.

A garota se aproxima – o único som é o de seus saltos no chão – e para entre mim e a cadeira vazia. Depois de se inclinar e dar um beijo rápido em meu rosto, ela senta.

— Você deve ser o Sr. Tanush. Ouvi dizer que é dono do maior cassino da cidade. Talvez Roman possa me levar lá um dia, e você nos mostre o local. Nunca estive em um cassino. — Ela sorri para o sujeito com doçura e se vira para mim. — Querido, importa-se de soltar a faca? Estou tentando ter uma conversa aqui.

Tanush a encara por um momento e depois começa a rir. Abaixo a lâmina devagar, dando a Dimitri um sinal discreto para manter a arma pronta, e solto a camisa do visitante. Ele ainda está rindo. Albaneses malucos.

— Gosto dela, Roman! Ela é atrevida.

— Obrigada, Sr. Tanush. — Nina sorri, e eu balanço a cabeça.

— Esta é Nina, minha esposa — anuncio, e a encaro com um olhar irritado. — E ela definitivamente sabe como causar uma boa impressão.

— Obrigada, docinho. — A moça passa a mão na minha perna e se volta para Tanush. — Sobre o cassino, como garantem que as pessoas não trapaceiem? Há câmeras que vigiam as mesas ou...?

O babaca ouve a tagarelice de Nina e responde às suas questões. Ela pergunta de propósito coisas ridículas que fazem todos rirem de vez em quando, mantendo a atmosfera leve. Quando indaga se há câmeras nas saídas de ar do cassino, todos olham para ela e caem na gargalhada quando

a garota explica que, nos filmes, os assaltantes de cassino sempre entram pelos dutos de ventilação.

Ela está em sua melhor forma, interpretando perfeitamente o papel de esposa ingênua e meio lerda, mas posso ver as olheiras que tenta cobrir com maquiagem. Está na hora de anunciar o fim deste jantar idiota e mandar os albaneses para casa.

Nina

Quando a porta da suíte de Roman se fecha atrás de mim, solto o ar lentamente e enfim deixo os ombros caírem. Sinto-me acabada.

— Nunca mais faça isso de novo — diz o russo entre dentes, e se aproxima de mim até ficar com as pernas em volta de mim.

— Isso o que exatamente?

— Por onde começo? — ladra, as narinas dilatadas. — Você ter ido a um maldito jantar com febre. Ou se colocar em perigo. Estávamos perto de um banho de sangue lá embaixo, e entrou no meio dele!

— Desculpe se te incomodei.

Roman range os dentes. Ele está realmente furioso.

— E foi com esse vestido. — O homem se inclina e me agarra pela cintura. — De agora em diante, vai usar esse vestido só para mim. Está claro?

Faço meu melhor para esconder o sorriso. E fracasso.

— Tudo bem, homem das cavernas. — Passo as mãos em volta de seu pescoço e beijo sua boca. — Você é um doce, sabia?

— Não sou doce, Nina. Estou furioso pra caralho.

— Mesmo assim... — Dou um beijo em sua testa, depois outro na mandíbula rígida. — Fica uma delícia quando está furioso.

— Está tentando me manipular?

— Uhum. — Outro beijo, dessa vez no outro lado da mandíbula. — Está funcionando?

— Talvez. — Ele segura meu rosto com as palmas das mãos e encosta a boca na minha. — Vá para a cama. Sua temperatura está alta de novo. Vou pegar o analgésico.



Ele me dá nos nervos.

Já se passaram três dias desde o jantar com os albaneses, e Roman continua me tratando como se meu lugar fosse a cama. Achei seu comportamento de mãe protetora até bonitinho no primeiro dia, apesar de a febre ter passado e eu ter voltado ao normal. Agora só quero esganá-lo.

— Não vou passar mais um dia assistindo à Netflix, e você não vai trabalhar de novo na sala de estar. — Afundo o dedo no peito dele. — Vai pegar seu *notebook* e descer para o escritório, e vai fazer isso agora. Não estou de brincadeira, Roman.

— No segundo em que eu sair pela porta, você vai voltar correndo para o trabalho.

— Tenho só mais quatro dias para terminar quatro peças. É claro que vou trabalhar. Você me fez passar três dias no sofá.

— Estava com febre.

— Três dias atrás! — Jogo os braços para o alto e o fulmino com o olhar. — Estou bem. Por favor, vá lá para baixo e me deixe trabalhar.

— Está bem. Mas *vou* ficar de olho. Se eu descobrir que não almoçou de novo...

— Obrigada, Senhor.

Ele me acompanha com os olhos quando vou para minha área de trabalho e começo a preparar as tintas na mesa ao lado do cavalete. Terei de comprar mais tinta preta, pois estou no último tubo, já que usei a maior parte do meu estoque no grandalhão. Mais algumas bisnagas de vermelho também ajudariam. Acabo de mergulhar o pincel na tinta quando sinto os lábios de Roman pousarem no ponto sensível da minha nuca.

— Você esqueceu uma coisa — ele sussurra, e enterra o rosto no meu cabelo.

— Ah, é? E o que seria?

— Um beijo.

Largo o pincel e me viro devagar para encontrá-lo me encarando. Não vacilo, e não há sensação de pânico. Tê-lo assim tão perto, dominando-me, parou de ser um gatilho há algum tempo. Nem consigo identificar o momento exato em que isso aconteceu.

— Você é tão exigente. — Seguro seu rosto e trago os lábios até os meus.

— Eu sei. — Ele me beija de novo. — Certifique-se de almoçar. E me ligue se precisar de alguma coisa.

Quando Roman sai, dedico-me ao trabalho, faço pausas apenas para ir ao banheiro. Na hora do almoço, já tenho outra peça pronta. Brando está ficando inquieto; ele correu por pelo menos uma hora até finalmente se aninhar em sua caminha. Talvez possamos dar uma volta e arriscar uma nova tentativa de entrar no quarto de Leonid. Nas últimas, sempre havia alguém por perto.

No meu quarto, pego a bolinha vermelha e o dispositivo preto na mesa de cabeceira e assobio. Brando pula na caminha e, quando vê a bola, começa a correr ao redor das minhas pernas. Guardo a escuta no bolso de trás da calça jeans, saio da suíte de Roman com o cachorro em meus calcanhares e vou para a ala oeste.

Uma das empregadas deixa o quarto de Kostya assim que chego ao elevador e, carregando um esfregão e material de limpeza, abre o quarto de Leonid e entra. Bingo. Jogo a bolinha na outra extremidade do corredor e deixo Brando correr atrás dela por alguns minutos. Quando tenho certeza de

que não há ninguém por perto, pego a bola do cãozinho e a lanço para dentro do quarto do homem. Como esperado, ele corre atrás dela. Uma mistura de sons começa a vir do cômodo. A empregada gritando. Brando latindo. Algo batendo no chão. Mais latidos.

— Brando — chamo, mas não espero que ele venha. Quando há uma bola envolvida, todo o adestramento desaparece. Muito conveniente.

Corro para o quarto e encontro a empregada encolhida no canto, segurando o esfregão à sua frente em uma posição defensiva. O animal a ignora por completo e persegue o brinquedo embaixo da mesinha de canto. Inclino-me como se fosse pegá-la e esbarro o quadril na mesa, que balança e tomba para o lado. Uma grande garrafa de vidro com bebida alcoólica cai no chão e quebra. Brando grita e corre para se esconder embaixo da cama.

— Vá pegar uma pá e alguns panos, rápido — digo à empregada, e me ajoelho entre a cama e o armário, como se a intenção fosse pegar o cachorro.

Assim que ela desaparece de vista, tiro o dispositivo do bolso e dou uma olhada ao redor. Droga, a maioria das tomadas vazias está à vista de todos. Quase decido usar uma ao lado da mesa derrubada quando noto uma outra entre o armário e a cômoda. Não há aparelhos elétricos por perto. Vai ter de servir. Estico a mão e conecto o grampo ao mesmo tempo em que ouço passos rápidos.

— Vamos, meu amor, está tudo bem. Venha para a mamãe — digo ao pegar Brando debaixo da cama.

— O que está fazendo aqui? — Leonid pergunta atrás de mim.

Pego o cãozinho assustado e me levanto para encarar o tio de Roman, na porta, com cara de poucos amigos.

— Ah, o Brando entrou aqui atrás da bola e derrubou a garrafa. Sinto muito, Leonid. Não vai acontecer de novo!

Ele olha para o bichinho com nojo e faz um gesto com a cabeça em direção à porta.

— Tire esse animal daqui — escarnece.

Curvo-me para pegar a bola do chão e saio correndo do quarto.

Pelas minhas costas, Leonid murmura:

— Idiota.

Sorrindo, volto para a suíte de Roman. Quando entro, deixo os lábios se abrirem num sorriso, pego um saco com petiscos caninos no balcão da cozinha e presenteio Brando com uma dose dupla.

— Bom garoto.

Nina

Há pelo menos uma dúzia de roupas diferentes espalhada na minha cama enquanto penso em qual delas escolher para a exposição desta noite. Por pouco não consegui terminar a última pintura a tempo. Mark quase teve um ataque cardíaco quando eu disse que precisava fazer algumas alterações no grandalhão e só o enviaria hoje de manhã. Ele choramingou por pelo menos dez minutos por não poder incluí-lo no catálogo. Prefiro assim. Quero ver a reação de Roman quando o vir pela primeira vez.

Pego uma calça de couro preta e uma camisa de seda verde, coloco as duas na cadeira e deixo o resto na cama. De qualquer forma, não durmo neste quarto há muito tempo. Mesmo assim, todas as minhas coisas estão aqui porque, além de dormir na cama do meu marido, não pretendo ir morar com ele. Ok, soa meio estranho, já que, bem, moro com ele.

— Isso é tão esquisito — murmuro ao sentar na penteadeira e começar a me maquiar.

O telefone toca, e atendo sem verificar o número.

— Nina, está tudo bem?

Se eu soubesse que era minha mãe, teria deixado tocando.

— Sim.

— Você tem evitado minhas ligações há semanas.

— Mais uma vez, sim. Não vejo motivo para esta ligação, mãe.

Ela não diz nada por alguns instantes e depois me surpreende.

— Seu pai e eu gostaríamos de ir à galeria esta noite. Se estiver tudo bem para você.

Olho meu reflexo no espelho, imaginando se ouvi direito. Mamãe nunca foi às minhas exposições. Até chegou a dizer uma vez que minha arte

a assustava.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia — digo por fim.

— Por quê?

— Bem, primeiro, essa coleção é bastante sombria. Não quero que tenha uma úlcera. E segundo, Roman vai estar lá.

— Sim, sobre seu marido. Eu... sinto muito pelo que falei no outro dia. É que... fiquei surpresa e acabei dizendo algumas coisas desagradáveis. É difícil entender você às vezes, Nina.

Fecho os olhos e suspiro.

— Sinto muito por não poder ser a pessoa que deseja que eu seja, mãe. Nunca facilitei para você, sei disso. Mas sou quem sou. Se não consegue lidar com isso ou aceitar minhas escolhas, tudo bem. Apenas não me ligue mais. Mas se puder aceitar minha vida e minhas escolhas sem censura e comentários desnecessários, será bem-vinda esta noite.

— Está bem, querida. Estaremos lá.

Encerro a ligação, mas fico olhando para o aparelho em minha mão. Por que ela mudaria de ideia tão de repente? Navego pelo celular, encontro o número do meu pai e ligo para ele.

— Nina?

— Contou para a mamãe, não contou?

— contei.

— Pelo amor de Deus, papai! — Caio na cadeira e coloco a mão sobre os olhos.

— Tive que contar, Nina. Ela teria continuado a questionar você, então contei para ela entender.

— Para entender o quê?

— Por que você está com aquele homem. Eu... contei a ela o que fiz e que você casou com ele porque, caso contrário, teriam me matado. Expliquei que precisa fingir.

— Bem, não estou fingindo.

— O quê?

— Não estou fingindo, pai. Não estou mais já faz um bom tempo.

— Suspiro. — Estou apaixonada por ele.

— Nina! Ele é um assassino. Está louca?

— Talvez eu esteja, mas não importa. O que importa é que vai explicar isso para a mamãe. E se não for do seu agrado, não quero ver nenhum de vocês esta noite.

Aperto o botão de desligar, jogo o celular na bolsa e volto a me maquiar.

Roman

Chego mais perto da pintura e me reclino um pouco, estudando-a. As luzes estão apagadas em toda a galeria, deixam apenas um único holofote acima de cada quadro para iluminar o espaço. Funciona bem, considerando a vibração sombria da arte de Nina. Dei uma olhada na maioria das obras quando ainda estavam em minha casa, mas expostas dessa forma causam uma sensação bem mais perturbadora.

A pintura à minha frente mostra o reflexo no espelho de uma mulher de pele pálida, com longos cabelos escuros, segurando um pedaço de tecido junto ao peito. Atrás dela, há várias figuras altas e sem rosto com as mãos estendidas. Tudo é feito em tons de cinza e preto, exceto o vestido que a mulher está segurando, que é de um verde brilhante.

Antes de passar para a próxima peça, dou uma olhada no outro canto do salão, onde a artista está ao lado de um jovem baixinho com queda de cabelo. Mark, o “cafetão”. Eles estão em uma discussão, e presto atenção na linguagem corporal dos dois por um momento. Nina levanta a cabeça e, quando percebe que estou olhando para ela, sorri. Diz algo para Mark e vem em minha direção. Fico admirando seu corpo felino vestido com calças de couro enquanto a garota desfila sobre saltos altíssimos. Para alguém que

disse não gostar de usar saltos, está se saindo muito bem. Essas coisas são ridículas – pelo menos doze centímetros de altura, provavelmente mais.

— E então? O que acha? — pergunta, e acena para a pintura.

Pego sua mão, levo-a até os lábios e beijo a parte de cima de seus dedos.

— São incríveis, *malysh*.

Ela sorri e chega mais perto.

— Só está dizendo isso para me arrastar para sua cama.

— Você geralmente vem para minha cama por vontade própria. Mas se insistir, eu mesmo posso arrastá-la para lá esta noite.

— Eu insisto.

A jovem me encara com os olhos semicerrados e morde o lábio – minha pequena sedutora.

— Se continuar me olhando assim — pego seu queixo entre os dedos e puxo a cabeça para mim —, vai perder sua própria exposição, Nina.

— Não me parece tão ruim assim, pakhan.

Agarro sua cintura e a puxo para o colo. Nina ri, envolve os braços em meu pescoço e enterra os dedos em meus cabelos.

— Vou levá-la para se despedir e vamos para casa — digo, e esmago minha boca na dela.

— Não posso — a moça sussurra em meus lábios. — Ainda não viu o grandalhão. — Rosno para ela. — Sério, Roman? — Ela me beija de novo. — Sons de animais? O que as pessoas vão pensar?

— As pessoas podem ir se foder.

Pelo canto do olho, vejo Samuel Grey se aproximando com cautela, acompanhado de sua esposa.

— Seus pais estão aqui.

Nina olha para cima, mas não faz nenhum movimento para sair do meu colo. Em vez disso, continua brincando com meu cabelo enquanto os

observa se aproximar.

— Sr. Petrov — diz o pai dela quando nos alcança. Sua mãe se limita a acenar com a cabeça, os olhos focados na mão de Nina, ainda enterrada em meu cabelo.

— Apenas Roman, por favor — digo, e me volto para sua esposa. — Então, o que acha do novo trabalho de Nina, Zara?

Ela pisca, visivelmente tensa, e depois abre um sorriso tão falso que poderia ser estampado em uma *Barbie*.

— É... legal — diz, e olha para a filha. — Queríamos comprar um de seus quadros.

A garota olha atônita para ela.

— Talvez algo sem galinhas mortas. Se possível — acrescenta sua mãe.

— Não precisa comprar nenhum — diz Nina, ainda olhando para a mãe com uma leve confusão no rosto. — Basta escolher um e dizer para Sally. É a mulher de saia vermelha na entrada. Tudo está à venda, exceto o grande na sala ao lado.

— Fizemos isso quando chegamos — diz Samuel. — Ela disse que todos os quadros já tinham sido vendidos.

— Isso não pode ser verdade, só abrimos há dez minutos — Nina resmunga, e olha para mim. — Preciso ver o que está acontecendo.

Ela desce do meu colo e corre em direção à mulher do outro lado da sala.

Viro-me para a mãe dela.

— Escolha a que gosta e diga a Sally que autorizei.

Zara Grey me olha com surpresa.

— Você os comprou?

— Claro que comprei. — Assinto e olho para onde Nina está com o curador. — Sua esposa sabe, Samuel?

Ele inala bruscamente, depois solta um suspiro estrangulado.

— Sabe.

— Que bom. Mas deve saber de uma coisa — digo, e me viro para encará-los. — O acordo está cancelado.

— Cancelado? — Ele engole e junta rapidamente as mãos trêmulas à sua frente. — O que isso significa?

Eu o estudo, depois dirijo o olhar para a mãe de Nina, que está me encarando com pavor nos olhos.

— Significa que vou ficar com sua filha.

Agarrando as rodas da cadeira, vou em direção a Nina. Deixo seus pais boquiabertos em frente à pintura de uma garota de vestido verde.

— Sally disse que um comprador anônimo adquiriu todos os quadros! — minha esposa exclama quando me aproximo.

Mal consigo manter o rosto sério.

— Que filho da puta egoísta.

— Exatamente. — Ela concorda com a cabeça. — Ainda bem que eu disse para Mark registrar que o grandalhão não estava à venda imediata.

— Por quê?

Ela me dá um sorriso furtivo.

— Esse é para você.

Eu a encaro, rangendo os dentes.

— Onde está?

— Na outra sala, virando o corredor, mas... Aonde está indo, Roman? Espere!

Ignoro Nina e continuo girando as rodas o mais rápido possível rumo à sala indicada. Concordamos que ela não faria o autorretrato para a exposição, e não vou deixar ninguém o ver. Terão de tirá-lo de imediato, ou vou matar alguém.

— Roman! — Os saltos de Nina estalam atrás de mim enquanto ela tenta me seguir e grita: — Não é aquela em que estou nua!

De repente, há um silêncio absoluto na galeria. Paro e me viro para encontrar pelo menos quinze pessoas, incluindo os pais da garota, olhando chocados para ela. Ela não parece notar e se põe à minha frente, com as mãos nos quadris.

— Por que sempre precisa fazer uma cena?

Levanto as sobrancelhas.

— Acabou de anunciar para toda a galeria que há uma pintura sua nua, e sou *eu* que estou fazendo uma cena?

A jovem pisca, olha por cima do ombro para todos, que ainda estão prestando atenção nela, e dá uma risadinha.

— Opa.

— É. — Assinto. — Vamos lá ver esse quadro antes que eu perca a cabeça, porque há pelo menos dez homens logo ali imaginando você sem roupa neste exato momento.

Ela dá outra risadinha e aponta para a esquerda.

— Por aqui.

Viramos o corredor e entramos em uma seção separada da galeria. É quase tão grande quanto a primeira, mas com apenas uma pintura exposta. Três holofotes a iluminam de cima. A exposição acabou de começar, por isso há apenas duas pessoas ali. Estão de pé ao lado da peça, e isso me dá uma visão completa da composição.

Como as outras obras de Nina, a maior parte é em tons de cinza e preto, mas com formas mais nítidas, mais reconhecíveis. Toda a parte inferior mostra pilhas de pedras, partes de edifícios e outros detritos. Nuvens de fumaça aqui e ali foram pintadas com tinta branca. Acima da pilha central de detritos, paira uma figura solitária com enormes chifres de diabo. Ele também é pintado de preto com tons de cinza e segura uma enorme marreta na mão direita, como se estivesse no meio do movimento. O rosto do personagem não é visível porque o homem usa um imenso

capacete vermelho em forma de mandíbula de lobo, e uma longa capa vermelha flutua atrás dele. É magnífico.

— Por que ele está destruindo tudo? — pergunto, sem conseguir desviar os olhos.

— Acho que é porque ele pode.

— O que é isso tudo espalhado ao redor dele? Ruínas da cidade?

— Na verdade, não. É uma metáfora.

— Para quê? — pergunto.

Nina se inclina até mim e sussurra em meu ouvido:

— Para minha pobre mente perturbada. Ou o que quer que tenha sobrado dela depois que a devastou com tanta habilidade, Roman.

Giro a cabeça e fico olhando para a garota, processando suas palavras. Preciso que fale mais, mas ela só fica ali, olhando para o quadro. Engancho um dedo na presilha do cinto de sua calça e a viro para me encarar.

— Explique.

— É um homem inteligente, Roman. Pense um pouco, e você mesmo chegará a uma conclusão.

Ela me beija e depois se volta para Mark, que está acenando na entrada. Deixa-me sozinho, encarando a pintura diante de mim.

Nina

— Conseguiu alguma coisa do grampo no quarto de Leonid? — pergunto, e ligo o *mixer*.

Decidi fazer *piroshki* para o jantar. Roman diz que estou tentando engordá-lo. Como se isso fosse possível com sua rotina de exercícios. Certa manhã, fui à academia e o encontrei fazendo flexões, e caramba, que espetáculo. O homem tem um abdômen que até então eu acreditava ser possível alcançar somente com muita manipulação de fotos. Depois disso, comecei a me levantar às sete para chegar à academia às oito e tomar o café da manhã enquanto o observava. Desde quando comecei essa rotina, meu marido quase nunca consegue terminar um treino inteiro, porque eu geralmente o arrasto para o quarto. O que posso dizer? Fico excitada ao vê-lo se exercitar. Ele não reclama, então acho que não liga de eu roubar um pouco do seu tempo.

Roman andou de mau humor nas últimas duas semanas, e com certeza tem a ver com o fato de não ter conseguido o que queria nas gravações. Não perguntei o que pretendia encontrar especificamente, mas tenho lá minhas suspeitas. Sinto um roçar de lábios em minha nuca e depois um beijo em meu ombro.

— Ainda nada.

— Tem certeza de que foi seu tio quem tentou te matar? — pergunto, e seus dedos se aquietam em meu pescoço. — É tão difícil de acreditar, Roman.

— Tenho. É por isso que não quero você perto dele, a menos que esteja comigo.

— O que ele faria comigo? Não sou... ninguém.

O que quero dizer é “vou embora em alguns meses, de qualquer maneira”, mas não consigo me obrigar a pronunciar as palavras. Dói muito

pensar nisso, então não penso. Sou excepcionalmente boa em ignorar coisas que não me agradam.

— Você é minha esposa. Machucá-la é o mesmo que me machucar.

Sim, acho que matarem a esposa do pakhan debaixo de seu nariz não seria a melhor das imagens aos olhos de seus parceiros e subordinados.

— Vou tomar cuidado.

— Ótimo. — Ele beija meu ombro de novo. — Deixe isso na geladeira e vá se trocar. Vou levá-la para Ural.

— A montanha?

— Um dos meus clubes.

— Um dos...? — Fico olhando para ele e dou risada. — Cara, mandei bem. Sou mesmo uma interesseira. Minha mãe vai explodir de alegria quando ficar sabendo.

— Por quê?

— Ela sempre me aconselhou a casar bem, entre outras coisas. Acho que posso riscar essa da lista.

— E quais são as outras?

— Conseguir um diploma em economia. Não roer as unhas. Pintar o cabelo de loiro.

— Não vai tocar no seu cabelo.

— Não é fã de loiras?

— Não mais. — Ele se inclina até encostar o nariz no meu. — Vá se trocar.

— O vestidinho preto?

— Não se sua intenção for sair desta ala, Nina.



Não gasto mais do que trinta minutos para me arrumar, é meu procedimento habitual. No entanto, esta noite decido ir mais longe e passar quinze minutos extras na maquiagem. Quero estar em minha melhor aparência, para o caso de encontrarmos uma das ex-namoradas de Roman. É fútil, eu sei, mas não estou nem aí.

Encontro o russo na cozinha. Ele está apoiado no balcão, com uma muleta na mão esquerda e um copo de uísque na mão direita. Sua perna está melhorando. Já faz algum tempo que meu marido não usa mais a cadeira de rodas enquanto está na suíte. No entanto, ainda não o vi usar a bengala. Está praticando, eu sei, mas quando peço para ver, ele afirma não querer que eu o veja cambaleando. É bobagem, mas não insisto. Eu o olho

de cima a baixo, apreciando o quanto o homem é gostoso em calças e camisa pretas moldadas ao corpo da forma mais pecaminosa.

— Puxa vida, alguém está super sexy esta noite. — Coloco as mãos em seu peito e aliso a camisa. — Onde está a cadeira de rodas?

— Nada de cadeira de rodas hoje.

Meus olhos se arregalam com suas palavras. Isso é grande.

— Tem certeza?

— Tenho.

Guincho de alegria e o beijo.

— Estou tão feliz por você, querido. — Tiro uma mecha de cabelo de sua testa. — Os caras vão ficar loucos quando te virem!



Olga vê Roman primeiro, e a cara que ela faz não tem preço. A empregada está do outro lado do corredor, em frente à porta de Ivan, quando nos ouve chegar. Seus olhos se esbugalham, e a pilha de toalhas passadas que carrega cai no chão. Reprimos um sorriso, tentando manter o rosto neutro, e sigo o pakhan até o elevador. Seu andar melhorou bastante desde quando ele passou a usar as novas muletas. Está quase normal. Talvez um pouco mais lento do que era antes do acidente, mas não importa. Vi seu joelho. É um milagre o homem ter chegado tão longe.

Quando saímos do elevador, Ivan e um dos seguranças vêm da cozinha. Acho que vão nos acompanhar esta noite. Eles veem Roman e param no meio do caminho. Ivan se recompõe primeiro e se aproxima de nós.

— Pakhan. Nina Petrova. — Acena com a cabeça e abre a porta.

Espio pelo canto do olho e percebo Valentina espreitando pela esquina do outro lado do corredor, com a boca aberta. Sem dúvida, todos já terão recebido a notícia quando voltarmos.



O clube é maior do que eu esperava, ocupando todo o andar térreo de um prédio de vidro de três andares. Parece que chegamos cedo demais porque há apenas algumas pessoas esperando do lado de fora. No entanto, quando os seguranças abrem as portas duplas de vidro para nós, entramos. Fico surpresa ao encontrar uma multidão significativa lá dentro. A maioria está reunida em torno de mesas altas ao longo das laterais do espaço. Pensei que parariamos em uma delas, mas atravessamos o enorme salão até outro

conjunto de portas. Dois homens estão posicionados em cada lado e as abrem quando nos aproximamos. Somos recebidos da mesma forma que na entrada.

— Pakhan — eles dizem, acenando para Roman e depois para mim.
— Sra. Petrova.

Estou um tanto confusa com o comportamento – não esperava que alguém soubesse da minha existência. Este segundo ambiente é menor, mas muito mais luxuoso. Em vez de mesas altas, cinco cabines semicirculares estão localizadas ao redor da sala. Duas menores de cada lado e uma enorme, que provavelmente poderia acomodar dez pessoas, no centro de uma pequena plataforma elevada. Ivan, andando na nossa frente o tempo todo, caminha em direção à cabine maior e se coloca do lado direito, com as mãos cruzadas nas costas. Por um segundo, fico apreensiva com a possibilidade de Roman subir os dois degraus da plataforma, mas ele se sai bem. Virando-se, o russo me dá a mão, e eu o sigo. O segurança se junta a nós no lado esquerdo da cabine, assumindo a mesma posição de Ivan.

— Estou me sentindo estranha — sussurro quando me sento ao lado de Roman no meio da cabine.

— Por que está cochichando?

— Não sei — sussurro de novo. — Por que todos estão olhando para nós?

— Quem liga? — Ele segura meu queixo e me beija.

ROMAN

Um homem se aproxima de Ivan e diz algo em seu ouvido. Ele parece familiar, provavelmente um dos subordinados de Pavel. Ivan assente e olha para mim, mas quando sacudo a cabeça, ele o manda embora. Não estou no clima para negócios hoje, então o sujeito pode passar a mensagem para seu chefe.

Nina está sentada ao meu lado, com uma taça de vinho na mão, observando a multidão. Ela não parou de falar desde quando chegamos, mas ficou em silêncio há alguns minutos. Fico imaginando o que está rolando

em sua cabeça. Ela me deixa intrigado – essa coisinha estranha está se infiltrando em minha pele, pouco a pouco – desde a primeira vez, quando a vi naquela espelunca de restaurante. O que vai acontecer depois de os seis meses se passarem e a garota perceber que não tenho a menor intenção de deixá-la ir? Jamais. Levanto a mão para percorrer o contorno de seu ombro nu e a deslizo até o delicado pulso. A moça parece tão frágil, minha Nina, mas as aparências enganam.

— Dance comigo — sussurro em seu ouvido.

Ela levanta a cabeça, e aqueles olhos negros me fitam diretamente, com uma pergunta visível neles. A jovem deve estar se questionando como diabos vai dançar com um homem incapaz até de andar direito, mas não me indaga, como eu sabia que não faria.

Nina sorri.

— Ok.

— Dê-me sua perna.

Arqueando a sobancelha, ela se vira para mim, cruza as pernas e coloca o pé direito na minha mão. Sem pressa, tiro seu salto e o deixo no assento ao meu lado, depois solto o tornozelo.

— Esquerda.

— Devia fazer terapia, Roman. Esse fetiche por pés está saindo do controle. — Ela ri e troca de perna, e repito a ação com o outro sapato.

Pego uma muleta, fico de pé e seguro a mão dela.

— De pé, *malysh*. No assento.

Ela dá uma risadinha, sobe no banco e coloca os braços em meu pescoço. Sorrio. Mesmo em pé no alto, Nina mal passa de um centímetro da minha altura.

— Gosto desse ajuste. — Ela me beija. — De agora em diante, vou levar um banquinho comigo para todo lugar.

Coloco a mão na base de suas costas e roço o nariz em seu pescoço. A moça suspira e enterra os dedos em meu cabelo, e ficamos assim, parados, enquanto uma música lenta soa ao nosso redor. Não sou fã de ficar

de costas para a multidão. Prefiro ter a sala inteira à minha vista, mas acho que terei de contar com Ivan e Kolya para me protegerem. E gosto de segurar Nina assim, com meu corpo atrapalhando a visão dos outros homens que vi olhando para ela.

— Como está a perna? — a jovem sussurra em meu ouvido.

— Está indo bem. Não se preocupe.

— Roman?

— Sim?

— Tenho uma confissão a fazer.

Beijo seu ombro.

— Algo ruim?

— Sim. Bem, é um tipo de problema. Um dos grandes.

— Desembuche, Nina.

Ela fica em silêncio por um tempo e depois faz meu mundo girar sobre seu eixo com cinco palavras curtas.

— Estou apaixonada por você, Roman.

Fecho os olhos por um segundo e a aperto com força. É como se tudo ao meu redor tivesse parado.

— Então compartilhamos o mesmo problema, *malysh* — digo em seu pescoço, e a sinto ficar imóvel.

Quando levanto a cabeça e olho para Nina, seus lábios estão ligeiramente trêmulos, e há lágrimas nos cantos dos olhos.

— Aquele acordo de seis meses? Está cancelado, Nina — digo, e aperto sua cintura. — Não me importa o que combinamos. Você é minha agora, e não vou deixá-la ir embora. Nunca mais.

Nina

Coloco as mãos em ambos os lados do rosto de Roman e busco seus olhos, que fitam os meus com tremenda intensidade.

— Não vou a lugar algum, Roman.

— Prometa. — Ele me aperta contra si e, por um momento, fica difícil respirar. — Prometa, ou vou levá-la para casa e te amarrar em minha cama até fazer isso.

— Eu prometo. — Passo um dedo em sua mandíbula. — Devemos sentar agora?

— Não — ele rosna.

— Está beeem. Por que não? — pergunto, mas o russo apenas range os dentes e não responde. — Roman, tem algo errado?

— Há homens aqui.

— É uma boate. É claro que há homens aqui.

— Eles estavam de olho em você.

Começo a rir, mas o homem só range os dentes ainda mais.

— Está de brincadeira?

— Está me vendo sorrir, Nina?

Ele fala sério.

— Roman, não está sendo racional. Estou com você, não estou? — Dou um beijo em seus lábios rígidos. — Podem olhar, mas isso é tudo. — Outro beijo, dessa vez em sua testa. — Está melhor assim?

— Só um pouco.

Não faço ideia do que deu nele, mas não vou deixar que fique assim a noite toda. Meu marido precisa descansar a perna. Suspiro e o beijo de novo.

— Vamos para casa, querido.



Nosso carro para em frente à casa ao mesmo tempo em que outro, e Leonid sai do banco de trás. Ele se vira para nos encontrar e dirige o olhar para Roman, em pé ao meu lado. Está escuro, mas há luz suficiente das lâmpadas para iluminar o choque no rosto do mais velho, que se transfigura em um olhar de puro ódio. Rapidamente, ele recompõe o semblante em algo mais amigável e se aproxima de nós.

— Ora, se não é um desdobramento inesperado. Estou muito feliz por vê-lo de pé de novo, Roman. Literalmente.

— É mesmo, tio?

Um canto da boca do pakhan se curva. Sua postura está relaxada, mas percebo como ele segura as muletas. Apesar da dor na perna, está fingindo muito bem.

— Roman, estou cansada. Podemos subir, por favor? — pergunto, depois me viro para Leonid e esboço um sorriso meigo. — Preciso fazer meu ritual facial noturno antes de dormir, e demora pelo menos uma hora.

O sujeito me dá um olhar condescendente, depois se vira e entra na casa. Vamos atrás dele em um ritmo bem mais lento. Assim que fechamos a porta da suíte, viro-me para meu marido e aponto na direção do quarto dele.

— Cama. Agora, Roman.

Ele não discute, e isso é prova suficiente de que está sentindo muita dor.

Tiro os saltos e corro para a cozinha. Pego os analgésicos e um copo de água e os levo para o quarto do russo. Ele vai até a cama e senta com um gemido abafado. Numa dolorosa câmera lenta, levanta a perna direita sobre

o colchão e pega o frasco de remédio da minha mão. Depois de engolir dois comprimidos, começa a desabotoar a camisa.

— Deixe comigo — digo, e assumo o controle.

Ele me observa em silêncio, depois tira a camisa e se deita. Quando começo a desafivelar o cinto, pega minha mão e balança a cabeça.

— Sinto muito, *malysh*. Hoje não.

— Credo, não estou planejando transar. Só preciso ver sua perna.

— Deixe pra lá. Vai passar.

Ignoro-o e continuo a tirar sua calça. Embora esteja fazendo o possível para ser gentil, ele sibila de dor algumas vezes. Quando finalmente consigo dar uma olhada no joelho, respiro fundo. Está inchado, com o dobro do tamanho normal.

— Que merda, Roman.

Pego um travesseiro e ajeito com cuidado sob a perna, tentando movê-la o mínimo possível. Quando termino, tiro o vestido pomposo, visto uma das camisetas do meu marido e subo na cama para me deitar ao lado dele. Cobrindo nós dois com um cobertor, aconchego-me a ele e pouso a mão em seu peito nu.

— Nina, preciso fazer uma pergunta.

A maneira como o homem diz isso, em um tom estranho e distante, de certa forma, faz-me levantar a cabeça e o encontrar olhando para o teto, o rosto contraído.

— Ok.

— Se as muletas forem o melhor que posso fazer, você vai embora?

Abro a boca para dizer o quanto a pergunta é idiota, mas ele coloca a mão sobre meus lábios, silenciando-me. Ainda não está olhando para mim.

— Preciso que pense antes de responder. Pense muito bem no que isso significa. Nunca serei capaz de correr, não importa quanto progresso eu faça. As escadas sempre serão um problema para mim. Talvez não se

importe com isso agora, mas você é jovem. Vai conhecer outros homens que não estão... estragados. Homens sem limitações. Então, se eu for obrigado a usar muletas pelo resto da vida, e isso não for algo que possa aceitar a longo prazo, vou entender. Juro que vou, e não guardarei ressentimentos. Mas se for esse o caso, preciso saber agora. Podemos continuar até funcionar para nós, e quando não der mais certo... Bem, aí cada um pode seguir seu caminho. Mas preciso saber. E preciso que você tenha certeza, Nina.

Roman tira a mão de minha boca. Tento superar a ideia de meu marido me achar tão superficial, mas então vejo as coisas do ponto de vista dele, como eu me sentiria se nossos papéis fossem invertidos, e entendo.

— Alguma vez sentiu que tenho algum problema com isso, Roman? Quer dizer, até agora.

— Não. Mas você é uma atriz extremamente talentosa, *malysh*. E de agora em diante, não quero mais aquela outra mulher, aquela que criou para cumprir nosso acordo. Nada mais de atuação, nada mais de fingimento.

— É um acordo justo. Está bem então. — Respiro fundo. — Adoraria ver você correr ou subir dois degraus de cada vez. A bengala é aceitável, acho, e vou ficar muito feliz se chegar nela.

Sei que cada palavra saída da minha boca o machuca, porque o sinto ficar tão quieto que chega a assustar. Meu Deus, odeio dizer tudo isso, mas precisamos resolver a questão de uma vez por todas.

— Se eu pudesse escolher o que mais gostaria, seria ver você voltando a ser o que era antes daquela bomba.

O russo continua olhando para cima, mas fecha os olhos depois de ouvir minhas palavras.

— Mas nunca vai acontecer, Roman. Sei que é difícil para você, e isso acaba comigo. Adoraria te ver sem as muletas, mas só porque sei que isso te faria feliz. Essa é a única razão. Amo você e quero que seja feliz. É isso que desejo a você, muito, muito. — Seguro seu rosto e o faço olhar para mim. — No que me diz respeito, tanto faz. Com ou sem muletas, amo você do mesmo jeito, querido. Mesmo se precisar voltar a usar a cadeira de

rodas. Não importa. Não dou a mínima, Roman. A única coisa que quero é você. Será que pode ser meu, por favor?

— Já sou seu, *malysh*. — Ele beija meu cocuruto.

Depois disso, o silêncio reina. O pakhan não está convencido. Quero tanto chorar, mas, não sei como, consigo me controlar.

— Diga-me, Roman. Não ia adorar se pudéssemos transar do jeito normal? Porque eu sim. Não há nada que eu queira mais do que ter você em cima de mim, sentir seu corpo apertando o meu, puxando minhas mãos para cima. Bem, isso não está nos meus planos em um futuro próximo, pelo menos. Talvez para sempre. Isso é um problema? Vai se cansar dos meus problemas e decidir me trocar por uma versão menos defeituosa em algum momento? Uma mulher que não se encolha toda quando chegar por trás sem avisar? Ou uma que não tenha um ataque de pânico quando esquecer e agarrar o pulso dela em vez do braço?

“Acha que não reparei que é sempre Dimitri ou Ivan que vão conosco, nunca Kostya, Mikhail ou Sergei, que são todos tão altos quanto você? Ou como eles sentam ou saem quando entro? Quando cheguei à cozinha uns dias depois de Kostya ter sido esfaqueado, ele desabou na cadeira tão rápido que me admira não ter arrebatado os pontos. Você precisou instruir seus homens a sentarem quando entro em um cômodo para eu não me assustar. Tenho certeza de que é cansativo e frustrante lidar com meus problemas. Será que, um dia, vai decidir me substituir por alguém menos problemático?

— Pelo amor de Deus, Nina. — Ele me olha, chocado. — Como pode dizer uma coisa dessas?

— Ah, você não gosta de como isso soa, né? Bem, vá se foder, Roman — sussurro, encosto o rosto em seu peito e deixo as lágrimas caírem livres.

Sinto a mão dele no cabelo, o outro braço em minha cintura. No momento seguinte, o russo me deita em cima de seu corpo. Afastando os fios de cabelo colados em meu rosto lacrimoso, passa os polegares embaixo dos meus olhos.

— Sinto muito, *milaya*. É que... eu te amo demais. Morro de medo de você ir embora um dia.

Ranjo os dentes.

— Dê-me a mão.

Ele levanta a sobancelha, mas obedece. Conduzo sua mão por entre nossos corpos até chegar ao meio das minhas pernas e pressiono os dedos na calcinha molhada.

— Está sentindo isso, Roman? É o que só estar deitada ao seu lado faz comigo. Estou tão apaixonada, querido, que o simples fato de estar perto de você me deixa molhada — sussurro, e sinto como ele fica duro debaixo de mim.

Lentamente, engancha o dedo no cócs da calcinha e começa a descê-la.

— Tire — rosna.

— Roman, não...

Sua outra mão agarra a calcinha, e de repente o tecido se rasga. Ainda estou atordoada por ele ter acabado de fazer isso quando meu marido abaixa a cueca boxer, pega-me pela cintura e me desliza em seu pau. A sensação é tão boa que faz meus olhos se revirarem. Ao mesmo tempo, os músculos começam a se contrair em volta do pênis.

— Minha — ele diz, e penetra em mim. — Só minha. Diga.

— Só sua, querido.

Outra estocada e pronto, implodo por dentro. Estremecimentos tomam conta do meu corpo. Roman geme ao me invadir profundamente, e sinto sua semente me preencher. Ainda me recuperando da euforia, caio em seu peito. Essa foi a rapidinha mais alucinante que já experimentei. Os braços de Roman envolvem minhas costas, apertam-me, e sinto seus lábios beijarem o topo da minha cabeça.

— Então, vai ficar para sempre? — ele sussurra.

— Não vai se livrar de mim, por mais que tente. Nunca serei capaz de encontrar outro marido tão gostoso. — Sorrio e o beijo. — Assunto

encerrado, Roman. Combinado?

— Combinado. Mas preciso que saiba de uma coisa. Quando eu encontrar o desgraçado que te machucou, vou matá-lo.

— Não vai, não. — Aperto seu braço. — Não quero ter nenhuma morte na consciência, então, por favor, eu imploro, esqueça isso.

— Nina...

— Por favor, vamos encerrar esse assunto também. Não vai matar ninguém por mim. Não posso viver com esse peso. Por favor.

Quando o pakhan não responde, pego seu rosto e encosto a testa na dele.

— Não vai fazer isso comigo. Não vai procurar por ele e não vai matá-lo. Se me ama, não vai me forçar a carregar a morte de ninguém em minha alma. Diga que entende, Roman.

Há um silêncio, e depois:

— Está bem.

Roman

Meu joelho está bem melhor na manhã seguinte, mas ainda dói pra burro quando coloco qualquer peso na perna direita. Depois do café da manhã, largo as muletas e pego a cadeira de rodas. Não a uso há semanas, e odeio ser obrigado a fazer isso agora, mas não quero correr o risco de danificar ainda mais o joelho. Nina pode não se importar com as muletas, mas eu sim. Custe o que custar, vou pegar a maldita bengala, porque quero poder segurar a mão dela quando a levar para jantar ou mesmo para passear.

— Estou descendo. Igor vai me ensinar a fazer *borsch*. — A garota sorri, inclina-se e me beija. — Quer que eu traga o almoço na volta?

— Sim, estarei aqui trabalhando. E diga àquele javali que se ele ousar levantar a voz para minha esposa de novo, será o fim dele.

— Não seja um ogro, Roman.

Eu a vejo sair, depois vou para meu quarto e ligo o *notebook*. Abrindo o *software* de áudio, encontro a gravação do quarto de Leonid e reproduzo a partir do momento exato em que voltamos ontem à noite. Havia um motivo específico que me levou a esconder a melhora da perna. Tenho quase certeza de que, ao me ver andando de novo, meu tio vai tentar alguma coisa, e quero pegar o comparsa dele antes disso. Já se passaram quase cinco meses e, como ainda não descobri quem é o filho da puta, está na hora de incitar Leonid a agir. A julgar pela intensidade com a qual ele me encarou ontem, tenho a sensação de que há uma bela surpresa à minha espera.

No meio da gravação, acabo encontrando o que procuro. Leonid está ligando para alguém e, como o registro de data e hora no canto da tela indica duas da manhã, não se trata de uma ligação de negócios, estou certo disso. O que me surpreende, porém, é a pessoa no outro lado da linha.

— Precisamos tentar de novo. O desgraçado está andando — diz meu tio.

— Hum. Não estou certo se isso ainda funciona para mim, Leonid — responde Tanush.

— Não pode mudar de ideia agora!

— É claro que posso. Agi por impulso. Estava furioso porque Petrov rejeitou minha filha e queria fazê-lo pagar. Mas ele me dá um bom dinheiro.

— Temos um acordo, Tanush. Você me ajuda a eliminá-lo, e eu asseguro que terá uma fatia maior quando assumir o controle.

— Sabe, esse é o problema, Leonid. Mesmo que me dê uma fatia maior, duvido que consiga manter o negócio funcionando. Decidi que não quero arriscar. Estou fora.

A linha fica muda.

Recosto-me na cadeira, pego o telefone e ligo para Maxim.

— Cadê o Leonid?

— Saiu. Ouvi quando mandou Valentina levar o jantar dele às cinco.

— Isso não será necessário. Quero todos fora do andar superior depois das quatro. E estou falando de todos. Ninguém sobe até eu dar a ordem.

Há um silêncio do outro lado, e presumo que Maxim esteja ligando os pontos.

— Vou me certificar de que isso seja feito. E quanto a Nina?

— Preciso que ela saia da casa. A filha de Dushku vai se casar, e ele nos convidou. Vou pedir que ela compre um presente. Diga a Dimitri para mandar Ivan com ela. Eles não devem voltar em hipótese alguma sem eu chamar. Não me importa o que ele precise fazer para distraí-la, Nina não voltará para cá até eu ter terminado. Está claro?

— Sim, pakhan.



É preciso ser convincente, mas consigo despachar Nina por volta das quatro da tarde. Ela estava determinada a jantarmos juntos, mas cedeu quando eu disse que tinha muito trabalho pela frente.

Entro em meu *closet* e pego a arma. Depois de verificá-la, apanho as muletas e vou para o quarto de Leonid. Sento na poltrona reclinável no canto, bem em frente à porta, coloco a arma na mesa de centro e espero. Em algum momento antes das cinco, o homem aparece. Ao me ver ali, suas sobrancelhas se erguem, mas ele se recompõe rapidamente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Feche a porta, Leonid.

— Roman?

— A porta — repito.

Ele faz o que pedi e começa a caminhar em minha direção quando se dá conta da arma sobre a mesa. Meu tio estanca, arregala os olhos e se vira para fugir. Pego a arma e, apontando para seu joelho direito, atiro. O som explode no quarto, seguido pelo grito de Leonid. O sujeito cai de lado no chão e começa a urrar, segurando a perna ensanguentada.

— Se queria tomar meu lugar, deveria ter se certificado de que eu estava morto, Leonid.

— Desgraçado — ele escarnece por entre os dentes, com cuspe voando por toda parte. — Vou te matar!

Aos gritos, ele vem em minha direção, com as mãos estendidas como um louco. Aponto para sua cabeça e deixo a bala voar. Seu corpo desmorona, com sangue jorrando ao redor da cabeça.

— Teve sua chance, tio — digo para o corpo caído.

Levanto-me e começo a caminhar até a porta quando o telefone de Leonid toca. Considero ignorá-lo, mas então me abaixo e o alcanço, com o joelho gritando de dor. A tela mostra um número desconhecido. Atendo.

— Encontrei ela — fala a voz do outro lado. — Prepare a transferência bancária.

A chamada é interrompida.

Nina

— Tem certeza? — Olho para o vaso que estou segurando. — É horrível. Eles vão adorar, e este aqui já custa mais do que um carro.

— O pakhan disse que precisa ser algo grande. — Ivan dá de ombros e se posiciona atrás de mim.

— Vou perguntar se eles têm vasos maiores. — Viro-me para o vendedor.

Sinto-me oprimida em meio a tantas peças de decoração sofisticadas expostas ao meu redor. Saber que o item mais barato aqui tem pelo menos três zeros na etiqueta me irrita. Há coisas mais apropriadas como presente de casamento, mas por alguma razão, Roman insistiu para eu atravessar Chicago e escolher algo exatamente nesta loja. Tudo aqui é exagerado, inclusive os lustres dourados e as réplicas de Davi em tamanho real. Sinto um arrepio. Tem gente com gostos muito estranhos.

Passo pela grande vitrine de vidro que exhibe jogos de taças de cristal quando ouço um som estridente. O vidro se estilhaça e forra todo o piso, com um milhão de pedacinhos voando por toda parte. As pessoas começam a gritar. Mãos me agarram pela cintura e me puxam para baixo. No momento seguinte, Ivan está debruçado sobre mim, conduzindo-me para os fundos da loja. Outro tiro é disparado, e eu tropeço, estendo a mão para evitar cair de cara no chão. A dor rasga minha palma. Agarrando meu braço, Ivan me arrasta rumo à saída de emergência conforme grita ao telefone que segura com a mão livre.

Atravessamos a saída de emergência e entramos no beco dos fundos no momento em que um carro dobra a esquina. Os pneus derrapam quando o veículo faz uma parada brusca. O segurança me empurra de volta pela porta, enfia a mão no paletó e saca uma arma. Ouço dois tiros quase simultâneos.

— Fique aí — ele diz por cima do ombro, e sai de vista.

Alguns segundos depois, ouço outro tiro. Não tenho ideia do que está acontecendo. É um tiroteio aleatório ou alguém está tentando nos matar? Devo ficar aqui ou voltar para dentro? Devo sair e procurar Ivan? Estou tão assustada que não sei se conseguiria me mover, mesmo se soubesse para onde deveria ir.

Olho para minha mão esquerda e vejo um grande caco de vidro semienterrado nela, com sangue em volta. É uma dor infernal.

Passos vêm do beco, rápidos, então respiro fundo e espero para ver quem é. Ivan entra em meu campo de visão, agarra minha mão e me arrasta correndo pela rua. Dou uma olhada por cima do ombro e vejo o carro. A porta do motorista está aberta, e uma figura imóvel está caída no chão. As sirenes soam ao longe, mas já se aproximam.

Meus passos vacilam, mas o homem continua me guiando pela rua e depois dobra a esquina, em direção ao estacionamento onde deixou nosso carro. Ele abre a porta e, enquanto me conduz para dentro, vê minha mão e sibila.

— Nina Petrova! Santo Deus, por que não disse nada?

— Não parecia ser uma prioridade lá atrás — digo, e levanto a mão.
— Acha que o médico que cuidou de Kostya faria o mesmo por mim?

Ivan ergue o rosto para me encarar com olhos arregalados, depois balança a cabeça e balbucia algo em russo.

— Vamos para um hospital. Do contrário, o pakhan não vai gostar.

— Acho que não devíamos cutucar a onça com vara curta. Seu pakhan tem estado meio irritado esses dias. Então, é melhor mesmo irmos ao bendito hospital.

O segurança bufa, ajuda-me a entrar no carro, e damos o fora dali.

Roman

— Houve um tiroteio, Roman.

Olho para Dimitri e juro que meu coração para de bater quando lembro da ligação que atendi no quarto de meu tio. Não. Agarro a garganta do homem e o encaro cara a cara.

— Onde está minha esposa? — rosno entre dentes, tentando não quebrar seu pescoço.

— Não sabemos. Ivan ligou para dizer que alguém começou a atirar quando eles estavam na loja e que já está tirando ela de lá. Isso foi há quinze minutos. Não consigo mais contato. Ele não atende o telefone desde então.

— E os outros?

— Apenas Ivan. Mandeí dois membros da equipe de segurança irem com eles, mas Nina Petrova disse que não os queria com ela.

Cerro os dentes e aperto o pescoço de Dimitri até seu rosto começar a ficar vermelho.

— Se um único fio de cabelo dela for atingido, muitos morrerão! — esbravejo. — Começando pelo meu chefe de segurança, que enviou minha esposa com apenas um homem como proteção. Você entendeu, Dimitri?

— Sim, pakhan.

— Ótimo. Agora, arrume-me a porra de um carro.

Nina

Três curativos borboleta, uma vacina contra tétano e um frasco de antibióticos. Foi isso que recebi. Nem mesmo pontos. A enfermeira disse

que tive sorte e, na próxima vez, eu deveria tomar mais cuidado ao lavar os copos.

Olho para cima, tentando localizar Ivan. Espero que ele chegue logo para podermos voltar para casa. Há um estrondo, a porta se abre, e vozes agitadas vêm do saguão da entrada. Imagino se estão trazendo alguém com ferimentos graves, pois os protestos são particularmente altos. E então ouço o rugido da voz de Roman.

— Onde está minha esposa?

Droga. A esperança era voltarmos para casa antes de ele descobrir o que aconteceu.

— O que está acontecendo lá fora? — murmura a enfermeira que estava recolhendo seus suprimentos. Ela olha na direção de onde vêm as vozes.

— Ah, deve ser meu marido. — Com um sorriso inocente, pulo da maca e saio correndo do quarto.

Quando chego à recepção, vejo Roman debruçado sobre um atendente careca de meia-idade que está tentando digitar alguma coisa no teclado. As mãos do coitado tremem tanto que ele não consegue acertar os botões corretos. A única outra pessoa em um raio de três metros é Dimitri. Outros funcionários e pacientes presentes estão encostadas na parede, mantêm uma distância segura. Ivan entra pelo corredor oposto, mas para ao ver o pakhan furioso.

— Roman? — chamo.

Ele olha na minha direção e respira fundo enquanto me observa chegar. Lentamente, seu olhar se desloca da minha cabeça, desce pelo corpo, chega às pontas dos dedos dos pés que despontam dos saltos e depois sobe de volta. Só então ele solta o ar. Agarrando minha cintura, esmaga meu corpo contra o dele.

— Nunca mais vai sair de casa sem mim — sussurra em meu ouvido. — Nunca mais.

Quero dizer que isso é uma bobagem, mas logo mudo de ideia. Seu corpo está estranhamente tenso junto ao meu, e percebo o tremor da mão

em minha cintura. Com certeza, ele está possesso.

— Ok, querido. Claro. Vamos para casa, pode ser?

Roman se limita a assentir, passa a muleta direita para Dimitri, pega minha mão e começa a caminhar para a saída. Dou uma espiada em nossas mãos unidas, mas rapidamente olho para cima e me concentro no carro estacionado mais adiante. Lágrimas de felicidade inundam meus olhos enquanto tento acompanhar o ritmo do meu marido.

Nina

— Onde está Leonid? — pergunto a Roman no café da manhã. — Não vejo ele há duas semanas e, ontem à noite, vi os rapazes levando seus pertences.

— Ele se foi. — Estendendo a mão, ele pega o suco de laranja.

— Se foi, tipo, ele não mora mais aqui?

— Pode-se dizer que sim.

— Roman?

— Sim, *malysk*? — Ele olha para mim e enfia o garfo cheio de ovos mexidos na boca.

— Você o matou, não matou?

— Claro que matei.

Engasgo-me com o pedaço de pão que acabei de engolir e alcanço a água.

— Não pode me dizer esse tipo de coisa durante o café da manhã, Roman.

— Você perguntou. E ele tentou me matar primeiro.

— E isso faz com que esteja tudo bem?

— Ele estava planejando a segunda investida. Será que isso deixa tudo mais suportável para você?

— Acho que sim. — Penso em Leonid tentando matar Roman mais uma vez e concluo que, sendo assim, eu mesma provavelmente o executaria. — Sim. Ninguém tenta matar meu marido e sai impune. Fez a escolha certa.

— Fico feliz com a aprovação.

— Não aprovo a morte de pessoas. Eu só... posso viver com isso nesse caso.

— Você tem pontos de vista muito estranhos, Nina.

— Já que estou vivendo em seu mundo estranho, acho que é apropriado. — Olho para o relógio e me levanto. — Vamos nos atrasar para o casamento.

— O que vai vestir?

Sorrio com malícia, agarro sua camisa e o puxo para mim.

— Vai ter que esperar para ver.

Beijo-o e começo a me afastar, mas ele agarra minha cintura e me arrasta para seus braços.

— Se brincar com fogo, minha florzinha — diz no meu ouvido enquanto engancha as mãos no cóis da minha calça jeans e começa a abaixá-la —, poderá se queimar.

— Vamos nos atrasar.

— Acha que eu me importo?

Não. E nem eu.

— Qual é a qualidade dessas cadeiras?

— Vamos descobrir.

Enquanto ele tira a calça de moletom, arranco meu jeans e a calcinha e subo em seu colo. Minhas pernas são tão curtas que ficam penduradas dos dois lados. Mesmo quando me estico, não consigo tocar o chão com os dedos dos pés.

— Acho que isso não vai funcionar, Roman.

Ele olha para baixo, incapaz de conter o riso.

— Meu Deus, Nina. Você é tão pequena.

— E se a gente fosse para a cama?

O russo inclina a cabeça de lado e, recostando-se na cadeira, prende-me pela cintura enquanto abre um sorriso presunçoso.

— Nem pensar.

Meus olhos se arregalam quando ele me levanta e me coloca sobre seu pau duro, e então me abaixa. Agarrada a seus ombros, arfo e vibro com a maneira como o homem me preenche pouco a pouco. Deixo escapar um gemido quando o sinto totalmente enterrado dentro de mim. As mãos de Roman se movem para baixo, sob minhas coxas, e ele me levanta, apenas para me deslizar de novo para baixo, empalando-me repetidamente enquanto arquejo e me agarro com força a ele. Não tenho certeza do que me excita mais: a sensação do pau entrando e saindo de mim ou a facilidade com que o pakhan lida com meu corpo, como se eu não pesasse nada. Ele golpeia uma última vez, e eu gozo, ouvindo-o gemer enquanto seu esperma me preenche.

— Está tudo bem? — Roman me abraça e me aperta em seu peito.

— Uhum. — Enterro o nariz em seu pescoço e absorvo seu perfume. — Quero cadeiras espalhadas por todos os cômodos. Aquela sua máquina de supino pode ir embora.

— Você pesa metade do peso que costumo levantar, *malysh*.

— Dizem que é mais eficaz malhar com menos peso, mas com mais frequência.

— É mesmo? — Suas mãos acariciam minhas costas, deslizam até alcançar a bunda. — Gosto desse novo plano de exercícios. Gosto muito — diz ele, e aperta minhas nádegas.



Que casamento mais chato. Muitos convidados circulam com suas taças, em meio a conversas e sorrisos falsos. Não conheço uma única alma aqui, então passo a maior parte do tempo observando as pessoas e comentando sobre suas roupas com Roman. Ele sempre acha minha tagarelice divertida. No entanto, há alguns minutos, meteu-se numa

discussão sobre política com alguns homens, e resolvi deixá-lo e sentar em uma das mesas.

Não tenho nenhum problema em ficar sozinha, mas parece que há quem pense o contrário, porque duas mulheres sentam comigo e me puxam para um bate-papo de mau gosto sobre quem comprou o quê para os recém-casados.

— Não podíamos vir com nada insignificante, sabe? — explica uma linda loira de lábios carnudos. — Tenho certeza de que eles vão aproveitar o fim de semana no *spa*. É um lugar altamente exclusivo. Por favor, nem me pergunte quanto pagamos pela reserva. O valor foi absurdo.

Sorrio.

— Eles vão adorar.

— E o que comprou para eles, querida?

— Um vaso feio de doer — digo. — Meu marido insistiu.

— Ah, bem, talvez tenham gostos diferentes. E qual deles é seu marido?

Olho para o grupo de homens no meio do corredor e declaro com um sorriso:

— O mais *sexy* de todos.

— Você é suspeita. — A outra, com um vestido vermelho curto e cabelos ruivos, ri.

— Não. É um fato. — Dou de ombros.

As duas se viram para olhar a massa de pessoas como se estivessem tentando adivinhar qual deles seria.

— Aquele de terno marrom? O de óculos?

Sigo o olhar dela e vejo um rapaz baixo, bastante bonito e com jeitão de contador. Abro um largo sorriso. Isso vai ser divertido.

— Não. Tente de novo.

Em seguida, ela aponta para um sujeito de *smoking*. Ele é bonito e tem cabelo comprido, mas é magro demais. No entanto, antes de eu ter chance de responder, a loira interfere:

— Ai, meu Deus, Sandra, aquele ali é Roman Petrov? — ela grita e agarra o braço da ruiva. Gesticulando para a multidão, pergunta: — O que aconteceu com ele?

— Se não me engano, Rory mencionou que ele sofreu um acidente há alguns meses — Sandra sussurra e se volta para a amiga. — Ouvi dizer que ele casou.

— Não! Cadê a esposa dele? Como ela é? Ela é russa?

Levo a taça aos lábios para esconder o sorriso e continuo ouvindo.

— Não a vi. Deve ser alguma loira alta e platinada. Faz o tipo dele — diz Sandra.

— Bem, ela deve ser uma espécie dos diabos se teve coragem de casar com ele.

— Ah, ela é, pode acreditar — comento.

As duas se viram para me encarar com os olhos arregalados.

— Você conhece a esposa de Petrov? — Sandra se debruça na mesa, quase encostando o rosto no meu.

— Uhum. — Assinto e tomo um gole do drinque. — Ela é meio pancada da cabeça.

— Só pode ser, se casou com ele. Ninguém em sã consciência se uniria ao pakhan da máfia russa. — Ela lança outro olhar para Roman. — Ouvi Dushku dizer que ele quase cortou o pescoço de Tanush durante um jantar no mês passado.

Estou curtindo demais a experiência quando Roman estraga minha diversão. Ele vira a cabeça e olha diretamente para mim, com uma inclinação quase invisível nos lábios. Levanto a mão e sopro um beijo para ele. O homem me lança um olhar ardente e volta para a conversa. Ao me virar, encontro as duas me observando horrorizadas.

— Aquele é o meu. — Sorrio. — Sou Nina Petrova. A espécie dos diabos.

Ambas sorriem, pedem licença rapidinho e desaparecem em questão de segundos. Pego minha taça, tomo outro gole do vinho e continuo observando a multidão. Uma mulher se aproxima do grupo de Roman e se junta à conversa. A princípio, não presto muita atenção nela, mas alguns minutos depois, percebo que se aproxima discretamente de meu marido e pergunta alguma coisa, sorrindo. Ela tem uma beleza clássica, com cabelos castanhos presos em um coque na nuca. Um longo vestido bege está colado em seu corpo. A estranha chega aos ombros de Roman, o que a torna pelo menos uma cabeça mais alta do que eu. Rindo de algo, ela balança os cílios. Não gosto de como olha para Roman. Ele não presta atenção, mas mesmo assim... Fico pensando se devo ir até lá e mandá-la cair fora. Talvez não.

Cruzo as pernas, garantindo que a fenda do meu vestido as revele, e me acomodo mais confortavelmente na cadeira. O russo olha para mim, e aproveito para dar aquele sorrisinho secreto que gosto de lançar a ele antes de arrastá-lo para a cama. Seus olhos se estreitam. A mulher está dizendo qualquer coisa para ele, mas sustento seu olhar e levanto a mão, passando um dedo nos lábios. Inclino um pouco a cabeça para o lado, deixo o dedo correr bem devagar pelo queixo e pelo pescoço e paro no decote do vestido. Roman está acompanhando o trajeto do dedo e, quando seus olhos se voltam para os meus, abro um largo sorriso. Ele diz algo para as pessoas ao seu redor e vem em minha direção, sem desviar o olhar do meu.

— Chamou? — Os cantos de seus lábios se erguem.

Levanto-me, coloco a mão em seu peito e olho para ele.

— Você não é o único territorialista neste relacionamento, pakhan.

— Ciúmes? De quem, *malysh*? Sabe que meus olhos só veem uma mulher.

— É mesmo? — Encaixo o dedo entre os dois botões de sua camisa e o puxo até ele curvar a cabeça e nossos narizes se tocarem.

— Está marcando seu território, Nina?

— Claro que estou, Roman — digo, e o beijo.

— Para casa — ele sussurra em meus lábios. — Agora.

Roman

— Preparei algo para você.

Levanto os olhos da minha mesa e me deparo com a cabeça de Nina espiando pela porta.

— Você queimou?

— É *morozhenoe*. — Ela sorri, coloca-se entre minhas pernas e enche uma colher com o sorvete da tigela que está segurando.

Eu a assisto levar a colher até minha boca, depois me debruço e deixo a garota me dar o sorvete.

— Igor tem me ensinado um pouco de russo — minha esposa declara.

— Ah, mal posso esperar para ouvir o que aprendeu.

— Até agora, falamos sobre *govno*, *chort vozmi* e *skotina*. São as favoritas dele.

— Não duvido disso. — Pego o celular e ligo para Varya, que atende no segundo toque. — Igor está ensinando Nina a xingar. Será que ele está querendo ser morto de novo?

— Roman! — Nina segura minha camisa e tenta alcançar o telefone, mas afasto minha mão e a beijo.

— Ninguém vai te ensinar russo, a não ser eu. Entendido?

— Entendido, *kotik*.

Fecho os olhos e balanço a cabeça.

— Você não chama um pakhan russo de “gatinho”, Nina. Tenho uma imagem a zelar aqui.

Ela estreita os olhos para mim, modela as feições para encarnar seriedade e toca meu nariz com o dedo.

— Meu *kotik* letal. Melhorou?

— Não.

— Você não tem senso de humor. — A moça passa as mãos em volta do meu pescoço. — Que tal irmos jantar em algum lugar, hein?

— Desculpe, *malysh*, mas preciso resolver alguns problemas de negócios esta noite. Partiremos em vinte minutos, e não sei quanto tempo vai levar, mas devo estar de volta às dez ou onze horas.

— Tome cuidado, Roman.

Vejo-a sair e penso como é estranho ter alguém me esperando voltar do trabalho ou se preocupando com meu bem-estar.

Nina

Roman ainda não voltou. Aperto o suéter com mais força e olho de novo para o relógio, provavelmente pela centésima vez na última hora. São três e meia da manhã, e ele não ligou nem mandou mensagem. Não quis telefonar e me intrometer em seus negócios, por isso falei com Maxim – que ficou na casa – por volta da uma da manhã, e depois de novo, por volta das três. Ele não sabia de nada.

— Que droga, Roman — resmungo para mim mesma, com os olhos grudados no portão do outro lado do gramado. — Nem sonhe em ser morto.

Por volta das quatro da manhã, o portão desliza, e dois carros estacionam na frente da casa. Os homens começam a sair dos veículos, e encosto as mãos na janela, procurando por Roman. Ele é o último a sair, e a maneira como desce do carro – dolorosa e lentamente – diz-me que forçou demais o joelho dessa vez.

— Teimoso, idiota teimoso — murmuro. Uma distância que ele normalmente percorreria em segundos leva quase cinco minutos.

O que diabos ele estava pensando? Warren avisou que não poderia fazer caminhadas longas por pelo menos mais algumas semanas, e o pakhan vai e passa a noite toda de pé nem mesmo uma semana depois.

No quarto, tiro a cadeira de rodas de onde ele a enfiou no guarda-roupas e a deixo ao lado da porta. Ele tem essa ideia idiota de não permitir que seus homens o vejam na cadeira nunca mais, então cruzo os braços e espero. Dez minutos depois, a porta se abre, e ele entra mancando. O russo olha para a cadeira e depois para mim. Minha cara mostra como estou furiosa, acho, porque ele senta devagar e me passa as muletas.

— Estou puta com você — esbravejo entre dentes, apoio as muletas na parede e me viro para segurar seu rosto. — Está doendo muito?

Meu marido me olha nos olhos, mas não diz nada, apenas range os dentes.

— Poxa, amor. — Inclino-me e beijo sua testa. — Vou pegar os analgésicos. Dois?

— Três.

— Certo. Precisa de ajuda para subir na cama?

— Se tirar a roupa e me esperar nela, seria um bom incentivo.

— Não esta noite, então nem se anime. — Acaricio sua bochecha e vou para a cozinha.

Quando subo na cama com Roman trinta minutos depois, ele já está inconsciente com a dose tripla de analgésicos. Aproveito a oportunidade para observá-lo. O homem geralmente se levanta antes de mim, o que me impede de pegá-lo desprevenido. Afasto alguns fios de cabelo caídos sobre sua testa e traço a linha das sobrancelhas, do nariz e do queixo com o dedo, admirando as feições austeras. Meu Deus, quanto medo senti hoje. Sem uma palavra dele, temi que algo ruim tivesse acontecido.

Precisamos ter uma conversa séria sobre essa questão amanhã. Não acho que ele tenha feito de propósito. Tenho a impressão de que Roman simplesmente não está acostumado a ter pessoas preocupadas com seu bem-estar. Ele nunca fala sobre a infância, e suspeito não ter sido uma fase tranquila. Há muita coisa que ainda não sei sobre ele. O pakhan raramente

compartilha detalhes sobre seus negócios, está tentando me proteger desse lado de sua vida, acredito. Mas não sou burra. Aos olhos do mundo, meu marido é um cara mau. Aos meus, no entanto, ele é apenas o Roman. Estou pouco me fodendo para o resto, e esse fato também me assusta um pouco.

Nina

— Poderíamos ter ficado em casa. — Arrumo a saia e pego a mão de Roman para descer do carro.

— Estava te devendo um jantar.

— Devíamos ter voltado depois do restaurante. A boate podia ter ficado para outra hora.

— De qualquer forma, tenho negócios com Pavel aqui. Não vamos demorar.

Ele podia muito bem ter discutido negócios com Pavel em casa. Só está fazendo isso por minha causa. Apenas mencionei de passagem o clube ontem, dizendo que me diverti e gostaria de voltar algum dia. Mas não esperava ser no dia seguinte, caramba. Ele teve de passar o dia todo na cadeira de rodas depois de sua última proeza, e odeio que esteja se excedendo por minha causa. No entanto, não há discussão com Roman quando enfia algo na cabeça.

Chegamos mais tarde do que em nossa última visita, então a boate já está lotada. É preciso uma série de manobras para atravessar o primeiro salão, mesmo com Ivan liderando o caminho. Depois de sentarmos, o garçom traz as bebidas. Apoio-me em Roman e me viro para dizer algo a ele quando percebo um homem alto e loiro do outro lado. Está de costas para mim, conversando com alguns rapazes. Sinto a mão do russo em volta da minha cintura, e ele me pergunta algo. Não ouço as palavras – minha atenção está voltada para o cara loiro. Quanto mais olho para ele, mais a respiração se torna superficial. Alguém o chama. Ele se vira, e parece que se move em câmera lenta. Então, seu rosto finalmente se revela. Quando o sujeito ergue o rosto e nossos olhares se cruzam, paro de respirar.

Roman

Sinto Nina se retesar ao meu lado. Dura alguns segundos, e então a mão dela começa a tremer em minha coxa.

— *Malysh*? Qual o problema?

Ela não reage. É como se nem tivesse me ouvido. Apenas olha para a multidão. Acompanho seu olhar, tentando ver o que pode tê-la assustado, mas não encontro nada fora do comum. As pessoas estão bebendo e conversando, e nada se destaca, exceto um homem perto da saída, olhando em nossa direção. Não gosto que outros homens olhem para minha esposa, mas isso é comum. Nina tem uma beleza exótica, chama a atenção. No entanto, a maneira como esse sujeito a está encarando vai além do interesse habitual — é um misto de reconhecimento e malícia. Ele é quase da minha altura, então, combinado com o olhar horrorizado de Nina, as peças do quebra-cabeças se encaixam. Esforçando-me para controlar a raiva, pego o queixo da garota e a viro para me encarar.

— É aquele o homem que te machucou, *milaya*?

Ela se volta para meus olhos sem piscar, com os lábios contraídos em uma linha dura.

— É ele, não é? Ele vai pagar, *malysh*. Vai pagar caro. Vou me certificar disso — sussurro, e me viro para pegar as muletas.

Nina agarra meu braço.

— Não. Prometeu que não mataria ninguém por minha causa.

Nunca prometi tal coisa, mas sua voz está tão baixa e perturbada que não quero aterrorizá-la ainda mais. Vou lidar com o desgraçado mais tarde.

— Ivan! — grito, e espero ele se aproximar. — Está vendo aquele filho da puta? Ali, embaixo da placa de saída. Loiro, barba, alto. Quero que ele seja expulso da minha boate e que os seguranças saibam que nunca mais deve entrar.

— Sim, pakhan — diz ele, e sinto o corpo de Nina relaxar um pouco ao meu lado.

— Ótimo. — Coloco o braço em volta das costas dela, viro-me para Ivan e acrescento em russo: — Ensaque e espere minha ligação.

O homem olha para mim, e eu o deixo ver o que não disse escrito em meu rosto. Ele assente, dá meia-volta e se dirige para a pista de dança. Seguro Nina junto a mim enquanto Ivan e um dos seguranças lidam com o desgraçado. Quando tenho certeza de que saíram, tiro-a da boate. Ela fica em silêncio durante toda a viagem para casa e, quando chegamos, vai direto para a cama.

— Vai ficar tudo bem — sussurro em seu ouvido quando me junto à jovem.

Nina não responde, apenas se enrosca em mim e enterra o rosto em meu pescoço. Depois de uma hora, finalmente sinto que ela relaxa, e sua respiração se acalma. Espero por mais meia hora, até ter certeza de a garota estar dormindo profundamente, então me levanto e saio do quarto.

— Onde ele está? — pergunto assim que Ivan atende à ligação.

— Pavel o colocou no porta-malas.

— Leve-o para o porão. — Coloco o telefone na mesa da sala de jantar e saio da suíte.

Descer as escadas estreitas de muletas até o porão é trabalhoso, mas consigo, e atravesso o curto corredor até o quarto dos fundos. Lá dentro, o canalha está amarrado a uma cadeira acima do ralo, com a boca amordaçada.

— Tire a camisa dele — digo a Ivan, que aguarda no canto, e me viro para a mesa perto da parede para inspecionar a variedade de facas e demais ferramentas.

— Pakhan? Quer que eu chame Mikhail?

— Não. — Pego uma das facas de Mikhail e sorrio. — Esse aí é meu.

Nina

A rua diante de mim está escura, mas continuo correndo. O som de meus passos ecoa nos paralelepípedos. Embora eu dedique toda a minha força, sinto que estou pisando na lama, com as pernas pesadas e lentas. O vulto de um homem surge na esquina, agarra-me pelo pescoço e começa a me estrangular.

Acordo com um sobressalto e sento na cama, com a respiração pesada. O abajur no canto está aceso, e a cama ao meu lado, vazia. Pego o celular na mesa de cabeceira e confiro a hora. Quatro e meia da manhã.

— Roman? — chamo. Apenas o silêncio responde.

Um tipo de pavor nauseante se instala em meu estômago. Pulo da cama e corro, na esperança de encontrar Roman na cozinha. Ele não está lá, e fico ali parada. Será que meu marido teve algum tipo de emergência de trabalho? Mas então meus olhos se deparam com seu telefone na mesa da sala de jantar. De jeito nenhum ele deixaria o celular para trás.

Desço o longo corredor descalça e escancaro a porta da academia. As luzes estão apagadas, por isso desço as escadas para verificar o escritório de Roman. Nem sinal dele, e a casa inteira está em silêncio. Fecho a porta do escritório e sigo até a cozinha principal quando meus olhos esbarram na porta que leva ao porão. Nunca vi ninguém entrando por ali, mas algo me impele a alcançar a maçaneta.

A luz acima da escada está acesa, e ouço a voz de Roman ao longe, misturada com sons estranhos de madeira raspando. A porta deve ser à prova de som, pois não escuto nada do lado de fora. Lentamente, desço as escadas e chego a uma sala vazia com prateleiras de metal nas paredes. Os sons estão mais altos aqui. A voz do pakhan vem da porta do outro lado, entreaberta, mas não consigo entender o que dizem – é russo.

Não quero ver o que está acontecendo atrás daquela porta, porque no fundo sei o que vou encontrar lá dentro. Mesmo assim, meus pés continuam me induzindo a prosseguir. Coloco a mão na superfície de madeira e empurro. Brian está em uma cadeira no meio do piso de ladrilhos,

com os pés e os pulsos amarrados nela. No chão, a seus pés, vários dedos decepados se espalham em uma enorme poça de sangue. Roman está de pé na frente dele, apoiado em uma muleta com a mão esquerda, enquanto com a direita segura uma faca cravada até o cabo na barriga de Brian. Gritando algo para ele, começa a torcer a faca. Fico horrorizada com todo o sangue que jorra do ferimento.

Um som estranho e sufocado escapa de meus lábios, e me agarro à porta ao lado enquanto a visão começa a se turvar. Meu marido se vira abruptamente, e seus olhos se arregalam. Ele dá um passo em minha direção, e começo a recuar, fitando suas mãos cobertas de sangue. Quando ele dá outro passo, viro-me e corro. Não me lembro de ter saído do porão ou de ter subido a longa escadaria. Quando chego à suíte, saio cambaleando pelo quarto até o banheiro, tranco a porta. Respiro com dificuldade, depois corro para o vaso sanitário e vomito. Ainda estou segurando as bordas do vaso quando ouço a batida na porta.

— Saia daqui — digo, e engasgo.

— Nina, eu...

— SAIA! — grito, e vomito de novo.



Estou no chão, ao lado do vaso sanitário, quando passos se aproximam e a voz de Varya me chama do outro lado da porta. Já faz mais ou menos uma hora que vomitei pela última vez, então me levanto devagar e me debruço sobre a pia. Depois de jogar um pouco de água fria no rosto, abro a porta.

— Minha filha — diz a mulher, e me alcança, mas dou um passo para trás.

— Preciso que chame um táxi para mim. Por favor.

— Não vá embora. Isso vai acabar com ele, Nina. Por favor, deixe ele explicar.

— Táxi! — grito. — Ou vou a pé.

Varya olha para mim com tristeza e assente. Vejo uma lágrima escapulir e rolar por sua bochecha antes de ela pegar o celular.

Roman

Alguém bate à porta, mas continuo na poltrona reclinável de frente para a janela observando o carro amarelo parado na entrada da garagem.

— Pakhan.

— Sim, Dimitri?

— Há um táxi esperando na frente. Varya disse que Nina Petrova está indo embora.

— Sim, ela está.

— Devo impedi-la?

Penso a respeito, depois balanço a cabeça.

— Não. Peça para dois homens a seguirem discretamente. Mande me ligarem quando ela chegar ao destino.

— Quer que eles fiquem lá ou voltem?

— Devem ficar lá. Quero dois homens atrás dela o tempo todo. Organize os turnos. Diga a eles para se certificarem de ficar fora de vista.

— Algo mais?

— É tudo por enquanto.

Alguns minutos depois, Nina desce as escadas às pressas e entra no táxi. Ela está usando jeans e o velho moletom, e carrega uma caixa de transporte para cães em uma mão e uma pequena mala na outra. Fico de

olho, esperando ela se virar e voltar para dentro. A garota não volta. O táxi parte.

Pego a garrafa de cristal de uísque, sirvo três dedos e a atiro para o outro lado do quarto em seguida. Ela se estilhaça contra a parede.

Roman

Nina foi embora há quatro dias, e estou perdendo a cabeça aos poucos. O pessoal encarregado de sua segurança tem me atualizado sobre ela no final de cada turno. Nada além de avisar que está bem. Mas quero minha esposa aqui, droga.

No início, pensei que ela iria para a casa dos pais, passaria a noite e voltaria pela manhã. Mas quando os rapazes me avisaram que tinha ido para a casa dela, soube que a garota não voltaria no dia seguinte. Esperei-a ligar – talvez em um ou dois dias. Mas não ligou. E eu mesmo não quero ligar até saber se ela está pronta para conversar.

Estraguei tudo. Soube disso no momento em que a vi parada na porta do porão, com uma expressão de horror e choque no rosto, mas não imaginei que Nina iria embora. Não aguento mais esperar, então pego o telefone da mesa e ligo. A moça cancela a chamada após o segundo toque, sem atender. Ligo de novo, mas tudo o que recebo é uma resposta sucinta:

— Acabou, Roman.

Ela não pode fazer isso. Não vou permitir que faça. Pego as muletas e vou em direção à porta.

— Para a casa de Nina — grito para Kolya, e entro no carro.

Quando chegamos ao prédio dela, apanho o celular e envio uma mensagem.

Estou aqui fora.

Fico olhando para o telefone, esperando ele tocar. Não toca. Em vez disso, chega uma resposta:

A. CA. BOU.

VÁ EMBORA.

Que merda devo fazer com isso? Devo subir, arrombar a porta e exigir que ela me escute? E o que diria? Não tem como desfazer minhas atitudes. Fico no carro em frente ao prédio dela. Já noite adentro, acabo dizendo a Kolya para me levar até em casa. É muito cedo. Vou dar à moça mais alguns dias para se acalmar. Então conversaremos.



Dois dias depois, chega um pacote. É uma coisa grande e retangular embrulhada em papel marrom, e tem meu nome na caligrafia grosseira de Nina. Coloco o embrulho na mesa, contorno com o dedo as letras que ela escreveu e começo a rasgar o papel.

É uma pintura.

Uma mulher nua está ajoelhada no meio de um campo de detritos e cinzas, com as costas arqueadas para trás e os braços levemente levantados em direção ao céu tempestuoso. Seus cabelos negros estão soltos ao vento, parte deles cobrindo o rosto. Uma longa lança preta está cravada bem no meio de seu peito, e uma espessa camada de tinta vermelha desce do ferimento pelo corpo nu. Na outra ponta da lança, um abutre solitário está empoleirado, como se estivesse esperando.

O autorretrato que ela me prometeu.

Levanto-me e fico olhando para o gramado além da janela até o sol se pôr, depois volto para a escrivaninha. Apoiando os cotovelos ali, enterro as mãos no cabelo e permaneço encarando a pintura, reparando nos pequenos detalhes que não vi da primeira vez. As veias destacadas no pescoço da mulher, como se estivesse fazendo força. Lágrimas vermelhas caindo por sua face. Fissuras negras na pele de seu peito, onde a lança atravessou – mais espessas ao redor da ferida e afinando conforme se irradiam, como se o próprio corpo começasse a se desfazer.

Nina não vai mais voltar.

Nina

Sento-me à mesa de jantar, coloco a pasta de papel manilha à minha frente e fico olhando para ela. Só depois de vinte minutos tomo coragem para abrir e pegar os papéis. Alcanço uma caneta do porta-treco, posiciono sua ponta no início da linha pontilhada no canto inferior esquerdo e começo a assinar meu nome. A visão embaça, e as lágrimas brotam, desabando sobre a folha e borrando a tinta. Que merda.

Amasso o documento arruinado, pego outra cópia da pasta e recomeço. Em algum ponto da terceira página, minha mão começa a tremer, mas continuo assinando. Na quinta, desmorono e começo a soluçar. Nem consigo mais ver a porcaria do papel, então me levanto e saio da cozinha para me acalmar. Demoro mais de duas horas para assinar as três cópias dos papéis do divórcio. Depois, selo tudo em um envelope grande, escrevo o endereço de Roman e chamo o mensageiro.

Roman

— Isso acabou de chegar. — Varya me entrega um grande envelope branco. — É de Nina.

Rasgo a lateral do invólucro, tiro uma pasta lacrada com um maço de papéis dentro e, sem abri-la, coloco sobre a mesa.

— É melhor não ser o que estou pensando — rosno por entre os dentes enquanto abro a pasta e examino o primeiro documento.

— Roman? O que está acontecendo? — Varya pergunta, e dá a volta na mesa até chegar perto de mim.

— Ela quer o divórcio. — Agarro a escrivadinha e a arremesso para o meio da sala. O móvel cai de pernas para cima, mandando o *notebook* e os papéis pelos ares, e eu grito: — Ela não vai ter a porra do divórcio!

Nina

Os papéis voltam dois dias depois. Parada na porta, rasgo o envelope, pego os documentos e olho para a linha no canto direito onde está impresso o nome de Roman. Acima dela, na área pontilhada onde deveria estar sua assinatura, há um grande “Não” vermelho. Viro a página. O mesmo grande “Não” vermelho. E na próxima. E na próxima.

— Roman, seu maldito filho da mãe.

Pego o celular e ligo para meu advogado.

— Preciso de mais cópias da papelada do divórcio.

Reenvio os documentos no mesmo dia. Eles voltam um dia depois. No entanto, em vez de sua assinatura, todo o canto inferior direito está queimado. Na próxima vez que recebo o envelope de volta, não existe nenhum documento dentro. Em vez disso, encontro um punhado de cinzas brancas. Quero gritar e rir ao mesmo tempo, mas acabo chorando de novo. Na manhã seguinte, decido que já é o bastante, pego o telefone e ligo. Ele atende no primeiro toque.

— Nina. Suponho que tenha recebido minha resposta.

Só de ouvir sua voz, tenho vontade de chorar, mas me contenho e tento ao máximo soar normal.

— Preciso que assine o divórcio.

— Não.

— Roman, por favor.

— Não vou te dar a porra do divórcio! — ele grita. — Você me deixou, e essa foi sua escolha. Esta é a minha.

— Quer saber o que desejo, Roman? Será que pelo menos se importa?

Ele suspira.

— O que deseja, Nina?

— No mínimo, uma vida normal, Roman. Quero alguém que não decida brincar de Deus e fazer justiça com as próprias mãos, matando aqueles de quem não gosta. Não quero ser testemunha disso. Brian era um canalha, mas eu não queria que ele fosse morto por minha causa. Nunca quis isso em minha consciência. Pedi e implorei para você deixar pra lá. E você o estripou como um porco. Ainda tenho pesadelos com aquela noite, Roman.

Respiro fundo antes de continuar:

— Não posso viver no seu mundo, Roman, onde fico morrendo de medo toda vez que sai para fazer um acordo ou algo do gênero. Pensei que pudesse, mas não posso. Tem alguma ideia de como foi para mim ficar sentada na janela a noite toda enquanto estava fora a trabalho? Imaginava você numa vala em algum lugar e ficava esperando que o trouxessem de volta baleado ou morto! Mas acima de tudo, não consigo conviver com a possibilidade de que um dia você decida matar alguém só porque me olharam de um jeito diferente. Não consigo! Isso está me destruindo de dentro para fora. O que fez com Brian está me consumindo. Essa culpa, saber que alguém foi morto por minha causa. Não consigo comer. Não consigo dormir. Continuo vendo o corpo dele coberto de sangue, seus dedos decepados no chão. Caramba, Roman... Não consigo desver todo aquele sangue nas suas mãos.

Estou chorando tanto no final que não tenho certeza se ele entendeu metade do que falei.

— Você entende, Roman?

Há apenas silêncio do outro lado, e começo a me perguntar se o homem desligou quando finalmente ouço sua voz:

— Sim, entendo — diz, e a linha fica muda.

Um dia depois, chega outro envelope. Abro e examino os papéis. Ele assinou. Olho para a assinatura do pakhan, e dói tanto que nem vejo o bilhete preso no alto da página a princípio.

Se precisar de mim, sabe meu número. Se não quiser contato comigo, ligue para Maxim ou Dimitri. Dei instruções a eles para que, caso ligue, façam o que pedir e não me contem nada. Por favor, ligue para Varya de vez em quando. Ela sente sua falta. Cuide-se, malysh.

Aperto o bilhete no peito enquanto meu coração se parte em um milhão de pedacinhos.

Roman

Duas semanas depois

Inclino-me para trás e olho para Maxim quando ele se aproxima da mesa.

— Estou ouvindo — digo.

— A próxima remessa está prevista para chegar amanhã à noite.

— Quantas caixas?

— Onze. Foi o melhor que conseguimos fazer em cima da hora.

— Verifique todas as armas. Não quero contratempos no sábado. Os italianos não suspeitam de nada?

— Não.

— Ótimo. Garanta o rodízio frequente dos homens nos próximos dias. Qual é o plano da ofensiva?

— Duas equipes. Seis soldados de infantaria cada. Dimitri e Anton vão com a primeira. Mikhail e Yuri com a segunda.

— Deixe Mikhail de fora. — Balanço a cabeça. — Não quero correr o risco de ele levar um tiro, Lena precisa dele. Mande Sergei no lugar.

— Não acho que seja uma boa ideia. O comportamento de Sergei está cada vez mais instável. Ele não vai seguir as ordens de Yuri.

— É claro que não vai. — Praguejo e descarto o documento que estava lendo. — Vou com Sergei. Yuri não sabe dar um tiro que preste.

Maxim olha para mim como se eu tivesse enlouquecido. Talvez eu tenha.

— Por cima do meu cadáver, Roman.

— Não está aberto a discussão. Sou o único que pode garantir que Sergei se comporte.

Ele me encara com a mandíbula travada, tira os óculos e os aponta com raiva para mim.

— Nem consegue andar, porra.

— Pode até ser, mas além de Sergei, ainda sou o melhor atirador da Bratva.

— Não vou permitir, Roman. É suicídio.

— É mesmo? Então vamos dar a alguém mentalmente instável uma arma e um monte de explosivos e mandá-lo para o campo sem supervisão. Sergei é capaz de aniquilar um quarteirão inteiro em menos de uma hora.

— Então, não enviaremos Sergei. Você o suspendeu do serviço de campo por um motivo.

— Esta é uma ocasião especial. Com supervisão, ter Sergei em campo é como ter um batalhão de assalto de um homem só. Preciso de Mikhail ou Sergei no sábado. E Mikhail está fora.

Maxim não comenta nada, apenas balança a cabeça e aperta as têmporas.

— Nunca viu Sergei em ação. — Recosto-me na cadeira e abro um sorriso sereno. — É lindo de ver. Sabia que ele já limpou sozinho um galpão inimigo? Quatorze homens. E foi baleado apenas uma vez.

— Não é à toa que vocês dois são parentes de sangue — suspira Maxim. — Ambos são completamente loucos.

— Bem, então está resolvido. — Volto para a frente e fecho o *notebook*. — E ela?

— Vai dar uma exposição no mês que vem. Ivan viu o anúncio.

— Só expor, ou vai ter peças à venda?

— Vou checar.

— Se for de vendas, ligue para a galeria com antecedência e compre tudo. — Ergo o rosto para ele. — Anonimamente. O que mais?

Percebo que ele está tenso e desvia o olhar.

— Mais alguma coisa, Maxim?

— Ela mexeu no cabelo.

— Cortou?

— Não. Só pintou.

— Loiro?

— Não. É... roxo.

Ela pintou o cabelo de roxo. É impossível não sorrir um pouco.

— Isso é tudo, Maxim.

*Nina**Um mês depois*

Diferentes tons de preto e cinza, nada mais. Pego um pouco da tinta amarela com o pincel e tento dar algumas pinceladas sobre as formas escuras da tela, mas ela acaba borrada com a camada anterior de preto. Meio que reflete meu estado de espírito nas últimas semanas. Tons de preto, e cada tentativa de adicionar um pouco de cor acaba sendo um fracasso. Não devia ter devolvido Brando. Talvez não estivesse me sentindo tão sozinha com ele aqui.

Deixo a tela e vou ao banheiro. As camadas anteriores devem secar até amanhã à noite, e tentarei de novo. Quando será que vou conseguir processar algo além de tons de cinza? Com certeza não será amanhã.

Três tubos de tintura capilar estão jogados ao lado da pia. O roxo que experimentei durou duas semanas antes de desbotar. Que conveniente. Pego o segundo tubo. Talvez o azul dure mais. Demoro duas horas para terminar com o cabelo e tomar uma ducha, e são quase seis da manhã quando finalmente vou para o quarto. O sol já começou a nascer, então puxo as grossas cortinas da janela e me deito. Ainda não consigo dormir durante a noite, por isso inverti e passei a ir para a cama pela manhã e a trabalhar durante a noite. Assim que fechava os olhos, eu via Roman girando a faca de novo, com as mãos encharcadas de sangue. Era bem mais fácil lidar com essa imagem durante o dia.

Essa fase passou depois de um mês, e agora a única coisa que vejo em meus sonhos é Roman. Infelizmente, nada torna mais simples lidar com essa nova visão, seja de dia ou de noite. Às vezes, quando acho penoso dormir, fecho os olhos e finjo que ele está ao meu lado.

Talvez eu devesse ir embora, fazer as malas e pegar o primeiro trem para qualquer lugar, trocar de trem em uma estação ao acaso até chegar a

algun destino longínquo. Poderia arranjar trabalho em uma fazenda ou algo assim, limpando bosta de cavalo e pintando no tempo livre. Ou poderia começar a usar o esterco em vez de tinta. Começar uma nova tendência artística. É, vou pensar no assunto.

Roman

Maxim entra na cozinha e para junto à ilha, com as mãos cruzadas nas costas. Ele fica observando o doutor cuidar do meu braço.

— Os italianos sabotaram um de nossos armazéns — avisa.

— Quais foram os danos?

— Só o prédio, nada que não tenha conserto.

— Algum ferido?

— Era um dos vazios, então não havia nenhuma segurança alocado lá.

Só os italianos para queimarem um depósito vazio. Que idiotas.

— Dobre o número de homens nos armazéns com mercadorias.

— Já fiz isso.

Agradeço ao doutor, fico de pé e vou até a janela que dá para o pátio.

— O que ela tem feito?

— Mudou o cabelo de novo. Agora está azul.

— Algum... homem?

— Pelo que vimos, nenhum.

— Quando aparecer um, e isso vai acontecer, por nada neste mundo me deixe saber, Maxim.

Roman

Um mês depois

Ouçõ a voz de Maxim em meu auricular.

— Ivan ligou. Dois carros acabaram de passar por eles e estão indo para aí. Dê o fora.

Praguejo.

— Sergei ainda está lá dentro — digo, confiro a arma e me concentro na parte de trás do armazém dos italianos.

— Vão chegar em menos de cinco minutos, Roman.

— Não vou abandoná-lo.

— Eu te disse para levar mais homens! Droga, Roman, você nunca ouve.

— Deveria haver apenas dois seguranças. Talvez alguém os tenha avisado. Vamos embora assim que Sergei sair.

Viro-me para Anton, no banco do motorista, e aceno com a cabeça para a porta dos fundos, do outro lado do armazém, a uns quinze metros de distância.

— Assim que vir Sergei, dê a partida. Teremos companhia.

Dois minutos depois, ouço os carros se aproximando pela direita e, logo em seguida, a porta dos fundos do depósito se abre e Sergei sai correndo.

— Rápido! — grito.

Anton liga o carro e acelera em direção a Sergei. Abro a janela, miro em um dos veículos que se aproxima pela estrada secundária e começo a atirar. O primeiro dá uma guinada, o motorista provavelmente perde o

controle quando uma bala atinge o pneu e bate em uma árvore. O segundo carro passa por ele e acelera em nossa direção. Dou mais dois tiros, e Anton freia de repente. Ouço a porta se abrindo, e Sergei entra.

— Estão se divertindo sem mim — diz ele, e ri. Maníaco.

— Dirija! — grito para Anton, troco o pente e volto a atirar nos italianos que pararam a seis metros de nós e estão tentando sair do veículo. Consegui acertar os dois pneus dianteiros antes de nosso carro dar uma guinada brusca.

— Acabe com eles — grito por cima do ombro, com os olhos ainda no carro dos italianos.

— Deixa comigo. — Ouço Sergei dizer atrás de mim. Um segundo depois, vem a explosão.

Olho pelo espelho retrovisor e vejo a parte oeste do armazém desabar.

— Avise Maxim que saímos — digo a Anton, depois me viro para Sergei. — Teve algum problema?

— Além de você ter levado a maioria das minhas coisas, não.

— Queria que apenas o prédio deles fosse destruído. Você trouxe explosivos o bastante para detonar metade de um continente.

Balanço a cabeça. Maxim estava certo. Ele é completamente instável.

Nina

Abro a porta e me deparo com minha mãe.

— O que está fazendo aqui?

— Você não atende ao telefone há semanas. Fiquei preocupada.

Dou passagem para ela entrar, fecho a porta e sigo para a sala de estar.

— Mandei uma mensagem ontem.

— É, o seu “estou bem, pare de ligar” não me convenceu. Como está se sentindo?

— Como se tivesse sido atropelada por um trem.

Dou de ombros, pego o pincel e continuo a trabalhar em minha pintura.

— Está horrível, Nina.

— Obrigada, mamãe.

Pelo canto do olho, vejo-a entrar na sala e se virar devagar, dando uma olhada nas pinturas alinhadas nas paredes.

— Costuma acrescentar alguma cor viva. Tudo aqui é cinza e preto?

— Como saberia disso? Nunca se interessou pela minha arte.

Ela não responde, mas vem para perto de mim e me observa pintar por um tempo.

— Consegui aquela com a garota de vestido verde. Penduramos na sala de estar.

Meu pincel congela sobre a tela.

— Pensei que ela tivesse sido vendida com as outras para um comprador anônimo. Ele as devolveu?

— Não. Ele me deixou ficar com ela.

Olho para ela.

— Ele?

— Seu marido. Foi ele quem comprou os quadros.

Respiro fundo e me volto para a tela.

— Ele não é mais meu marido.

Tento retomar o trabalho, mas a mão que segura o pincel está tremendo, então o abaixo e fico olhando para a forma preta inacabada à minha frente. Mamãe segura meu ombro e me vira para ela.

— O que aconteceu entre vocês, querida? Achei que ficariam juntos.

— Eu o vi estripando Brian — digo. — Depois de ter arrancado a maior parte de seus dedos.

— Ele o matou?

— Matou.

Ela fica em silêncio por um instante e depois balança a cabeça.

— Ele ama você.

Sinto as lágrimas começarem a se acumular em meus olhos.

— Sim, ele ama. Mas, às vezes, o amor não é suficiente.

— Sabia quem ele era, Nina, e mesmo assim se apaixonou por ele. Não pode perdoá-lo?

— Roman faria de novo, mamãe. Não posso carregar outra morte na consciência. Essa já foi demais. Isso faz de mim uma hipócrita? Nunca ter me incomodado com o que ele fez ou quem matou antes?

— É assim que o mundo dele funciona. Mas não o seu.

Viro-me para a tela e pego o pincel de novo.

— Tenho até amanhã para terminar este.

— Está bem, querida. Vou deixar você trabalhar. — Ela estende a mão e toca de leve o dorso da minha mão. — Por favor, atenda quando eu ligar.

Ouçó os passos de minha mãe se afastando e depois parando. Quando me viro, vejo que ela está na porta, com o rosto ligeiramente curvado para baixo.

— Eu estava errada sobre seu marido — diz, depois levanta a cabeça, e nossos olhares se cruzam. Há um semblante estranho em seu

rosto. Estou completamente confusa com suas palavras e com toda a visita em geral. — Seu pai nunca mataria um homem por minha causa, sabe?

— Bem, isso é uma coisa boa, mamãe.

— Não, querida. Não é — diz ela, e vai embora do apartamento.

*Nina**Uma semana depois*

Meu celular começa a tocar na mesa de cabeceira, mas ignoro e cubro a cabeça com um travesseiro. O toque para, mas recomeça um minuto depois. Gemendo, pego a porcaria do telefone e atendo sem ver quem é.

— Acordei você, minha filha?

Sento, acordando instantaneamente.

— Varya?

— Preciso falar com você. Posso dar uma passadinha aí?

— Claro que pode. Vou mandar o endereço por mensagem.

— Chego em uma hora.

— Varya, o que está acontecendo? Ele... está bem?

— Está, pelo menos por enquanto. Conversamos quando eu chegar aí.

Um mau pressentimento brota em meu peito enquanto encaro o celular. Tem algo errado, sei disso. Corro até o banheiro para tomar banho e trocar de roupa. Estou recolhendo os pincéis e os esboços descartados espalhados pelo chão da minha sala de estar quando a campainha toca.

— Que merda ele aprontou agora? — pergunto no segundo em que a mulher entra.

— Gostei do cabelo, *kukolka*. O verde cai bem em você. — Ela me dá um beijo e abre um sorriso que não alcança os olhos. — Vamos sentar.

Levo Varya até a cozinha, sirvo duas xícaras de café e me acomodo de frente para ela. Pegando a xícara, a senhora fica olhando para o café.

— Pode voltar, por favor?

Sua pergunta me surpreende e, por um segundo, fico sem palavras, encarando-a.

— Não vou voltar. A gente se divorciou há três meses, sabe disso.

— Roman declarou guerra aos italianos. Ele fez isso de propósito. Estão brincando de gato e rato há meses, atacando os carregamentos uns dos outros, explodindo armazéns.

— Meu Deus do céu. Que droga ele estava pensando?

— Não estava. Acho que queria uma distração, e os italianos foram uma escolha conveniente.

— Uma distração e tanto. Ele enlouqueceu?

— Talvez. — A mulher dá de ombros e toma um gole do café. — Eu estava lá quando ele assinou o divórcio, sabe? Acho que, até aquele momento, Roman acreditava que você acabaria voltando. Mas depois de assinar os papéis... ele simplesmente surtou. Duas semanas depois, enviou os homens para interceptar um dos carregamentos dos italianos. E foi junto.

— Ele fez *o quê*?

— Disse que precisava ficar de olho em Sergei, e pensei que seria uma vez só. Mas não foi.

— Pensei que um pakhan deveria lidar com a organização, gerenciar negócios ou qualquer uma dessas merdas, não ficar brincando de soldadinho.

— Ele nem parece se importar, minha filha. Sabe o quanto é importante em nosso mundo se um soldado conseguir matar um pakhan? Aquele que consegue se torna um herói entre os seus. Quando são apenas os soldados no campo de batalha, está tudo normal, mas com um pakhan lá, ele se torna o alvo principal.

— Varya, eu... não sei o que espera que eu faça. Que ligue para ele e peça para deixar de agir como um idiota?

— Preciso que volte. Com você lá, ele não será tão imprudente. Não vai querer te preocupar.

— Ele é adulto, Varya. Não precisa que eu seja seu botão de desligar.

— Roman ama você, Nina. Acho que não tem noção do quanto.

— Um homem morreu por minha causa. Eu disse a Roman que não podia conviver com isso e, mesmo assim, ele matou. Se me amasse de verdade, nunca teria feito isso comigo.

— Sabe como Roman se tornou um pakhan, minha filha? — pergunta Varya, e eu balanço a cabeça. — Vou contar a história. Talvez ajude você a entender melhor.

Ela olha para a xícara e começa a mexer o café com uma colher.

— A mãe de Roman se casou com o pai dele quando tinha só dezoito anos. Lev era vinte anos mais velho do que ela, e era um homem muito ruim, *kukolka*. Entrei naquela casa com Nastya. Eu a conhecia desde bebê e odiava quando via Lev maltratando a pobrezinha desde que ela chegou. Ele a espancava, mesmo quando estava grávida. Depois de Roman fazer cinco anos, começou a desafiar o pai de propósito para Lev descarregar sua raiva nele, e não em Nastya. Funcionou por alguns meses. Até não funcionar mais. Uns dias antes do sexto aniversário do filho, Lev bateu tão forte em Nastya que ela caiu da escada. Roman viu.

— Ele a matou?

— Sim. Pescoço quebrado. Na época, assumi a responsabilidade de cuidar de Roman. Lev se casou de novo alguns anos depois, mas Marina conseguiu fugir. Não tenho certeza do que aconteceu com ela, mas depois disso, nunca mais tivemos notícias.

— Acha que ele a matou também?

— Provavelmente. Quando Roman cresceu, comecei a trabalhar como governanta e fiz o possível para ficar o mais longe possível do pakhan. Cuidava da equipe e não tinha nenhum motivo para cruzar o caminho de Lev. Até que um dia ele me chamou. Quando entrei na biblioteca, ele me agarrou pelo pescoço e me jogou contra a parede, sufocando-me. Estava furioso porque a empregada não trocou os lençóis naquela manhã, como havia ordenado. Quando Roman entrou, eu já estava

meio desmaiada. O garoto matou o pai e, se não tivesse feito isso, Lev teria me enforcado até a morte.

Olho para Varya, e ela está com o olhar fixo na mão que levantei em algum momento e, inconscientemente, coloquei em meu pescoço.

— Todos temos algum tipo de gatilho, minha filha. Roman viu aquele homem como uma ameaça para você e o neutralizou. Não estou dizendo que fez o certo. Só estou tentando fazer você entender. Hoje ele sabe que as decisões te magoaram, e acredite em mim quando digo que ele jamais faria algo intencional capaz de te causar qualquer tipo de dor. Ele está loucamente apaixonado por você, e acho que, quando foi embora, algo se rompeu dentro dele. Não se importa mais com nada. Acho que está fazendo todas essas imprudências de propósito. Ele... levou um tiro no mês passado.

— O quê? — sussurro, e as lágrimas que eu estava segurando transbordam.

— No braço. Teve sorte, foi de raspão, nada sério. Dessa vez. Por favor, pelo menos fale com ele. Roman vai se matar, Nina. É só uma questão de tempo.

— Ah, vou falar com ele. — Levanto-me e corro para pegar a jaqueta e a carteira, enxugando as lágrimas com a manga da camiseta no caminho. — Vou chamar um táxi.

— Vova pode nos levar. Acho que é o turno dele — diz Varya num tom despretensioso.

— Ele está na vizinhança?

— Pode-se dizer que sim. Está do outro lado da rua.

Levanto a cabeça para ela, depois vou até a janela e olho para fora. Como disse, há um carro desconhecido parado lá.

— Ele está me vigiando?

— Roman despachou uma equipe de segurança para você. Estão aqui há meses.

— Vou matar ele.

Quando saímos do prédio, atravesso a rua em direção ao carro e bato na janela. Vova levanta a cabeça e me encara com os olhos arregalados, baixando rapidamente a janela.

— Nina Petrova?

Cerro os dentes, mas não o corrijo, apenas faço um sinal com a cabeça para Varya, que está se aproximando.

— Precisamos de uma carona.

— É claro. — Ele destranca a porta, e entramos no banco de trás. — Para onde precisam ir?

— Vou fazer uma visita ao pakhan — digo, e me recosto no assento.



Levamos quase uma hora para chegar. Assim que o carro para na entrada da garagem, saio e subo correndo os degraus de pedra até a porta principal. O segurança de guarda olha surpreso para mim, depois acena e abre a porta.

— Cadê ele, Kolya?

— Acho que o pakhan está no escritório.

Atravesso correndo o saguão e viro à esquerda rumo ao corredor da ala oeste que leva ao escritório de Roman. Quanto mais me aproximo da porta dele, mais minha bravata se esvai. Quando a alcanço, estou uma pilha de nervos e ansiedade. Vou vê-lo de novo depois de todo esse tempo, e estou ao mesmo tempo empolgada e assustada. Quero entrar, mas também quero dar meia-volta e sair correndo. Não há como voltar atrás agora — é tarde demais.

Segurando a maçaneta, respiro fundo, formo uma máscara sem expressão e entro sem bater. Roman está sentado atrás de sua mesa, olhando

entre os papéis em suas mãos e a tela do *notebook*. Deixo a porta se fechar, apoio as costas nela e o observo por alguns segundos. Meu Deus, senti tanta falta que só de olhar para ele já dói.

— Fiquei sabendo que levou um tiro — digo, e me surpreendo com a naturalidade do tom de voz – nem um tremor na voz, mas um furacão por dentro.

A cabeça de Roman se levanta, o olhar se choca com o meu, e ele me encara com tanta força que, se eu não tivesse a porta às minhas costas, teria cambaleado para trás. Há tanta coisa acontecendo em seus olhos, diferentes emoções piscando e sendo substituídas por outras rápido demais, não consigo captar todas. Há surpresa, mas está misturada com mágoa e tanta raiva que não posso deixar de recuar.

— E como isso diz respeito a você, Nina?

Palavras calmas e raivosas, cada uma perfurando meu coração já dilacerado.

Ele me odeia.

— Só queria ter certeza de que estava bem.

O homem se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Por quê?

Por quê? Uma pergunta tão simples. E tantas respostas. Porque eu estava com medo por ele. Porque sentia sua falta e queria vê-lo, mesmo que por apenas um minuto. Porque eu o amo. Mas em vez de responder, fico ali parada tentando controlar a respiração porque, de repente, parece não existir ar suficiente na sala.

Roman se levanta, pega a bengala encostada na escrivaninha e vem em minha direção. Ele se apoia na bengala com muito esforço, mas os passos são seguros e bem rápidos até. Uma lágrima escapa pelo canto do meu olho. Ele conseguiu. Sabia que conseguiria. O russo para na minha frente e levanta a mão, colocando-a na porta ao lado da minha cabeça, enjaulando-me. Ele abaixa a cabeça, e nossos rostos ficam a meros centímetros de distância.

— Fiz uma pergunta. Preciso de uma resposta, *malysh*.

A represa se rompe ao ouvir o apelido, e as lágrimas escorrem livres pelo meu rosto. O lábio inferior começa a tremer, então eu o mordo e levanto lentamente as mãos até seu rosto. Elas estão tremendo também. Hesito por um segundo, depois coloco as palmas em suas bochechas.

— Você. Me. Deixou — ele sussurra, e depois golpeia a porta com a palma da mão. — Você me deixou, porra!

— Eu sei.

Raiva. Tanta raiva em seus olhos enquanto olha para mim, com a mandíbula rígida.

— Sinto muito por ter magoado você — Roman sussurra. — Queria poder voltar no tempo e fazer as coisas de outra forma. Não posso, e isso é um fato. Mas não sinto muito por ter matado aquele desgraçado. Esse é outro fato para você. Vou perguntar de novo. Por que se importa se levei um tiro?

Não consigo desviar os olhos dos dele. O pakhan não se arrepende do que fez. Posso viver com isso?

Roman cerra a mandíbula, levanta a mão e a enterra no cabelo da minha nuca.

— Responda, caramba!

— Porque amo você, Roman! — Pressiono as mãos em suas bochechas e sacudo a cabeça teimosa. — Eu amo você. Não consigo suportar a ideia de se machucar. Você vai acabar com essa maldita guerra que começou, está me ouvindo? Não estou nem aí para como vai fazer isso, mas dê um fim a ela, ou, que Deus me ajude, eu mesma te mato.

Ele não diz nada por um tempo, fitando meus olhos com os dedos agarrados à minha nuca.

— Case comigo — diz —, e eu acabo com a guerra.

Roman

Os olhos de Nina se arregalam com a proposta. Ela provavelmente está se perguntando se falei sério, e pode apostar que falei. Não importa os meios, vou recuperá-la.

— Está me chantageando para eu casar com você. De novo.

Não é uma pergunta, mas decido esclarecer mesmo assim.

— Sim, estou.

Seus olhos se fixam nos meus, e eu os observo com atenção. As bordas estão vermelhas, e as lágrimas ainda escorrem. Acho que ela nem percebe, mas continua chorando, e sinto vontade de enxugá-las. Esta será a última vez que Nina vai chorar por minha causa. É um voto a mim mesmo.

Preciso que ela diga sim. Não há como enfrentar mais uma noite sem minha gatinha selvagem aninhada ao meu lado. Ela levou meu coração sombrio junto no dia em que foi embora e, se disser não, pode ficar com ele. De qualquer forma, estou estragado para todo o resto.

— Meu Deus, Roman... — Nina suspira e aperta os olhos com as palmas das mãos.

Contemplo as mãos manchadas de tinta preta, e uma pequena chama de esperança brota em meu peito.

— Não tirou as alianças.

Ela abaixa as mãos e funga.

— Não consegui.

Ok. Estamos chegando a algum lugar. Pego sua mão e tiro os anéis do dedo. Eles saem com facilidade. Ela perdeu peso. Vou esganar essa mulher.

— Devolva! — ela grita, e agarra minha mão, mas eu a levo às costas.

— Vou devolver. Só preciso de alguns segundos — digo. Segurando a bengala, começo a abaixar devagar o joelho esquerdo até o chão.

Nina me observa com os olhos arregalados. Está chorando de novo.

— Que droga, querido. Não faça isso.

Ignoro a dor lancinante na perna direita e desço o joelho esquerdo um pouco mais. Não é a pose exata da minha imaginação, mas é o mais próximo que consigo chegar em um joelho só. Levanto as alianças na frente dela.

— Quer casar comigo, *malysh*?

Ela geme e solta o ar, com lágrimas ainda escorrendo pelo rosto, depois agarra minha camisa e me puxa para cima. Demoro alguns segundos para me endireitar e, quando consigo, a garota levanta a mão entre nós.

— Dessa vez, não vai se safar com a versão barata, Roman. — Nina funga. — Quero um vestido grande, esvoaçante e brilhante. Quero uma tonelada de flores, uma orquestra tocando música pomposa e, é claro...

Sinto os lábios subirem num sorriso. Estou tão apaixonado pela minha esposa doidinha.

— Eu te amo — sussurro, coloco as alianças em seu dedo, depois seguro seu rosto e a beijo.



Traço a palma da mão pelas costas de Nina, depois a desço para apertar sua bunda e refaço o caminho até a parte de trás de sua cabeça, onde os dedos se prendem em fios verdes escuros emaranhados.

— Isso sai com água?

Nina levanta a cabeça do meu peito e olha para a mecha de cabelo entre os dedos.

— Não é fã de verde?

— Na verdade, não. Mas se gosta, tudo bem. Mesmo assim, é horrível.

— Vai sair em uma semana mais ou menos. Também odeio. — Ela dá de ombros e abaixa a cabeça de novo, logo acima do meu coração. — Como vai pôr fim à guerra com os italianos?

— Do jeito tradicional. Alguém vai casar com uma doce e submissa italianinha.

— Que romântico. E quem é o noivo sortudo?

— Ainda não decidi. Provavelmente Kostya.

— Tenho certeza que ele vai ficar felicíssimo. — A moça boceja e fecha os olhos. — Como está indo a fisioterapia?

— Terminei há duas semanas. Warren disse que atingimos o máximo que poderíamos alcançar, então não há mais necessidade.

— Fico feliz. Sei como odiava aquelas sessões. Você fica *sexy* com a bengala, exatamente como previ.

Ela abre um sorriso sonolento.

Tiro alguns fios de cabelo de seu rosto e olho para a parede ao lado da cama, onde minhas muletas estão apoiadas. Acho que a garota nem prestou atenção nelas quando entramos – estávamos mais preocupados em tirar as roupas a caminho da cama. De qualquer forma, descobriria pela manhã, mas prefiro acabar logo com isso.

— Nina... preciso contar uma coisa.

— Mhm... pode esperar até de manhã?

— Não.

Ela levanta a cabeça na hora, com os olhos cravados em mim.

— O que aprontou?

— Não aprontei nada. É apenas algo que preciso que saiba.

— Ah, meu Deus... — ela geme. — Conte de uma vez o que aprontou.

Minha linda florzinha está me observando com os olhos bem abertos. Odeio ter de contar a ela. Odeio tanto que fico enjoado.

— Ainda estou usando as muletas, Nina. O joelho continua duro pela manhã, e não consigo andar sem elas na primeira hora. — Cerro os dentes e continuo: — Às vezes, também preciso delas à noite.

Ela fica apenas me olhando, com os olhos grudados nos meus. Preciso que diga alguma coisa. Qualquer coisa.

— E? — a moça pergunta por fim.

— E o quê? É isso.

Seus olhos se abrem ainda mais.

— Puta que pariu, Roman, não me assuste assim. — A jovem golpeia meu peito com a palma da mão. — Pensei que fosse me contar algo importante, como ter matado Igor enquanto estive fora. Caramba, querido.

Fico encarando Nina. Não é a reação esperada. Decepção, sim. Ou pelo menos algum desapontamento quando se desse conta de que acabaria presa a um deficiente pelo resto da vida. Isso não é importante? Talvez ela pense ser temporário.

— Nina, não está entendendo. Não vai ficar melhor do que isso para mim. Sinto muito, *malysh*.

Ela se inclina até tocar a testa na minha e põe as palmas das mãos de cada lado do meu rosto.

— Sim, já me contou. Também vi as muletas e cheguei a essa conclusão sozinha, querido. Mas não poderia me importar menos. — Ela pousa um beijo em meus lábios. — Então, não matou ninguém na minha ausência?

Decido recorrer ao direito de ficar calado e, com sabedoria, mantenho a boca fechada.

— Roman? — Ela estreita os olhos para mim.

Suspiro.

— Matei Tanush, ok?

— Eu sabia. Eu...

A garota balança a cabeça.

— Foi ele quem armou a bomba com Leonid.

Nina me encara, franze o nariz e depois acena com a cabeça.

— Ele mereceu — diz, e retoma seu lugar em meu peito. — Mas, por favor, não mate mais ninguém por minha causa.

Fico ouvindo até sua respiração se acalmar. Quando tenho certeza de que mergulhou num sono profundo, tiro sua mãozinha do meu peito e beijo as pontas de seus dedos.

— Matarei qualquer um que se atrever a te machucar — sussurro. — Só vou me certificar de que, na próxima vez, você não descubra.

*Nina**Dois meses depois*

Do outro lado da cozinha, com as mãos nos quadris, fulmino Roman com o olhar.

— Não vai comigo comprar o vestido de noiva.

— Vou ficar do lado de fora do provador. Não vou olhar, mas *vou* estar lá.

— Não.

— Sim.

— Isso é ridículo.

— Meu temor por sua segurança não é ridículo. Ainda não consegui esquecer o dia em que o canalha que Leonid contratou tentou te matar. Não faz ideia do que aquela hora sem saber se estava ferida ou morta fez comigo. Não vou passar por isso de novo.

Ele entra na minha frente, enlaça minha cintura com o braço e me coloca no balcão. Esse se tornou meu lugar favorito.

— Exibido.

Estendo a mão e apalpo seus bíceps duros como pedra.

— Adora quando faço isso — ele diz, e se encaixa entre minhas pernas. — E me poupa de forçar o pescoço.

Sinto sua mão na parte de trás do joelho e depois subindo pela minha coxa até a calcinha. Ele coloca a bengala sobre o balcão e, em seguida, desliza a outra mão por baixo da saia.

— Vou me atrasar para a prova.

— Eles vão esperar — o russo sussurra em meu ouvido e, de repente, ouço a calcinha rasgar. — Preciso encontrar o arquiteto que calculou a altura deste balcão — ele pega o cinto, abre a fivela e começa a desabotoar a calça — e dar uma boa gorjeta.

— Boa quanto? — Sorrio, prendo as pernas em volta de sua cintura e me agarro à borda da bancada.

— Muito boa.

Ele aperta minhas nádegas e se enterra todo em mim com uma só investida.



— Roman — digo uma hora depois. — Quero tentar de novo.

Sua mão permanece em minhas costas.

— Não.

Temos tentado superar meus medos, e parece que estamos chegando a algum lugar. Quando ele segura meus pulsos, já não é mais um gatilho. Foi o que tentamos primeiro. Porém, quando tentamos comigo deitada de costas, chegamos a um beco sem saída. Sempre que Roman tentava se deitar em cima de mim, mesmo sem me prender com o corpo, eu surtava. Isso estava me dilacerando por dentro. Queria tanto sentir seu corpo cobrindo o meu, mas a mente sempre processava mal a situação. Não sei o que fazer para resetar o cérebro ferrado para as configurações de fábrica.

Levanto a cabeça e procuro seus olhos.

— Por favorzinho?

Roman segura meu rosto, o olhar ardente no meu, e consigo ver em seus olhos. Isso também o incomoda.

— Faz ideia do que sinto quando congela de medo embaixo de mim, quando vejo o pânico em seus olhos? Destrói-me todas as vezes. Por favor, não me peça para continuar te machucando. Não posso suportar.

— Só mais uma tentativa — imploro, esforçando-me para não deixar as lágrimas caírem. Eu o amo tanto, então por que o cérebro estúpido não consegue entender que ele nunca me faria mal?

Roman suspira e beija minha testa.

— Está bem.

Deito-me de costas, pego a mão dele e a coloco na barriga, onde o homem começa a acariciar minha pele. Com cuidado, o pakhan move a perna direita sobre a minha e se aproxima até colar seu peito e estômago ao meu lado.

— Tudo bem? — ele sussurra, e faço que sim com a cabeça.

Devagar, o russo se ergue sobre o cotovelo e posiciona a mão oposta do outro lado. Respiro fundo e o assisto enquanto ele se desloca para cima de mim, apoiando o peso nos cotovelos. Minha respiração se acelera, e percebo que ele fica imóvel. Vai se afastar. Vejo em seu rosto. Não. Não vou mais deixar esse medo absurdo me dominar.

Estendo a mão, notando como os dedos tremem, e toco sua bochecha.

— Preciso que fale comigo, querido.

Devo fazer o cérebro entender que é Roman.

— Eu amo você, *milaya*. Amo demais — ele sussurra, sem quebrar o contato visual. — Acho que me apaixonei por você na primeira vez em que nos vimos. Era tão durona, com aquela roupa preta de emo e o *piercing* no nariz, parada na minha frente, tão composta e tão brava.

Minha respiração continua mais rápida do que o normal, a mão ainda treme e sinto vontade de fugir, mas aperto os dentes e me concentro na voz de Roman.

— Você me enfeitiçou, minha florzinha. Naquela noite, na festa em que supostamente nos conhecemos, quis te beijar assim que afirmou não ser

um *poodle*.

Coloco a outra mão em seu peito e sinto seu coração bater. A respiração acelerada se abranda um pouco.

— Acredita em amor à primeira vista, *malysh*? — pergunta ele, e abaixa a cabeça alguns centímetros. — Sempre achei isso uma grande bobagem. Estava errado. Muito errado.

Sua cabeça desce mais, até o nariz quase encostar no meu, com aqueles olhos traiçoeiros cravados nos meus.

— Te amo tanto que queimaria a porra do mundo por você. — Nossos lábios quase se tocam. — Você criou um monstro, Nina, porque não há nada que eu não faria. Basta pedir.

Minhas mãos quase param de tremer, e a respiração já está voltando ao normal. Lentamente, entrelaço os braços ao redor de seu pescoço e o puxo para dar fim aos últimos centímetros, até sua boca enfim encontrar a minha.

— Por favor, não queime nada hoje, querido — digo em seus lábios.

Sinto sua boca se alargar e vejo os cantos de seus olhos se enrugarem.

— Vou pensar nisso — ele sussurra, e me beija.

Há um leve peso pressionando meu peito. Roman ainda está se apoiando nos cotovelos, mas com a frente do corpo quase colada em mim. Tenho um breve momento de pânico quando registro a posição do corpo, mas então o cérebro se concentra nos seus lábios, e os músculos relaxam. Meu Deus, esse homem sabe beijar.

— Mais, querido — murmuro em seus lábios, e o russo deixa um pouco mais de seu peso repousar sobre mim.

— Bom?

Não apenas bom. Perfeito. E agora a parte mais difícil.

— Mão no meu pescoço, Roman.

— Nina.

— Por favor.

Ele corre a mão direita devagar sobre meu peito, depois sobe até alcançar o pescoço. Minha respiração trava. As mãos se imobilizam em seus ombros, e fecho os olhos.

— Sou só eu. — Ouço sua voz sussurrando em meu ouvido enquanto os dedos acariciam meu pescoço. — Nunca farei mal a você. Prefiro decepar minha própria mão. Por favor, volte para mim. Sabe que não sou mais do que ruínas sem você, *malysh*.

Uma lágrima escapa quando abro os olhos e o vejo – meu grande e malvado marido, olhando-me com preocupação.

— Eu te amo tanto que não é saudável — digo, depois colido a boca na dele e envolvo as pernas em sua cintura.

Roman entra bem devagar em mim. Ele ainda teme que eu pire, mas não vou, sei disso. Nunca tive medo de ele me machucar, e parece que o cérebro perturbado finalmente entendeu o recado. Aproximo os lábios de seu ouvido.

— Quero que me foda como um louco, Roman — digo. — E se eu conseguir andar depois, *vai* sofrer as consequências.

Ele rosna, escorrega lentamente para fora de mim, depois se enterra de novo, fazendo-me gemer. Nunca pensei que fosse gostar tanto da sensação de um corpo masculino enorme pesando sobre mim. A mão de Roman passeia pelos seios e pelo estômago até chegar ao ponto em que nossos corpos estão unidos. Pressionando o clitóris, os dedos magistrais circulam e provocam. Agarro seus ombros, ofegante, enquanto o homem continua a destruir minha boceta e a mim, deslizando para dentro e para fora conforme meus batimentos cardíacos vão às alturas.

— Mais forte. — Engasgo-me e arqueio as costas.

A mão de Roman abandona a boceta e desce pela coxa, e depois, prendendo meu joelho com os dedos, levanta minha perna e a coloca em seu ombro. Quando se lança outra vez contra mim, ofego. A sensação de seu pau me preenchendo tão completamente bagunça o cérebro. Ele inclina a cabeça para me beijar e, em seguida, mete com tanta força que preciso me apoiar na cabeceira. A cama sacode embaixo de mim no ritmo de suas

investidas, e um gemido escapa de meus lábios. Meus músculos têm espasmos, mas ele continua enfiando cada vez mais forte até eu gozar com um grito.

Roman

Adoro quando ela brinca com meu cabelo. É claro que nunca vou admitir isso. Não é algo que possa ser considerado “tão pakhan”, como Nina gosta de dizer.

— Acho que vou precisar remarcar a prova — diz ela, sem parar de passar os dedos em meu cabelo. — Estamos três horas atrasados, e tenho certeza de que estão com a agenda cheia. É impossível conseguirem me encaixar.

— Claro que conseguem. — Levanto uma pálpebra e olho para ela. — Ninguém diz não para minha esposa.

— Bem, tecnicamente, ainda não sou sua esposa. Ou devo dizer não mais-ainda? — Sua mão se detém, e eu rosno com desagrado. — Acho que estamos em uma fase de transição entre casamentos. Que situação mais bizarra.

— Vamos corrigir isso em breve. — Dou de ombros e volto a fechar os olhos.

— Roman?

— Mhm?

— Tenho novidades para compartilhar. Não sei como vai reagir, mas, por favor, não entre em parafuso. Promete, nada de parafusos?

— Nina, *milaya*, nunca entro em parafuso. Sou uma pessoa extremamente equilibrada. Sabe disso. O que é?

Sinto o cabelo dela tocar meu ombro quando ela se inclina e sussurra em meu ouvido:

— Estou grávida.

Abro bem os olhos. Parece que um trem me atropelou, e há um peso pressionando meu peito, dificultando a respiração. Pego-a pelas costas e prendo seu corpo ao meu, enfiando sua cabeça sob o queixo.

— Tem certeza? Por favor, diga que tem certeza.

— Tenho certeza. Fiz um teste hoje de manhã por ter vomitado o café da manhã durante uma semana ou mais. E os seios também estão me matando. Não tomo a pílula desde quando voltei.

Fecho os olhos e a abraço por alguns instantes, processando.

— Você não vai sair da minha vista — sussurro em seu ouvido. — Não pode sair de casa sem mim. Vou pedir às empregadas para pegarem minhas coisas no escritório. De agora em diante, vou trabalhar na sala de estar.

— Roman! Está louco?

— Talvez esteja. Estou louco de felicidade e apavorado ao mesmo tempo. E você não quer aborrecer uma pessoa louca, Nina. Acredite.

— O que foi que aconteceu com o homem extremamente equilibrado, com você se autodeclarou?

— Foi embora. — Beijo seu cocuruto. — Vamos cancelar a prova e ir a um médico para fazer um *check-up* imediatamente.

— Sabia que ia entrar em parafuso. — Ela suspira em meu pescoço. — Meu Deus, espero que seja um menino.

— Por quê? — pergunto. — Eu ia adorar ter uma menina.

— A coitada nunca vai ter um namorado com esse seu jeito maluco por perto, Roman.

— É claro que vai. Quando tiver cinquenta anos. — Passo a mão entre nós e a pouso sobre a barriga de Nina. — Eu te amo demais.

— Eu também amo você, meu *kotik* perigoso.

Fim

Sobre a autora

Neva Altaj escreve romances de máfia contemporâneos e picantes sobre anti-heróis problemáticos e heroínas fortes que se apaixonam por eles. Ela tem um fraco por alfas loucos, ciumentos e possessivos dispostos a devastar o mundo por sua mulher.

Suas histórias são cheias de calor e reviravoltas inesperadas, e todas as vezes há a garantia de um “felizes para sempre”.

Neva adora receber mensagens de seus leitores, então fique à vontade para entrar em contato.

Website: www.neva-altaj.com

Facebook: <https://www.facebook.com/neva.altaj>

TikTok: www.tiktok.com/@author_neva_altaj

Instagram: www.instagram.com/neva_altaj

Amazon: www.amazon.com/Neva-Altaj

Goodreads: www.goodreads.com/Neva_Altaj